







“Nha Bijagó”.

*Respeitada Personalidade
da Sociedade Guineense.
(1871-1959)*





“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE





PREFÁCIO

Mais um trabalho que António Júlio Estácio dá à estampa, tendo como objecto uma figura marcante da sociedade guineense, desta feita “*Nha Bijagó*”, nome pelo qual ficou conhecida Leopoldina Ferreira.

Quem foi esta senhora e o que fez ela para merecer figurar em obra impressa? Isso é o que o leitor irá descobrir ao longo de mais de centena e meia de páginas deste livro que o autor intitulou “*Nha Bijagó*” – *Respeitada Personalidade da Sociedade Guineense (1871-1959)*. A própria escolha do título já é em si reveladora da razão que motivou António Júlio Estácio a biografá-la! “*Nha Bijagó*” foi, de facto, uma respeitada personalidade do seu tempo socialmente bastante influente e uma verdadeira matriarca. Abastada, mas sóbria, mulher de rígidos princípios éticos, foi, de certo modo, um modelo para os seus concidadãos.

Ao ler este livro não podemos deixar de pensar nas grandes figuras femininas, que foram as “sinharas” e que tanta influência tiveram na costa ocidental africana, em particular nos Rios da Guiné, entre o século XVI e finais do século XIX. Essas mulheres que eram na sua maioria crioulas, geriam com enorme maestria os negócios dos seus maridos europeus ou eurodescendentes, resolvendo conflitos, realizando pactos com as autoridades locais, de modo a que as actividades comerciais decorressem sem delongas e fossem coroadas de êxito. A sua condição de crioula, dava à “sinhara” uma capacidade negocial ímpar, pois sendo detentora de uma dupla identidade cultural, era com facilidade que fazia a ponte entre as populações locais e os alógenos,



nomeadamente os europeus. Ficaram famosas na Guiné algumas dessas "sinharas", como a Bibiana Vaz, a Aurélia Correia conhecida por "mamé Aurélia", a Júlia Silva Cardoso também conhecida como "mamé Júlia" e a Rosa Carvalho Alvarenga, mãe de Honório Pereira Barreto, entre muitas outras. Leopoldina Ferreira, vulgo "*Nha Bijagó*", é em meu entender uma das últimas grandes "sinharas" da Guiné, pois o seu perfil enquadra-se na perfeição no papel desempenhado por essas influentes mulheres africanas, referenciadas por diversos autores como foi o caso de André Álvares d' Almada na sua obra "*Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde*" de 1594 ou de George E. Brooks com "*Eurafricans in Western Africa*" publicado em 2004 ou ainda Philip J. Havik com "*Trade in the Guinea-Bissau Region: the role of african and luso-african women in the trade networks from early 16th to the mid 19th century*" publicado em 1994, para apenas citar alguns.

"*Nha Bijagó*" – *Respeitada Personalidade da Sociedade Guineense (1871-1959)*, é o resultado de um longo trabalho de pesquisa que António Júlio Estácio desenvolveu ao longo de vários anos, com uma enorme dedicação e até paixão, mas sempre com rigor e respeito pela verdade dos factos, a que já nos habituou. Compulsou milhares de documentos, não apenas relacionadas com Leopoldina Ferreira, mas também relativos aos principais acontecimentos que tiveram lugar no período coevo da biografada. Registou dezenas de depoimentos e deslocou-se propositadamente à Guiné-Bissau, para "*in loco*" recolher mais informações, de modo a poder complementar, confirmar ou infirmar os elementos já recolhidos. E o resultado de todo esse esforço, é este livro!

Não estamos perante uma biografia no sentido clássico do termo, isto é, um género literário em que o autor narra a história



PREFÁCIO

da vida de uma pessoa ou de várias pessoas de forma mais ou menos objectiva, e muitas vezes romanceada. António Júlio Estácio, preferiu manter-se “neutro” interferindo o mínimo possível na narrativa dos depoentes, limitando-se a clarificar aqui e acolá alguns aspectos contraditórios ou menos precisos e desse modo fornecer ao leitor um retrato tão fiel quanto possível dessa grande senhora que foi a “*Nha Bijagó*” feito através dos testemunhos daqueles que a conheceram e que com ela privaram, e ainda de documentos oficiais que atestam aspectos relevantes da sua vida.

Um aspecto particularmente interessante nesta obra de A. J. Estácio, é a ligação cronológica que o mesmo faz, entre importantes acontecimentos políticos, administrativos e militares, que tiveram lugar na então Guiné Portuguesa, e as diversas fases etárias da biografada, ainda que esses factos não tenham qualquer ligação directa com a personagem tratada neste livro! O autor quis desse modo, dar-nos a conhecer alguns factos da história da então colónia/província da Guiné, que tiveram lugar entre 1870 e 1959, período que abarca a vida de “*Nha Bijagó*”. Por esse motivo, este trabalho biográfico, para além de nos dar a conhecer a vida de uma grande mulher guineense que foi a “*Nha Bijagó*”, fornece-nos importantes informações do mundo em que ela viveu! Através dos diversos depoimentos sobre a “*Nha Bijagó*” recolhidos pelo autor, ficamos a conhecer não apenas os aspectos essenciais da sua vida, mas também um pouco da vida social na então colónia da Guiné e muito particularmente em Bissau, na primeira metade do século XX.

Com esta publicação, António Júlio Estácio, revela-nos mais uma vez, o seu grande apego e dedicação às coisas e às gentes da terra que o viu nascer!

Eduardo J. R. Fernandes



“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE





INTRÓITO

Leopoldina Ferreira viveu entre a segunda década da última metade do século XIX¹ e as cinco primeiras² do séc. XX, tendo-se afirmado como figura preponderante da sociedade guineense.

Recordá-la constitui intrínseco respeito pela verdade histórica e um desafio aliciante que me levou a consultar dezenas de livros, inúmeros Boletins Oficiais³, documentos⁴ e, sobretudo, a contactar significativo número de pessoas que, com maior ou menor abertura, se disponibilizaram a prestar-me o seu valioso testemunho.

De permeio ficaram os que, começando por afirmar conhecê-la bem, se remetiam ao silêncio e confessavam que as lembranças já eram esbatidas, assim como os que, assim que me viam tomar notas, ameaçavam negar tudo quando haviam dito⁵...

Quer pelo recato que soube cultivar, quer pela dificuldade, cada vez maior, de encontrar fontes vivas e suas contemporâneas que, com lucidez, se dispusessem a falar, não foi fácil recolher dados que permitissem conhecer esta grande senhora.

Daí a justeza da asserção popular que diz, e bem: *tudo o que é valioso, é discreto*.

¹ 1871

² 1959

³ Quer da Colónia, quer da Província da Guiné Portuguesa.

⁴ Certidões, atestados, mapas, etc.

⁵ *Gossi amim câ tâ lembra dreto...* (Agora não me lembro bem...)



Pouco antes de ela nascer⁶, o 18º Presidente⁷ dos Estados Unidos da América, Ulysses Simpson Grant, proferiu a sentença referente à posse da ilha de Bolama, pertencente ao, então, distrito da Guiné, favorável a Portugal o que pôs termo ao conflito que tínhamos e se arrastava com os ingleses⁹.



Mas, o que viria a ser a colónia / província da Guiné portuguesa permaneceria, por mais 8 anos, como distrito de Cabo Verde¹⁰.

⁶ 04.11.1870.

⁷ De 1869 a 1877.

⁸ Nasceu em 27.04.1822 e faleceu em 23.07.1885. Por Portaria s/n.º, de 21.05.1934, publicada no B. O. n.º 21, da Colónia da Guiné, o Gov. Carvalho Viegas determinou a constituição em Bolama de uma comissão que, “*como dívida de gratidão pela sua justa sentença de 12.04.1870*” levasse a bom termo construção, na cidade, de uma estátua a Ulysses Grant. Porém, só na 2ª metade dos anos 50 foi a referida estátua descerrada na Praça do Município da cidade de Bolama. De autoria do escultor Manuel Pereira da Silva, de Avintes, Vila Nova de Gaia. Após a independência, foi, destruída.

⁹ Em 21.04.1870.

¹⁰ Só em 18.03.1879, a Guiné foi desanexada de Cabo Verde.

INTRÓITO

Em 1872, tinha ela cerca de um ano quando “...as ruas de Bissau começaram a ser iluminadas a petróleo. Eram, todavia, poucos os candeeiros”¹¹.

Em 1879, ainda não tinha completado os oito anos, foi “...a sede do Governo transferida para Bolama.”¹² e no dia 03 de Agosto do mesmo ano, assinou-se¹³ o tratado de cessão a Portugal do território de Jufunco, ocupado pelos Felupes¹⁴.

Tinha ela 14 anos quando Portugal e a França celebraram¹⁵ a convenção referente à delimitação das possessões dos 2 países na África Ocidental e que correspondem às actuais Repúblicas do Senegal, Guiné-Conacri e Guiné-Bissau.



Figura ímpar, que viveu períodos de particular significado da História da Guiné portuguesa ficou, simplesmente, conhecida por “*Nha Bijagó*”!...

Mas, avancemos...

¹¹ Pág. 216, do Anuário da Guiné Portuguesa, de 1946.

¹² Pág. 216, do Anuário da Guiné Portuguesa, de 1946.

¹³ Em Cacheu.

¹⁴ “Exposição Histórica da Ocupação no Século XIX”, resumo histórico extraído dum trabalho inédito do Tenente-coronel João José de Melo Miguéis.

¹⁵ Em Paris e no dia 12.05.1886.

“NHA BIJAGÓ” - RESPETADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

AVERBAMENTOS

Registro n.º 42

Fernão Pinto
(Rafaelino)
Participante de bito n.º 204 de
25 de Junho de 1954 de Pissau.

Documento n.º

Mapa n.º

Registo de óbito

As doze horas e minutos do dia cinco e seis do mês de Junho do ano de mil novecentos e cinquenta e nois numa casa da rua de Pissau (situa-se à esquerda da mesma) com indivíduos do sexo masculino de nome Rafaelino Fernandes Lopes filho de António e Maria natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e domiciliado nesta localidade de Pissau filho illegítimo de José Fernandes casado com Antónia natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e de Guilherme da Costa, tabelião/a falecido/a no estado de de profissão natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e domiciliado na localidade ou residência de Pissau.

Q falecido seu deixou bens, deixou testamento e a seu pudor, tal como se registou no cartório de Pissau há dois dias, de cinco dias, e a declaração de bito foi feita por Vito José da Sousa natural de Essa do estado de Pissau de profissão de profissão residente em Pissau.

Depois deste registo ser lido e interpretado, com a sua leitura, tal como assinado por mim, José Soares, de bitos de bitos de bitos, bitos e bitos, e bitos, e a interpretação dos documentos e de bitos presentes.

Assinou-se a seguinte que diz "Rafaelino".

Participação do Registo Cível em Pissau aos cinco e seis do meio de mil novecentos e cinquenta e nois.

natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e domiciliado nesta localidade de Pissau filho illegítimo de José Fernandes casado com Antónia natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e de Guilherme da Costa, tabelião/a falecido/a no estado de de profissão natural de Pissau (Concelho ou Circunscrição Cível de Pissau) e domiciliado na localidade ou residência de Pissau.



QUEM ERA?

De seu nome Leopoldina Ferreira, nasceu em Bissau a 04.11.1871, sendo — de acordo com respectivo Registo de Óbito, autenticado e que atrás se reproduziu — filha de João Ferreira Crato¹⁶ e de Gertrudes da Cruz¹⁷.

Como adiante se constatará, existe uma significativa discrepância no que concerne ao nome da mãe dela, porquanto, de acordo com fotocópias das certidões de baptismo e de nascimento de duas das suas filhas¹⁸, estas surgem como netas maternas de **Isabel Corrêa** (sic) e não de Gertrudes da Cruz!

“*Nha Bijagô*” adquiriu, pelo matrimónio com José Ledo Pontes¹⁹, o apelido Pontes. Com data de 27.05.1959, o Registo de Óbito, emitido pela Repartição de Registo Civil de Bissau, refere que faleceu nesta cidade, pelas 12H00 da véspera, vítima de carcinoma da mama.

Tinha 87 anos, 06 meses e 22 dias.

¹⁶ Era alentejano, natural da vila do Crato e, na Guiné, dedicou-se à actividade comercial.

Nos séc. XIX e XX são referenciados na Guiné os apelidos Crato e Ferreira Crato, podendo, por descendência ou apadrinhamento terem, também, sido herdados do Major graduado José Xavier Crato que nos anos 60 do séc. XIX lá exerceu funções.

¹⁷ Natural de Bissau.

¹⁸ Leopoldina Ledo Pontes e Adriana Pinheiro de Figueiredo.

¹⁹ Membro duma numerosa e conceituada família cabo-verdiana, muito bem instalada na sociedade guineense.





Conservo a vaga lembrança de, em adolescente e em nossa casa em Bissau, ter ouvido minha mãe falar com Adriana Píneiro de Figueiredo²⁰ sobre a coincidência de "*Nha Bijagó*", sua mãe, ter falecido a 26 de Maio, isto é, no dia em que se celebrava o 28º aniversário da morte da sua filha Adelaide e que, dado este facto, a mãe ter sido enterrada na campa da filha!

Mais de quatro décadas depois, ser-me-ia esta particularidade confirmada por Isabel Correia Landim que durante sessenta e sete anos esteve, intimamente, ligada à família de "*Nha Bijagó*".

Para além de netos, "*Nha Bijagó*" deixou vários bisnetos, tendo eu, com alguns deles²¹ e desde a meninice, mantido estreita relação a qual, em parte, foi importante para que eles me facultassem, informações e esclarecimentos, face a dúvidas surgidas durante a recolha de dados e depoimentos.

O funeral da veneranda cidadã ocorreu pelas 17H00 do dia 27.05.1959. Era uma Quarta-feira e, dada a grande popularidade e consideração de que a defunta desfrutava no meio social guineense, constituiu uma cerimónia de profundo pesar e dor, muito participada, em que tomaram parte largas centenas de pessoas dos mais variados extractos sociais.

O meu ex-colega²² Marcelino Wentacem Silva tinha então 15 anos e frequentava o Liceu, recordou que apesar de chuveirar, isso, de modo algum, constituiu factor suficientemente forte e impeditivo para que, muita gente acompanhasse o féretro,

²⁰ A filha mais nova de "*Nha Bijagó*".

²¹ Zeca, Vítor e Carlos Faxina, bem como Mário Sá Barbosa.

²² No Liceu "Honório Barreto", em Bissau e o único na Guiné.





QUEM ERA?

tendo ele, como orgulhosamente frisou, integrado o grupo de antigos explicandos de “*Nho Tatá*”²³.

Também Anne Marie Turpin sublinhou o elevado número de cidadãos que, horas antes, se aglomeram junto à residência de “*Nha Bijagó*”, na antiga Rua Mouzinho de Albuquerque²⁴ e, como frisou:

— *Em virtude de muitos desejarem seguir perto do caixão, o cortejo fúnebre teve dificuldade de arranque.*

Por fim, lá se pôs em marcha lenta, passou frente ao Hospital Central de Bissau²⁵, cujo muro contornou rumo ao cemitério, o único que, então, havia, situado na conhecida zona de *Tchada de Burro e*, como ela me referiu:

— *Era tanta gente que, quando o cortejo virou à esquina do Hospital para a rua²⁶ do cemitério, ainda havia pessoas junto à casa da falecida! Todo aquele mar de gente constituiu cena impressionante, nunca vista!... Não me recordo de outro idêntico...*

²³De seu nome Godofredo Vermão de Sousa nasceu em Cabo Verde, a 26.10.1914 e faleceu em Bissau a 29.03.1966.

Antigo funcionário público dos Correios, veio a dedicar-se ao ensino particular, leccionando na casa em que vivia e que, por sinal, pertencia a “*Nha Bijagó*”. Durante anos preparou grande número de jovens guineenses que, com excelente aproveitamento, se submeteram a exames nas escolas oficiais.

²⁴A antiga R. Mousinho de Albuquerque foi inicialmente 5 de Julho e, mais tarde, passou a Av. Américo Tomás. Desde 21.01.1975 recebeu a designação de Av. Pansau Na Isna.

²⁵Actual Hospital “Simão Mendes”.

²⁶Antiga R. Eng.º Sá Carneiro e que, após 20.01.1975, passou a ser R. Eduardo Mondlame, na sequência da aprovação, no Comício realizado na antiga Praça do Império que também passou a ser Praça dos Heróis Nacionais.




“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

Ficou sepultada na campa n.º 189, situada no talhão n.º 5 do antigo Cemitério Municipal de Bissau²⁷. Aí repousam — em campa rasa e, como tive oportunidade de ver, sem qualquer placa identificativa — os restos mortais de “*Nha Bijagó*”.

Em Itália, foi impressa uma pagela evocativa, cuja apresentação só foi possível graças à gentileza de uma²⁸ das netas.



P. N. † A. M.



Leopoldina Ferreira Pontes
 Nasceu a 4 de Novembro de 1871
 Faleceu a 26 de Maio de 1959

Senhor! Dai-lhe em felicidade eterna o que ela nos dispensou em felicidade e carinho.

Senhor, recebi em sufrágio da sua alma as nossas lágrimas que são sangue do coração.
 (S.^{to} Agostinho)

A bondade do seu coração fê-la estimar dos que a conheceram.

Imensa é a saudade que deixou na terra. Imensa seja a paz em que descansa.

A serenidade da sua alma, reflectia-se na serenidade do seu rosto.

Nós que a amámos durante a vida, não a abandonemos durante a morte, sem que pelas nossas lágrimas a tenhamos introduzido no Céu.
 (S.^{to} Ambrásio)

Piedosíssimo Jesus, dai-lhe o descanso eterno.
 (300 dias de indulgências)

²⁷ Que, em Fevereiro de 2006, apresentava um aspecto deplorable!

²⁸ Maria Isabel Gertrudes Colaço de Sá BARBOSA.



QUEM ERA?

Buscas por mim efectuadas²⁹ e referentes ao período correspondente aos meses de Maio e Junho de 1959, permitiram-me consultar “O Arauto”³⁰ mas, para surpresa não encontrei, nem uma única referência, por pequena que fosse, quanto ao falecimento ou ao funeral de “*Nha Bijagó*”!

É que nem a informação sobre as habituais missas do 7º e do 30º dia vi noticiadas, o que estranho porquanto, ainda que a família, por recolhimento o não quisesse, por se tratar duma figura popular, o próprio jornal não se deveria eximir em assumir essa obrigação social...

Enfim, os pesados e negros véus da ingratidão e do esquecimento cedo cobriram a memória desta respeitada matriarca, bem casada, geradora de vasta prole e que, ao longo dos anos, evidenciou uma comprovada capacidade de liderança na sociedade guineense.

Não tenho bem a certeza de alguma vez a ter visto! Creio, no entanto, que deveria ser a idosa cidadã que, nos finais da década de cinquenta e numa manhã de Domingo, estava sentadinha e quieta numa cadeira, na varanda da casa — perto do antigo edifício da Câmara Municipal de Bissau, situado em frente a uma esquina do muro do Hospital — onde, então, vivia a filha Adriana.

²⁹Na Hemeroteca Municipal, instalada no n.º 3 da Rua de S. Pedro de Alcântara, em Lisboa.

³⁰Jornal diocesano, surgido em Bolama, em Jan. de 1942. Em de 1957, passou a diário tendo como Director o Padre José Maria da Cruz.



| Resumo do Quadro Familiar de “ <i>Nha Bijagó</i> ”. * | | | |
|---|--|------------------------------|--------------------------|
| PAIS | João Ferreira Crato X Gestrudes da Cruz ou Isabel Correa | | |
| MARIDOS | José Ledo Pontes | Luís Ledo Pontes | Joaquim P. de Figueiredo |
| FILHAS | Adelina (a) Clementina (b) Adelaide (c) | Leonor (d) Leopoldina (e) | Adriana (f) |
| NETOS | (a) Cinco (b) Sete (c) Um | (d) Nenhum (e) Dois | (f) Nenhum |

* Após o falecimento do 3º marido, *Nha Bijagó* viveu até à sua morte com António Ferreira Santos, não havendo filhos.



Clementina Ledo Pontes de Sá com dois dos seus filhos.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

De três das suas ligações matrimoniais³¹, teve “*Nha Bijagó*” várias filhas apresentando-se, por ordem cronológica, as 6 que sobreviveram:

O seu primeiro casamento, foi com José Ledo Pontes³² de quem teve — como refere o primeiro testamento³³ de “*Nha Bijagó*” — quatro filhos. O primeiro foi um rapaz, cujo nome, bem como os locais e respectivas data de nascimento e falecimento não consegui apurar. Seguiram-se três filhas:

1^a – **Adelina** Ledo Pontes (de Sousa), que ficou conhecida pelo diminutivo de “*Nha Menina*”.

Casou com José Júlio de Sousa, natural da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, onde nasceu a 05.10.1885 e que, em Bolama, viria a exercer as responsáveis funções de Director da Repartição de Fazenda.



³¹O primeiro testamento que fez permite conhecer que, à data, vivia com António Ferreira Santos, funcionário público que tinha uma propriedade nos arredores de Bissau, junto à estrada que vai do Bairro de Santa Luzia para Antula. Vide Anuário da Guiné Portuguesa de 1925.

³²Rico comerciante de Bissau que, segundo o B. O. n.º 41, de 13.10.1900, era natural da Ilha do Fogo e faleceu em Bissau, em 17.05.1900. No início do séc. XX, a família Ledo Pontes figurava entre os maiores contribuintes da Guiné, (Vide pág. 261, do B. O. n.º 34, de 26.08.1911).

³³Celebrado em Bolama, a 10.06.1929.



Deste casamento nasceram: Mário, Albano, Vito, Margari-da e Adelina³⁴.

Por complicação decorrente do último parto, Adelina Ledo Pontes, faleceu em Bolama, dois dias depois, isto é, a 10.11.1919.



A filha, de seu nome, também, Adelina Ledo Pontes de Sousa, casou com Alberto Martins Ribeiro³⁵, pessoa muito prestável que gozava de



³⁴ Nascida em Bolama a 08.11.1919, faleceu em Lisboa, no Hospital de Santa Maria, a 04.11.1996.

³⁵ Natural de Póvoa de Sobrinhos, Viseu, nasceu a 21.04.1921 e faleceu a 05.01.1992, no Hosp. de S.ta Maria, em Lisboa. Consulta efectuada em antigos Boletins Of. da Colónia da Guiné permitiu saber que, de acordo com a lista dos passageiros provenientes de Lisboa, desembarcou em Bolama, em 26.03.1935, acompanhado da mãe — Dioguina A. Martins Ribeiro — e na companhia do irmão Oswaldo.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

grande popularidade na Guiné, sendo, vulgarmente, conhecida por *Faxina*, alcunha que vinha do pai, que era militar.

Desta união, nasceram os seguintes filhos: José Jorge (*Zeca*), Carlos Alberto, João (†) Rui Henrique (†), Maria da Conceição e Vítor Manuel de Sousa Martins Ribeiro.

2ª - **Clementina** Ledo Pontes (de Sá), nasceu em Bissau a 31.01.1896 e casou com Caetano Filomeno de Sá³⁶ e desta união nasceram:



Aldonça Avelino Filomeno de Sá Medeiros, Maria Helena Filomeno de Sá (†), Emília Filomeno de Sá, Maria Isabel

³⁶ Funcionário público possuidor duma brilhante folha de serviços, recheada de louvores, iniciou funções no Serviço das Alfândegas da Guiné em 18.03.1907 tendo, em 1926, sido nomeado director da Alfândega de Bissau. Em 1939 representou a Guiné na Primeira Conferência Imperial. Em 1947, foi agraciado com a medalha de Oficial da Ordem do Império Colonial. Faleceu a 26.11.1953, em Lisboa, no antigo Hospital do Ultramar, hoje Hospital Egas Moniz. A sua memória foi evocada numa artéria de Bissau, designação essa alterada em 20.01.1975, para R. Joaquim N' Com.



Gertrudes Colaço de Sá Barbosa, Filomeno Francisco Xavier da Piedade de Sá, José Jorge de Sá (†) e Luís Victor de Sá (†).

Clementina Ledo Pontes de Sá, faleceu a 26.08.1983 no Hospital Curry Cabral, em Lisboa.

3^a - **Adelaide** Ledo Pontes³⁷ nasceu em 1898 e casou com Pedro Alexandre de Sá³⁸. Deste casamento houve uma única filha³⁹, de seu nome Adelina de Sá (Almeida), a qual, com apenas 6 anos de idade, ficou órfã de mãe, vítima dum acidente de viação ocorrido na estrada de Bissau para Bór⁴⁰, em viatura conduzida Pedro Gomes de Barbosa Júnior, mais conhecido por *Titã*, funcionário dos Serviços Agrícolas e Florestais⁴¹.

³⁷ A repetição de nomes é frequente nas famílias numerosas. No caso vertente, não constitui excepção. Aliás, encontrámos uma homónima, filha de José Ledo Pontes, referida na pág.63 do B. O. n.º 14, de 08 Abr. 1899, e falecida com 19 anos a 26.05.1898. Não era filha de "*Nha Bijagó*", pois esta nasceu 1871, e, não podia ter sido mãe com 8 anos!

³⁸ Irmão de Caetano Filomeno de Sá, foi antigo Guarda-livros da filial guineense do Banco Nacional Ultramarino e, depois, colaborador da Firma Luís Augusto de Oliveira, em Bissau. Nasceu em Bolama, a 26.11.1895, faleceu, em Lisboa, em Maio 1974, no Hosp. de Santa Maria e foi sepultado no Cemitério do Alto de S. João.

³⁹ Natural de Bissau, onde nasceu em 21.05.1925.

⁴⁰ Povoação situada a 6 km de Bissau, onde, pelo Diploma Legislativo n.º 678, de 30.05.1932, foi criado, em instalações da antiga Quinta Experimental e Jardim de Aclimação, um Asilo que começou a funcionar em 18.11.1935.

⁴¹ Os Serv. Agríc. e Florestais tinham, em Bór, um Jardim de Aclimação e Campo Experimental que em 1931 foi extinto e transferido para a zona do Pessubé.

DESCENDÊNCIA DIRECTA

À data (26.05.1931) do falecimento a vítima contava 33 anos.

Na sequência deste acidente, a filha veio, ainda nesse ano, para Lisboa para casa da tia⁴², tendo estudado no conceituado Colégio de Odivelas e permanecido em Portugal até 1940, altura em que, com 15 anos, regressou à Guiné, no navio “João Belo”.

Casou com José Júlio de Almeida⁴³ e teve cinco filhos, sendo 3 meninas, duas das quais falecidas.

Em 2007 eram vivos os seguintes: Ana Maria, Osvaldo e José Pedro.

Pelo Boletim de Informação mensal, do Comando Militar de Bissau⁴⁴, de 01.06.1900 e reportando ao **mês de Maio anterior**, foi tornado público que “*em 17 registou-se o óbito de José Ledo Pontes, natural da Ilha do Fogo ...*”.

Assim, com apenas 28 anos, 6 meses e 13 dias, “*Nha Bija-gó*” enviuvou pela primeira vez.

Boletim de informações d'este commando no mez de maio

Estado sanitario—Regular.
 Idem alimenticio—idem.
 Idem commercial—Animado.
 Instrucção publica—Funcionaram as escolas de ambos os sexos.
 Socego publico—Sem alteraçao.
 Obitos—Em 17, José Ledo Pontes, natural da Ilha de Fogo e em 31, José Lourenço da Silva, natural de Bissau.
 Gado abatido—Foram abatidos para consumo publico 9 cabeças de gado vaccum e 35 de gado suino e para consumo particular 28 cabeças de gado suino.
 Occorrencias extraordinarias—Nenhumas.
 Commando militar de Bissau, 1 de junho de 1900.—O commandante, *Francisco Xavier Alcares*, tenente.

⁴²Maria de Sá Lima, casada com Fernando Lima Wahnon.

⁴³Natural de Cabo Verde, foi funcionário do Quadro Administrativo, tendo sido, em 1955, Chefe de Posto de Bijene.

⁴⁴Publicado no B. O. n.º 41, da Guiné, datado de 13.10.1900.

E a 07.07.1900, o Boletim Official (sic) n.º 27, da Guiné, trazia a pág. 162, a 1ª publicação de um "ANNUNCIO" o qual, como se constata, assim rezava:

1.º ANNUNCIO'

Por este Juizo e cartorio do escrivão que este subscreve, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Boletim official*, citando todos os credores e legatarios incertos, desconhecidos ou domiciliados fóra d'esta comarca, para virem deduzir seus direitos em uns autos civeis de inventario orphanologico em que é inventariante cabeça de casal D. Leopoldina Ferreira Pontes, viuva do inventariado José Ledo Pontes, negociante que foi em Bissau

Bolama, 28 de junho de 1900.—E eu *Antonio Joaquim de Campos Junior*, escrivão interino o subscrevi.

Verifiquei a exactidão.—O juiz de direito, *Antonio de Campos*,

A segunda ligação matrimonial de "Nha Bijagó", foi com **Luís Ledo Pontes** que, por sinal, era sobrinho do falecido marido.

Dessa união houve duas filhas:



4ª – **Leonor** Ledo Pontes, mais, conhecida pelo diminutivo de "Nonô", nasceu a 28.07.1905, em Bissau e casou com Mário Joaquim Silva⁴⁵.

⁴⁵ Filho de Joaquim Miguel Silva e de Rita Acácia Silva, nasceu a 14.05.1890 na Freguesia de N.ª S.ª das Dores, na Ilha do Sal, em Cabo Verde. Foi Primeiro-Sargento Enfermeiro e ferido em combate. Mais tarde, exerceu funções da especialidade no Hospital. Central de Bissau, tendo sido louvado, em 03.08.1935, pelo "...*muito zelo, actividade, proficiência, dedicação e honestidade.*". Faleceu em Lisboa a 20.05.1955.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

Em 1947 o casal veio viver para Portugal, tendo, na capital, “*Nonô*” exercido, funções de fisioterapeuta, na Clínica de S. Jorge⁴⁶, situada no n.º 26 da Rua David Lopes, perto do Cemitério do Alto de S. João.

Leonor faleceu em Lisboa a 21.07.2001.

5ª - **Leopoldina** Ledo Pontes, vulgo “*Bonita*”⁴⁷, nasceu em Bissau às 05H00 do dia 16.06.1910 e foi baptizada, em 29.02.1911, pelo Padre Francisco de Deus Duarte, na igreja⁴⁸ da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária.

Apadrinharam o acto Leão Ledo Pontes⁴⁹ e Clementina, a sua segunda irmã da batizando. Leopoldina era doméstica e, a 24.06.1945, ca-



⁴⁶ Actualmente, está aí instalado o Lar S. Jorge.

⁴⁷ Titular do Bilhete de Identidade n.º 223062 – B, de cidadã nacional, foi a beneficiária n.º 105220789 da Caixa Nacional de Pensões, onde foi admitida em 01.01.1974.

⁴⁸ Existente dentro do Quartel da Amura e que, segundo o Padre Doutor Henrique Pinto Rema, em “História das Missões Católicas da Guiné”, foi, em 1850, reconstruída pelo benemérito e comerciante Nicolau Monteiro de Macedo.

⁴⁹ Proprietário e familiar.





Em Janeiro de 2006

sou em Bissau, na capela das Irmãs Hospitaleiras, também conhecida por “capelinha do Hospital”, com o súbdito alemão João Frederico Rupprecht Hugk , tendo o acto nupcial sido celebrado pelo Pde Armando Teixeira Meireles.

Deste casamento houve dois filhos:



Carlos Frederico Pontes Hugk, nascido a 02.12.1943 em Bissau, o qual veio a falecer em Lisboa 21.02.1998.

Luís Alberto Pontes Hugk, nascido em Bissau, a 12.10.1938 e falecido, em Luanda a 19.10.1992.



Por informação colhida junto de Luiza Boscardini, soube que “Bonita” pertenceu, em Bissau, à Secção Feminina da

⁵⁰ De quem se veio a divorciar.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

prestimosa Conferência de S. Vicente de Paula, obra religiosa destinada a apoiar mulheres carenciadas.

Titular do B. I. n.º 223062 – B, “*Bonita*” foi, em Portugal, preceptora dos netos da Condessa de Caria, trabalhou para o Movimento Nacional Feminino (M.N.F.). Faleceu, em Lisboa, no dia 12.04.1996 e foi sepultada no Cemitério de Carnide.

A terceira união matrimonial de “*Nha Bijagó*”, foi com **João Pinheiro de Figueiredo**⁵¹, de que só houve uma filha: Adriana Pinheiro de Figueiredo.



6ª – **Adriana** nasceu em Bissau, às 05H00 de 13.02.1915, na zona de “Bissau Velho”, onde a mãe tinha prédios e morava. Para ser mais concreto, recordo-me de lhe ouvir dizer que nascera num prédio na Rua Governador Polaco⁵². Anos depois, o terreno onde a casa estava implantada veio a ser adquirido por Manuel

⁵¹ Segundo a pág. n.º 16 do Boletim Oficial n.º 2 da Guiné Portuguesa, de 14.01.1911, exercia funções de vogal da Comissão Municipal de Bissau, presidida por António de Campos Júnior e para a qual fora nomeado pela Port.ª n.º 387, de 05. 12.1910, publicada no B. O. n.º 06 de 07.12.1910.

⁵² De seu nome Alois da Rolla Dziezaski, era de origem polaca e no período em que a Guiné foi distrito de Cabo Verde, exerceu funções governativas por três vezes, sendo duas como interino e, em 1851, uma outra como provisório.



de São José da Silva Estácio⁵³ que reconstruiu o prédio, cujo rés-do-chão foi arrendado à firma Salgado & Tomé, que aí estabeleceu uma loja, das duas que tinha na cidade.



Pouco antes de completar os sete anos, Adriana sofreu um rude golpe quando em 06.01.1922, o pai faleceu em Hamburgo, na sequência duma deslocação de negócios que efectuara à Alemanha.

O Boletim Oficial n.º 27, da Província da Guiné, de 07.07.1923, insere, a pág. 319, um Anúncio Judicial, datado de 12.03.1922, a informar que:

“...no prazo de 30 dias, citando quaisquer herdeiros ou

⁵³ Meu saudoso tio paterno que, para além do crioulo, dominava cinco dialectos guineenses e a quem ouvi recordar diversas situações ocorridas na sua vivência de décadas na Guiné.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

interessados incertos, para, impugnarem por embargo uns autos de investigação de paternidade ilegítima, requerida por Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, maior, proprietária e moradora em Bis-sau, na qualidade de mãe e representante de sua filha menor «Adriana» de 7 anos de idade, a qual pretende habilitar-se como herdeira de seu pai Joaquim Pinheiro de Figueiredo, (conhecido por “Dedé”), solteiro, negociante e proprietário que foi desta colónia, natural da Ilha do Fogo, em Cabo Verde,...”.

Por documentação a que tive oportunidade de aceder⁵⁴, Adriana foi — na sequência da deliberação 17.01.1951, da Câmara Municipal de Bissau — nomeada Auxiliar de Secretaria, interina e, por conveniência de serviço, exonerada em 05.03.1952.

Veio para Lisboa em cuja Faculdade de Letras estudou Românicas. De regresso à Guiné, começou por exercer a docência, no ano lectivo de 1955-56, na antiga Escola Primária “Dr. Oliveira Salazar” e, mais tarde⁵⁵, foi nomeada para, eventualmente, desempenhar as funções⁵⁶ na Escola Industrial e Comercial de Bissau.

Também conhecida por “tia Nâna”, era pessoa extremamente popular, duma grande simplicidade, excelente conversadeira, que

⁵⁴ Extracto das deliberações tomadas na sessão municipal de 05.03.1952, com efeito a partir do dia 08 seguinte e publicada no B. O. n.º 11 da Guiné, de 13 do mesmo mês e ano.

⁵⁵ Pela Portaria n.º 49, de 22.10.1959, publicada no Boletim Oficial 07.12.1959

⁵⁶ De professora das disciplinas de francês e português.



dominava, com fluência, o crioulo⁵⁷ da Guiné e, sem barreiras, movimentava-se com desenvoltura no seio da sociedade guineense, mostrando-se sempre pronta a ajudar os necessitados ou carentes a ultrapassar situações embaraçosas que fossem do seu conhecimento.

Para todos tinha uma palavra de conforto e, nas suas deambulações, pela cidade de Bissau, ia, como soe dizer-se, batendo a todas as “*capelinhas*”.

Era grande amiga dos meus pais, a quem, com frequência honrava com visitas e animadas conversas, nomeadamente, quando morávamos no conhecido Bairro do Chão-de-Papel⁵⁸ e ela ia visitar a prima Palmira Noronha⁵⁹, que, então, residia na mesma rua mas um pouco mais acima. Recordo-me que no ano lectivo de 1963/4, quando eu estava no antigo 5º ano do Liceu, adoeci e ela, assim que soube dessa situação, fez questão de me ir ver, procurando animar-me durante a visita⁶⁰. Porém, vezes havia em que, por se mostrar apressada nem entrava. Nessas alturas, da porta da rua, chamava pela minha mãe que pressurosa acudia e, perante a insistência, declinava o convite alegando:

⁵⁷ De referir, porém, que nas suas aulas não se brincava nem se gozava em crioulo.

⁵⁸ Na Rua Administrador Alberto Gomes Pimentel a qual, após a independência da Guiné-Bissau, passou a Rua Justino Lopes.

⁵⁹ Senhora de rara beleza, casada com o Dr. Fernando Luis Leite de Sousa Noronha, natural de Goa.

⁶⁰ Devo-lhe o primeiro adágio popular que aprendi em crioulo, quando, em 1964, adoeci e, por tabela, perdi o apetite. Ela, ao saber disso, foi-me ver e ao constatar a falta de vontade em comer, disse-me: “*saco baziu e câ tâ firma*”. Ou seja: “o saco vazio não se mantém de pé”. E, como tal, devia comer.



DESCENDÊNCIA DIRECTA

— *Ai D. Maria do Carmo, hoje não posso. É mesmo só para cumprimentar pois não me sentia bem passar à sua porta e nada dizer.*

Nessas ocasiões, punham-se à conversa, aqui e ali interrompida por alguma pessoa da terra que passava e a cumprimentava e a quem ela, num invejável crioulo, sempre respondia. E os minutos voavam com tal celeridade que, por vezes, o meu pai vendo-a para lá do portão, no passeio, a “*papiar*”⁶¹ com a minha mãe que se encontrava do lado de dentro do quintal, pregava-lhes a partida de mandar o criado, que trabalhasse em nossa casa, levar-lhes duas cadeiras para se sentarem.

Lembro-me, também, que, por vezes, ela se lamentava de não poder ficar a conversar por mais um bocado, devido ao facto de a mãe, já de avançada idade, não dormir enquanto ela não chegasse a casa...

O profundo conhecimento da realidade guineense e a reconhecida ascendência social, contribuíram para que em 1964, no mandato (1964-1968) do General Arnaldo Schulz, como Governador, a “*tia Nâna*” viesse a ser eleita e por sufrágio directo, para exercer as funções de vogal do primeiro Conselho Legislativo da Província da Guiné.

Como vogais natos, integravam o Conselho o Inspector Dr. James Pinto Bull e o Director de Finanças, Tomás Joaquim da Cunha Alves, o Comandante Militar e o Delegado do Procurador da República.

Ainda, por sufrágio directo, Fernando dos Santos Correia e Joaquim V. Graça do Espírito Santo. Pelos Corpos Adminis-

⁶¹ Em crioulo da Guiné, “*papiar*” significa falar.



trativos e Pessoas Colectivas de Utilidade Pública o Dr. Luís dos Santos Lopes. Pelos Organismos Morais e Culturais o Padre José M. da Cruz Amaral, pelos Contribuintes os comerciantes António Augusto Esteves e Mário Lima Wahnnon. Pelos Corpos Administrativos e Pessoas Colectivas de Utilidade Pública o Dr. Artur Augusto da Silva e, pelas Autoridades das Regedorias Joaquim Batican Ferreira, Sene Sane e Mamadú Bonco Sanhá.

Nesta foto, referente a uma sessão do Conselho Legislativo, obtida já no tempo do Gov. António de Spínola, identificamos, da direita para a esquerda, Adriana Pinheiro de Figueiredo, o



Dr. Joaquim Maria Salvador Coutinho de Figueiredo, Delegado Procurador-geral da Republica sendo, em frente deles iden-



DESCENDÊNCIA DIRECTA

tificáveis Alberto José Pereira do Carmo Câmara Manoel⁶² e, em primeiro plano, o Regedor Sene Sané.

Ainda hoje sinto mágoa de, aquando da minha deslocação a Bissau — em Março de 1991, a fim de participar na XXIII Assembleia Geral da UCCLA⁶³, onde tive a honra de⁶⁴ apresentar a candidatura da Câmara Municipal das Ilhas⁶⁵ — não a ter ido cumprimentar, pois embora nos emocionássemos, teria sido grato revê-la e ter oportunidade de, em adulto, trocar impressões com ela.

Adriana Pinheiro de Figueiredo faleceu em Lisboa a 21.10.1992 e foi sepultada no Alto de S. João.

A quarta e última ligação de “*Nha Bijagó*” foi com **António Ferreira Santos**⁶⁶, com quem viveu e a quem faz referência expressa no seu primeiro testamento, firmado em Bolama a 10.06.1929.

Como referi, desta ligação, não houve filhos.

⁶² Sócio gerente da firma Costa Campos Lda. e Presidente da Direcção da Associação Comercial, Indust. e Agr. da Guiné.

⁶³ União das Cidades Capitais Luso-Áfro-Américo-Asiáticas, fundada em Lisboa, a 28.06.1985, pelo, então, presidente da Câmara Municipal de Lisboa Eng.º Nuno Krus Abecasis.

⁶⁴ Na terra onde nasci: Bissau.

⁶⁵ Era uma das autarquias que havia no Território de Macau e na qual exercia, então, funções de Vice-Presidente.

⁶⁶ Natural de Cabo Verde, foi, na Guiné, funcionário da, então, Repartição dos Serviços de Obras Públicas e Minas, sendo dono duma propriedade ou “ponta” a caminho de Antula.



Graças aos irmãos Elisée e Anne Marie Turpin, foi possível identificar a maioria dos presentes nesta foto⁶⁷, tirada, em Bis-sau, por volta de 1915.



- 02 | Clementina Ledo Pontes de Sá.
 03 | Constantina dos Santos Teixeira.
 04 | Paula dos Santos Teixeira.⁶⁸
 05 | Rodolfo dos Santos Teixeira.
06 | Leopoldina Ferreira Pontes (*Nha Bijagó*).
 09 | Adelaide Ledo Pontes.
 10 | Margarida Ledo Pontes de Sousa.
 11 | Domingas Ernestina dos Santos Teixeira.⁶⁹
 12 | Leopoldina Ledo Pontes (*Bonita*)

⁶⁷ Gentilmente cedida por Maria Isabel Gertrudes de Sá Barbosa, uma das netas de “*Nha Bijagó*”.

⁶⁸ Mãe de Elisée e Anne Marie Turpin

⁶⁹ Mãe do meu ex-colega e amigo Oswaldo Monteiro Teixeira.



FAMÍLIA LEDO PONTES

Ainda que de forma sucinta e sem me pretender desviar do fulcro deste trabalho, afigura-se de elementar justiça referenciar a família Ledo Pontes que, como referi, era originária de Cabo Verde e que, no final do século XIX e princípios do XX, se destacou no seio da sociedade guineense.

Compulsando os Boletins Oficiais, quer anteriores, quer posteriores a 18.03.1879 em que a Guiné se emancipou de Cabo Verde e passou a ser Província, encontram-se várias referências que, de forma inquestionável, atestam a presença de alguns membros da família Ledo Pontes.

Assim, a título meramente exemplificativo, na folha de rosto do “*Boletim Oficial n.º 10*, datado de 08.03.1879 e do *Governo-Geral da Província de Cabo Verde*”, encontramos a Portaria n.º 62, de 06 de Mar., a nomeação de Álvaro Ledo de Pontes (sic) para exercer, no biénio de 1879-80 e no Julgado de Bissau, funções de juiz eleito.

A 27.08.1881 e no n.º 17 do “*Boletim Oficial do Governo da Província da Guiné*”, é publicada a Portaria n.º 151, de 23 do mesmo mês, na qual é dada a conhecer a nomeação, de Álvaro Ledo Pontes⁷⁰, para no biénio 1881-1882, integrar a Comissão Municipal de Bissau.

⁷⁰ Era Governador o T. C. Agostinho Coelho e integravam a Comissão Municipal, João Monteiro de Macedo, Aníbal Barboza Vicente, Roberto Pinheiro da Cunha e o Delegado de Saúde de Bissau Dr. Albino da Conceição Ribeiro.



Em 1883, o Boletim, de 15 Set.⁷¹, apresenta, na sua folha de rosto, a Portaria n.º 249, na qual são louvados diversos negociantes que, de:

"...maneira briosa e digna... se houveram pelo auxílio que prestaram às forças auxiliares que bateram os balantas de Nhacre. (sic)".

Aqui, entre cerca de vinte cidadãos, são referidos os nomes de Álvaro Ledo Pontes e José Ledo Pontes (pai de três filhas de *Nha Bijagó*).

Em Novembro de 1884, Álvaro Ledo Pontes era vogal efectivo da Câmara Municipal de Bissau⁷².

No n.º 47 do Boletim Oficial da Guiné, de 21.11.1885, há referência a João Ledo Pontes, de 13 anos de idade, nascido em Bissau, filho de Álvaro Ledo Pontes, o qual em 05 de Setembro desse ano fizera o exame de instrução primária na escola da "villa" de Bissau e obtivera a classificação de dez valores.

Em meados de 1887 surgem, de novo, Álvaro Ledo **de** Pontes (sic) e José Ledo Pontes numa lista⁷³ de diversas entidades que contribuíram para a subscrição, "*promovida*⁷⁴ em Bissau, a favor das victimas do incêndio⁷⁵ em Cacheu".

⁷¹ Já no mandato do Governador Pedro Ignacio Gouveia.

⁷² Segundo a Acta n.º 18 da referida edilidade, datada de 05.11.1884, publicada no B. O. n.º 46, de 15.11.1884.

⁷³ Publicada no Boletim Oficial n.º 25, de 18.06.1887.

⁷⁴ Por Joaquim Marques de Figueiredo, Chefe da Delegação de Alf.^a de Bissau, louvado pela Port.^a n.º 180, de 18.06.1887.

⁷⁵ Ocorrido em 30 de Maio de 1886.



FAMÍLIA LEDO PONTES



Cacheu, gravura extraída do livro de notícias e considerações “Africa Occidental”, de autoria de Francisco Travassos Valdez, editado pela Imprensa Nacional, em Lisboa e no ano de 1864. Segundo o autor, o palacete “... *com bonitas arcadas em ogiva e altos torreões* ...” fora a residência do falecido comendador Honório Pereira Barreto.

Dois anos depois, portanto em 1889, Álvaro Ledo Pontes presidia à Câmara Municipal de Bissau tendo, nessa qualidade e em 14 de Julho, participado na “...*cerimonia de início da fundação da ponte-cáes que deve denominar-se «Ponte Correia e Lança»...*”, a qual contara com a aprovação prévia do Conselho da Província e era mandada construir pela edilidade.

Em 30.11.1910, aquando da visita efectuada à vila de Bissau pelo novo Governador Carlos de Almeida Pereira, vamos encontrar Raymundo Ledo Pontes a integrar o grupo de entidades que apresentaram, ao primeiro governador⁷⁶ do período pós implantação da República, uma bem elaborada exposição, em que, à primeira autoridade da Província, solicitaram:

⁷⁶ Carlos de Almeida Pereira.



1º - A criação de Escolas de Instrução primária elementar e complementar ... devendo uma das escolas ser "d' artes e officios", porquanto consideravam *"antipatriotico o não aproveitamento das habilidades dos filhos d' esta colónia."*;

2º - A criação de uma *"comissão municipal, sempre e invariavelmente composta por elementos da classe civil, porquanto prestemos toda a nossa consideração ao elemento militar."*;

3º - A criação de um *"julgado municipal ... que ... evitará transtornos e prejuizos que só um paiz retrogrado e um povo pacífico admitem."*;

4º - Lembravam a *"atenção sobre as tribus gentílicas que" ... têm "produzido prejuizos importantes"* no tráfego que faziam *"nos rios da Província."*;

5º - Que o governador dispensasse *"protecção aos grumettes que ainda esperam pela reconstrucção das suas casas ..."*.

A folhas 41, do Boletim Oficial n.º 9 da Guiné, de 11.02.1911, insere A *"Relação dos emolumentos cobrados..."* pela Secretaria do Governo durante o mês de Janeiro e nela figura o nome de Cezar Ledo Pontes.

Na semana seguinte, o mesmo órgão oficial publica, a pág. 49, a lista de *"Auctorisações para a installação de operações"*



FAMÍLIA LEDO PONTES

comerciais, nas diversas circumscrições ...” e como se constata, figuram nela Raymundo Ledo Pontes e de Luiz Ledo Pontes.

A 26.08.1911, a folhas 261 do “*Boletim Oficial*” n.º 34, *pode-se ler que, “por ordem do Governador e para os efeitos do artigo 30º do decreto de 27 Maio de 1911, publicado no Boletim Oficial n.º 31 da presente série se publica a relação dos trinta maiores contribuintes d’ esta província.”*

Respeitando a ordem de valor tributado encontramos, nada menos que, cinco membros dessa família, entre os 30 maiores contribuintes!

| Nº DE ORDEM | NOMES |
|-------------|------------------------------|
| 08 | Luiz Ledo Pontes |
| 12 | Raymundo Ledo Pontes |
| 13 | Álvaro Ledo Pontes |
| 22 | José Ledo Pontes (herdeiros) |
| 30 | Leão Ledo Pontes |

Ainda a 09.09.1911, no órgão oficial⁷⁷, um anúncio judicial, datado do dia 30 de Agosto, informa que “... *em virtude da deliberação do conselho de família no inventario orphanologico por óbito de Álvaro Ledo Pontes, em sua sessão de 28 do corrente, fica sem efeito a praça annunciada para o dia 3 de Setembro, para arrematação de duas terças partes da metade d’ um predio de primeiro andar, pertencente á menor Maria Michaela Ledo Pontes.”*

Em final de Janeiro e no início de Fevereiro de 2006, aquan-

⁷⁷ Boletim Oficial n.º 36, desse ano.



do da minha última deslocação à República da Guiné-Bissau, um dos locais a que, diariamente, me desloquei foi o antigo cemitério, o qual apresentava um aspecto pouco cuidado, por de-



mais evidente nas inúmeras lápides quebradas, falta de corte da vegetação herbácea espontânea e a consequente invasão de animais a pastar dentro do campo santo!... Na ocasião, encostada à parede lateral esquerda da antiga capela e sob pequeno monte de terra, deparei com o que restava duma placa tumular que, por se me afigurar oportuna, reproduzo. Após a remoção da humosa⁷⁸ camada

aderente, constatei que, ainda que com um erro nominal⁷⁹, era referente a Álvaro Ledo Pontes.

Raimundo Ledo Pontes⁸⁰ exerceu funções de procurador judicial, foi proprietário e, no mandato de 1918 a 1921, vamos encontrá-lo como vereador da Câmara Municipal de Bissau.

⁷⁸ Terra e material vegetal em adiantada fase de decomposição.

⁷⁹ O apelido Pontes foi, por lapso, grafado de Ponto!

⁸⁰ "Guiné – Bissau. Para a vereação camarária durante o triénio de 1918 a 1921".

Grafado de Raymundo Ledo Pontes, foi, em 04.06.1911 membro "effectivo do conselho fiscal da Liga Guineense e, como Raymundo Leite Pontes, na qualidade de proprietário, delegado, pela Guiné, junto da Liga Africana em 30.08.1920, aquando da constituição destas.



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

Consultas efectuadas na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) permitiram aceder a Boletins Oficiais da Guiné e outras fontes. Assim, da Revista Ilustrada “As Colonias Portuguezas”, transcrevo diversos dados que recolhi.

Ora, retrospectivando o ambiente urbano que “*Nha Bijagó*” inicialmente viveu, transcrevo⁸¹, **com a grafia de então**, as seguintes passagens:

...houve um estadista o sr. cons. Thomaz Ribeiro que, ao passar pelo ministério das colonias, deixou um rasto luminoso, ...separando a Guiné da provincia de Cabo Verde ...e d’ahi data a sua regeneração, uma nova era de prosperidade ... se vae robustecendo.

Para a nova organização... escolheu... Agostinho Coelho... Succede-lhe... Pedro Ignacio Gouveia... promovido a capitão-tenente supranumerario em 1881... De Lisboa, parte em 5 de dezembro de 1881 e toma posse do governo... , em 17 do mesmo mez.

... Quanto ao serviço d’ obras publicas, muito havia a fazer... O grande desaterro feito junto ao hospital,... os concertos nas igrejas de Bolama e Cacheu, nos quartéis e em obras de absoluta necessidade... .Pela primeira vez se fizeram... as eleições camararias e parochiaes, fazendo-se observar a liberdade do suffragio e garantias dos eleitores.

⁸¹ Do n.º 3, de 05.02.1884, dessa revista e de António Augusto Ferreira Ribeiro, Director da Alfândega de Bissau.



Da mesma Revista, lê-se em extractos do n.º 12, de 06.12.1884, de autoria de Marcelino Marques de Barros:

“... a villa de Bissau, ... , tem uma vista agradável, e muito mais o seria, se precipitassem do alto de seus baluartes aqueles poilões medonhos, que se chamam onças e outros nomes afugentadíssimos.

As casas descem n’um plano inclinado até às águas do Geba, e a praia é orlada de uma fileira de acácias, de mafumeiras e outras árvores. São baixas e umas 20 sobradas, postas em alinhamento menos que regular, olham todas para o porto e para as bandas do S. e de E., d’onde sopram os ventos ardentes do deserto, e os famosos tornados que fazem tanto mal às embarcações.

Tem poucas ruas, apenas 5 ou 6 de Norte a Sul e 3 ou 4 de E. a W.; são ... muito aceiadas; louvores ao ... zelo, e génio imperturbável do sr. presidente da câmara, o vereador ancião, o ex.mo sr. João Monteiro de Macedo.

Edifícios públicos que mereçam tal nome, nenhuns. No extremo esquerdo vê-se o baluarte de Pigighitih, ... à direita, o primeiro sobrado ..., de portão ao centro e duas janellas no alto, pertence ao sr. César Gomes Barbosa e à esquerda, na rua de S. José, o do sr. Alvaro Ledo Pontes. O predio sombrio e vasto é o Gam-Barros, que pertence hoje aos herdeiros do ... primeiro proprietário, João Marques de Barros; acha-se n’ elle installado o hospital e a alfandega com os respectivos armazéns. Mais à direita, ... o sobrado alto, de 5 janellas, chama-se Gam-Banana, casa que foi de D. Aurélia Correia, e também residência official, por algum tempo. ... Quase no mesmo plano, a Caiada, um alto predio de columnatas, que foi de Caetano Nosoliny, o mais rico negociante do seu tempo, e hoje de Ricardo Barbosa Vicente;



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO



Marginal da vila de Bissau, na segunda metade do séc. XIX.



... A formosa casa das arcadas, ... no primeiro plano, pertence aos herdeiros de Ludgero Candido Teixeira: esteve ahi



o illustre auctor da Chrisalida, o ... juiz da comarca, o sr. Duarte de Vasconcellos. Ocupam-a actualmente os allemães.

Se nos dessemos á paciencia de percorrer todas as ruas,... em meia hora, veríamos umas 30 lojas, algumas boas, onde gira diariamente cerca de um conto réis em moeda estrangeira, e mais de 5 a 10 mil pezos em producções do paiz: arroz, cera, borracha e pelles, principalmente.

... Há trinta anos atraz, nos mezes de abril e maio, a temperatura era quasi a mesma das regiões e Senegal: 35 a 40! ... 50 ! ... Via-se o céu em braza ... Viam-se as ruas cortadas de vallas profunda ... E bebia-se a grandes haustos o ar podre carregado de micróbios ...

O aspecto sorridente da villa é um indicio d' esta agradável mudança.

Dando uma volta ao NO., vamos infallivelmente esbarrar ... com o muro de pedra e cal, que, ... parece dizer ...: Não passarás d' aqui!

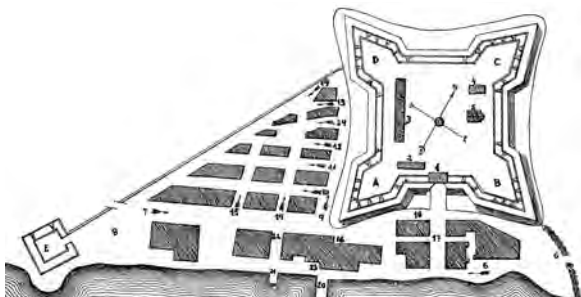
Tudo é bem conforme o seu tempo. Então o muro servia de sentinella, hoje está condemnado.

... No recinto da fortaleza ... Há mais uma capella, reconstruída no tempo do sr. Commendador, conego Joaquim Vicente Moniz.

... Ao N. d' este labyrinth, e por detraz da fortaleza, há um cemitério murado. Vê-se ali o mausoleo que o sr. Thomaz Ribeiro mandou erigir para honrar as cinzas de Honorio Pereira Barreto, natural da Guiné, ... enérgico e incorruptível, um mixto reflexo do marquez de Pombal e de D. João de Castro, no estylo e nas obras. Era um preto a quem Portugal deve muito.".

ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

Como se pode ver, pela gravura⁸² que se segue, também ela referente aos meados do séc. XIX, a fortaleza de S. José⁸³ tem forma quadrangular, apresenta quatro baluartes, sendo que, quem os visse, a partir do rio, teria, à frente e à sua esquerda



o da Bandeira; do mesmo lado e atrás o da Balança; do lado direito perfilavam-se, ao fundo o da Onça e, por fim, já junto ao rio, o da Puana.

Mais para a esquerda, no local designado por Pigiguiti, ficava o Fortim Nozolini⁸⁴.

Dele partia um muro, de 4 metros de altura, que se ligava até ao baluarte da Balança, protegendo a preciosa fonte de água potável do Pigiguiti⁸⁵.

⁸² Dum desenho de Francisco Travassos Valdez, apresentado no livro “África Occidental” de 1864.

⁸³ Também conhecida como da Amura.

⁸⁴ Com autorização prévia, a construção levou 3 anos (1843/6) e graças a José Caetano Nozolini figura proeminente, oriunda de Cabo Verde com fortes ligações e interesses locais.

⁸⁵ Que tão recordada era aos que regressavam à Guiné, quando, então, os que ficavam e os recebiam aludiam às “... *saudades da água do Pigiguiti*”, pois era crença que quem dela bebesse, mais cedo ou mais tarde, voltaria sempre à Guiné.

Por crer oportuno, transcrevo os nomes de algumas das artérias de Bissau na zona intramuros e que deu origem ao denominado "Bissau Velho". Como se pode ver, de acordo com Travassos Valdez, a toponímia da época era a seguinte:

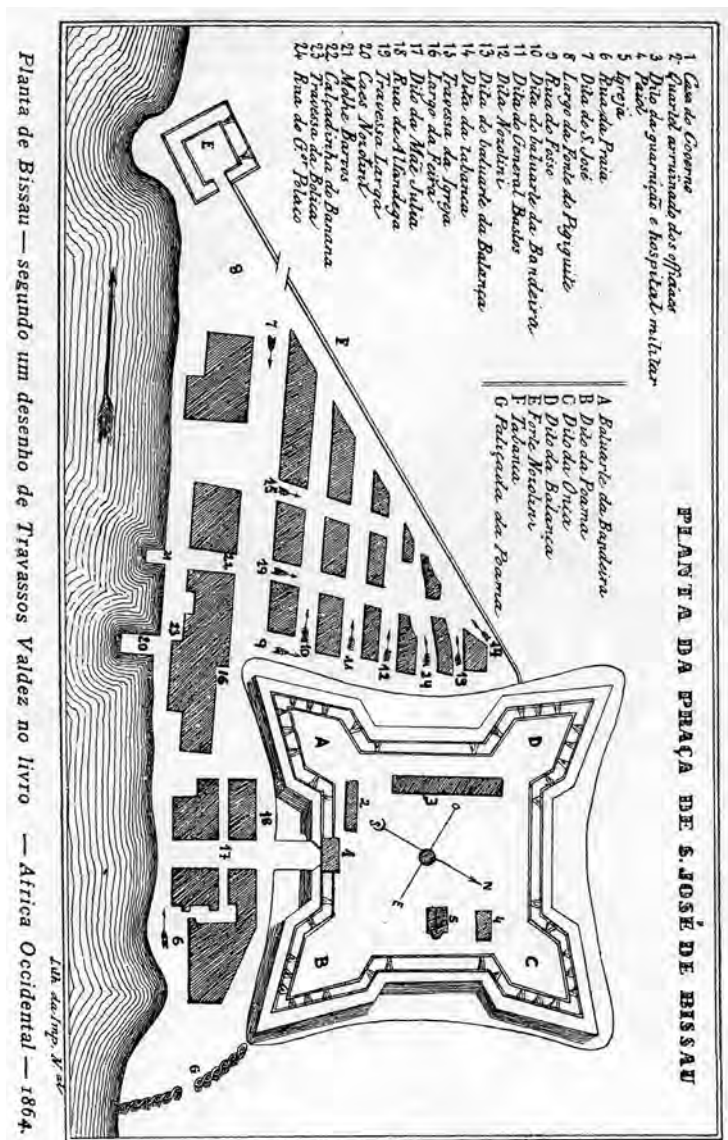
| | | |
|----------------------------|-----------------|--------------------------|
| R. da Alfandega | R. da Praia | L. da Fonte do Pigiguiti |
| R. Baluarte da Balança | R. de S. José | L. da Mãe Júlia |
| R. do Baluarte da Bandeira | R. da Tabanca | Calçadinha do Banana |
| R. do Fosso | Trav. da Igreja | Cais Nozolini |
| R. do General Bastos | Trav. Larga | Molhe Barros |
| R. do Governador Polaco | Trav. da Botica | |
| R. Nozolini | Largo da Feira | |

Como se constata, por postais antigos⁸⁶ da Guiné, quando, em 04.11.1871, nasceu "*Nha Bijagó*", Bissau era uma povoação encravada entre a fortaleza de S. José e um muro, com 4 metros de altura.



⁸⁶ Provenientes do interessante livro "Postais Antigos da Guiné", de autoria do Dr. João Loureiro, editado em 2000 pela empresa "Mais Imagem" e cuja autorização de reprodução me foi concedida e confirmada pelo autor, o que agradeço.

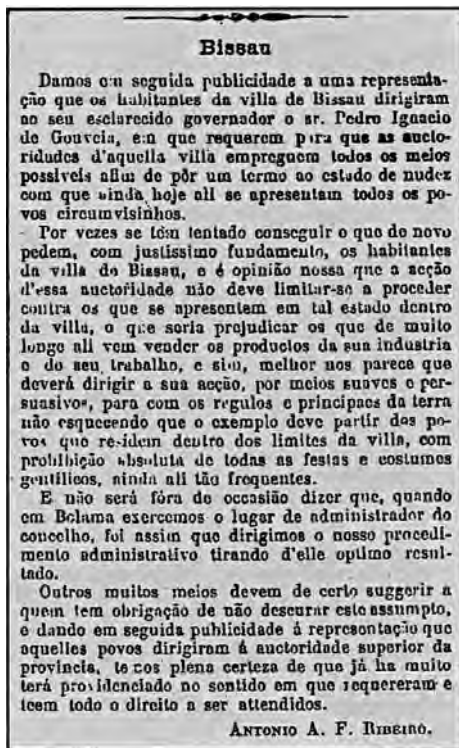
ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO



A igreja e o cemitério ficavam no interior da Amura, tendo, mais tarde, este último sido transferido para lá da área murada, mas, para desmotivar a ocorrência de eventuais desrespeitos provocados por actos de vandalismo cometidos, por residentes de povoações periféricas, ficou ao alcance do fogo das armas existentes na fortaleza.

No muro exterior havia um portão pelo qual, durante certo período diário, se entrava e saía da povoação.

O reduzido traje da maioria dos nativos que acedia ao espaço inter-muro levou, no mandato do gov. Pedro Ignacio Gouveia, ao aparecimento dum abaixo-assinado, no qual, baseado na educação e bons costumes, se insurgia, como se pode ver pela leitura da fotocópia⁸⁷ seguinte:



⁸⁷ Publicado no n.º 7 da Revista Illustrada "As Colonias Portuguezas", de 06.07.1884.



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

Extra-muro funcionava a feira onde, em precárias condições higiénicas, se adquiriam diversos géneros alimentares.



De entre as poucas ruas e ruelas, a Rua de S. José⁸⁸, aqui apresentada, era considerada como a artéria mais importante.



⁸⁸ Ia do portão, que estava aberto das 08 às 21H00, ao baluarte da Bandeira. Após 05.10.1910, passou a Rua do Advento da República; depois, a Rua Dr. Oliveira Salazar e, após a independência e a 21.01.1975 a Rua Guerra Mendes.



Como refere o Anuário da Guiné de 1946⁸⁹, que temos seguido de perto, era esta a rua mais asseada e dispunha dos chamados "sobrados"⁹⁰.

Há já alguns anos que, então, se aguardava a entrada em vigor do diploma⁹¹ que reconheceria Bissau como porto franco. Porém, graças a sucessivas prorrogações a situação arrastou-se até 1877. Deste modo, face à diminuta vitalidade comercial, os poucos comerciantes, que persistiam em continuar a actividade, resolveram financiar o Governo a viabilizar a construção duma ponte cais, reconhecida como indispensável e que, há muito, se aguardava.

A 17.04.1877, foi criado o Concelho de Bissau, sendo de 573 habitantes a população na área murada, composta por 391 nativos, 166 oriundos de Cabo Verde e, apenas, 16 europeus.

Como inicialmente referimos e agora recordamos, as ruas de Bissau passaram a ser iluminadas em 1872 e sete anos depois a sede do Governo foi transferida para Bolama.

Pouco antes de "*Nha Bijagó*" completar os 12 anos de idade, foi publicado o Decreto⁹² que dividiu a província da Guiné "... em quatro circums-cripções .." criando, assim, os concelhos de Bolama, Bissau, Cacheu e Bolola.

As más condições climatéricas agravadas pela insalubridade dizimavam a população de tal modo que, em 1886, quando

⁸⁹ Em grande parte obra de Fausto Castilho Duarte.

⁹⁰ Casas de rés-do-chão e primeiro andar, geralmente com varanda que podia ou não ser coberta.

⁹¹ Decreto s/n.º, do Ministério da Marinha, publicado a páginas 709 e 710, do Diário do Gov. n.º 285, de 09.12.1869.

⁹² De 04.07.1883, assinado pelo "ministro e secretário d' estado dos negócios da marinha e ultramar, José Vicente Barbosa du Bocage".



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

“*Nha Bijagó*” contava quinze anos, Bissau era o menos povoado⁹³ de todos os aglomerados urbanos da Guiné! O seu aspecto patrimonial era calamitoso porquanto “...o Estado não possuía prédios. As repartições públicas funcionavam em casas alugadas.”

Tinha “*Nha Bijagó*” já 18 anos quando foi, então, lançada⁹⁴ a primeira pedra para a tão almejada ponte cais. Ano e meio depois, o Chefe dos Serviços de Saúde defendia que a capital deveria regressar à Ilha de Bissau, ainda que para local ligeiramente diferente, isto é, puxando-a para a zona de Bandim que se situava “... em terreno suficientemente elevado e com vertentes para a praia arenosa.”, o que, em termos de drenagem e salubridade, era, indubitavelmente, vantajoso.

À beira de completar 22 anos, registaram-se, no interior da fortaleza, dois incidentes graves⁹⁵. A 07.12.18, a vila sofreu um grande cerco, movido por elementos da etnia Papel a que se juntaram os Balantas de Nhacra.

Com a área murada adicionada à fortaleza de S. José a rebenatar pelas costuras, cerca de um ano depois e com a finalidade de se construir uma igreja fora da zona murada foi demolido⁹⁶ parte do muro de 4 m. de altura que ia do Fortim Nozolini ao Baluarte da Balança.

⁹³ De acordo com “... os registos paroquiais ... tinha 307 católicos ... enquanto Geba registava 1.500.”

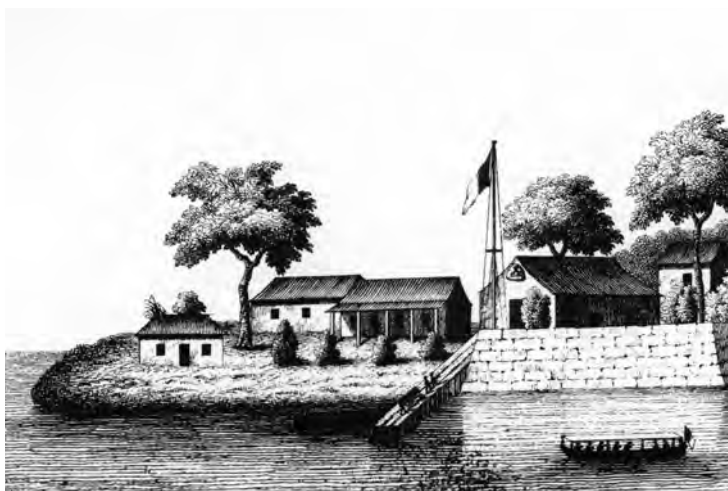
⁹⁴ A 14.07.1889, sendo designada ponte Correia e Lança, em homenagem a Joaquim da Graça Correia Lança que foi de 1888 a 1890, Governador da Guiné.

⁹⁵ 13.01.1893, um incêndio destruiu a enfermaria militar, e a 09.05.1893 ocorreu uma explosão.

⁹⁶ A 11.01.1894.



Por volta dos seus 25 anos, dada a elevada densidade populacional intramuros, o governador Pedro Inácio Gouveia autorizou “...o aforamento de, terrenos no Ilhéu do Rei⁹⁷” tendo, em 1900, ali, chegado a ser instalado um lazareto.



Nove dias antes de completar 29 anos, “*Nha Bijagó*” sofreu um rude golpe com o falecimento do primeiro marido, deixando-a com três filhas, duas das quais menores, com 4 e 2 anos.

A implantação da República em Portugal levou à mudança do Governador e em 1912/3 o Primeiro-tenente Carlos de Almeida Pereira não hesitou em mandar demolir o muro que constrangia a expansão urbana.

⁹⁷ Francisco Travassos Valdez, em “África Occidental.” refere que este ilhéu foi também denominado “Ilhéu dos Feiticeiros”, bem como “Nova Peniche”.



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

Em “Guiné – Apontamentos inéditos”⁹⁸, é referido e, com a devida vénia, transcrevemos:

“A população de Bissau quer expandir-se, mas não se atreve. Muitos negociantes querem fundar feitorias agrícolas no interior da ilha, mas não se arriscam no meio daquelas hordas selvagens.”



Como se compreende, apesar da reconhecida confinção em que se vivia, o certo é que o muro protegia os residentes, pelo que tal decisão não foi pacífica, tendo-se, como agravante, assistido a um recrudescimento de actos de indisciplina. Mas, em termos de salubridade, a cidade melhorou tornando-se mais ventilada, registando-se alteração a nível da toponímia local, a qual passou a reflectir bem o feito da implantação da República em Portugal,

⁹⁸ De autoria do General Henrique Augusto Dias de Carvalho, editado pela Agência Geral do Ultramar, em 1945.





Um mercado em Bissau.

pois da nova ordem política instituída passaram a figurar nomes que, em alguns casos, persistiram por dezenas de anos, como se constata na tabela seguinte e de que muitos se recordarão.

| ANTES DE 05.10. 1910. | APÓS 05.10. 1910. |
|-----------------------------|-----------------------------|
| Rua de S. José | Rua do Advento da República |
| Rua do Baluarte da Bandeira | Rua Almirante Reis |
| Travessa Larga | Travessa do Dr. Bombarda |
| Travessa da Botica | Travessa 5 d' Outubro |
| Travessa da Ferraria | Travessa Honório Barreto |



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

A partir de 1915 e na sequência das campanhas do, então, Capitão João Teixeira Pinto, foi alcançada a tão aclamada paz, tendo Bissau sido alvo dum plano de urbanização⁹⁹ que lhe permitiu crescer de forma disciplinada e segundo malha ortogonal bem definida. No que viria ser a futura capital, fo-



ram executadas obras de arte cujos benefícios é certo que, de há muito, se faziam esperar e contribuíram para a melhoria das condições de salubridade de terrenos alagados onde os odores fétidos eram uma triste realidade.

Aos poucos, surgiram peças de equipamento urbano como, por exemplo, na Avenida da República a placa central guarne-

⁹⁹ De autoria do Tenente-Coronel engenheiro José Guedes Viegas Quinhones de Matos Cabral que, no início da década de vinte, foi director das Obras Públicas na Guiné.

Atente-se na particularidade de, como me fez notar Carlos Augusto Schwarz da Silva, vulgo Pepito, da rede ortogonal sobressai, por excepção à quadrícula, a antiga R. Tomás Ribeiro, actual, R. António N' Bana, cuja obliquidade coincide, justamente, com o muro derrubado em 1912/3.



cida com árvores, que nos anos 50 seria removida, dando lugar a uma ampla avenida, com duas faixas de laterais, arborizadas, destinadas a estacionamento e delas separadas por um passeio;

No espaço triangular frente ao principal edifício da antiga



Casa Gouveia surgiu um pequeno quiosque e na área ajardinada o pedestal com o busto do major João Teixeira Pinto¹⁰⁰, o qual, em cerimónia muito participada, foi inaugurado no dia 1 de Dez. de 1929, não faltando a crítica intervenção do cidadão António Matheus Gomes de Pina¹⁰¹ que, não obstante vozes surgidas para o abafar, expressou em alta voz a sua incontida indignação, dizendo para quem o quis ouvir:

— *Nós todos os comerciantes desta praça, demos os nossos dinheiros para mandar vir uma coisa "saquedo"*¹⁰² *e, afinal, mandaram uma coisa metade !... (sic)*



¹⁰⁰ Que em 1915 venceu a chamada "Guerra da Pacificação".

¹⁰¹ Em 1921 integrava a lista dos 30 maiores contribuintes do Conselho de Bolama.

¹⁰² Inteira



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

No enfiamto do antigo muro de defesa exterior da povoação e no cruzamento das Ruas Tomás Ribeiro¹⁰³ com a Sargento Moens¹⁰⁴ foi edificada a Escola primária Dr. Oliveira Salazar¹⁰⁵, onde estudei na 3ª e 4ª classe e que, desde há largos



anos, passou a ser a Escola “19 de Setembro”.

Para além do Mercado Municipal e do Cemitério¹⁰⁶, por detrás do Hospital, etc., procedeu-se ao aterro e à regularização do molhe da rua marginal¹⁰⁷, e à construção do edifício-sede da Alfândega¹⁰⁸.

¹⁰³ Que, em 20.01.1975, passou a ser Rua António N' Bana.

¹⁰⁴ Idem, Rua 7.

¹⁰⁵ Cujas novas instalações foram inauguradas em 06.02.1948, pelo Gov. Manuel Maria Sarmento Rodrigues.

¹⁰⁶ Que, em Janeiro de 2006, apresentava aspecto horrível.

¹⁰⁷ Rua Agostinho Coelho, numa evocação do primeiro governador da Guiné..

¹⁰⁸ A meio da R. Agostinho Coelho, tendo, no final dos anos cinquenta, os Serv. de Alfândega sido transferidos para um edifício na antiga Praça Diogo Cão, actual Largo das F.A.R.P.



Ao completar 62 anos, teve lugar¹⁰⁹ a transferência da sede da comarca judicial da Guiné, que passou de Bolama para Bissau.

No ano seguinte, portanto em 1934, procedeu-se ao lançamento da primeira pedra para a construção do monumento ao Esforço da Raça¹¹⁰;



Dois anos depois¹¹¹, a Associação Comercial e Industrial da Guiné cedeu ao Estado o terreno que lhe fora concedido, o qual se destinava à sua sede e ficava vis a vis ao edifício do Banco Nacional Ultramarino, para no local se construir um grande edifício onde, a par do Tribunal, foram instalados os Serviços de Administração Civil, assim como os Serviços de Fazenda;

A 04.12.1939 foi a Fortaleza de S. José, vulgo Amura, classificada como Monumento Nacional;

Em finais da década de trinta foi celebrado o contrato para a realização dos estudos de abastecimento de água, o qual constituiria uma realidade na segunda metade da década seguinte.

¹⁰⁹ Pelo Decreto n.º 23.046, de 22.09.1933.

¹¹⁰ De autoria do Arq.º Ponce de Castro, as pedras foram enviadas do Porto e o monumento foi inaugurado em 1941. De referir que, não obstante as entusiásticas tentativas pós independência, não foi possível derrubá-lo sendo o único monumento colonial que ficou, agora encimado por uma estrela.

¹¹¹ Em 27.07.1936.



ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO

Mas a grande decisão foi a transferência da capital de Boma para Bissau, a qual teve lugar em 19 de Dezembro de 1941. Foi um rude golpe para a antiga capital e por mais “balões de oxigénio” que lhe aplicassem jamais voltou a assumir o antigo brilho, perdendo-se uma riqueza civilizacional referente à qual, nos finais do séc. XX e pós a independência da Guiné-Bissau, foi apresentada a sua candidatura a integrar a lista de Sítios de Património Mundial, da UNESCO. Há anos, apresenta, infelizmente, um aspecto vergonhoso ...

Nos meados dos anos quarenta efectua-se um novo projecto de urbanização, mudam de nome¹¹² as vilas de Canchungo e Gabú, procede-se à construção do depósito de água no Alto de Intim¹¹³, assim como do Palácio do Governador; constroem-se moradias no “Bairro Portugal” e surge o Bairro de Santa Luzia; Deu-se início à edificação da Catedral¹¹⁴, do Museu e Biblioteca, etc.



¹¹² Por despachos de 18.06.1948, publicados no B. O. n.º 25, de 21.06.1948, passando, respectivamente, a denominarem-se Teixeira Pinto e Nova Lamego, situação que retrocedeu após a independência da Guiné-Bissau.

¹¹³ Vulgarmente referenciado como Alto Crim.

¹¹⁴ Projectada pelo Eng.º João Simões, embora, a primeira pedra tenha sido lançada em 1935, a sua construção foi retardada devido à ocorrência II Grande Guerra Mundial (1939-45)



Procedeu-se à colocação de estátuas como a do navegador Nuno Tristão, a de Teixeira Pinto, a do grande guineense Honório Pereira Barreto, etc.

A Rua Honório Barreto¹¹⁵, foi, na Guiné, a primeira a ser asfaltada e reabriu em 06.04.1953¹¹⁶. De tudo isto e a muito mais "*Nha Bijagó*" foi contemporânea, como da conclusão da nova ponte cais, inaugurada em 18.05.1953 pelo Subsecretário de Estado Raul Ventura, à construção do aeroporto em Brá e à sua transferência para Bissalanca; à visita¹¹⁷ do Presidente da República Craveiro Lopes; à inauguração¹¹⁸ do edifício situado na, então, Praça do Império, onde ficou a sede da Associação Comercial e Industrial da Guiné, etc.



¹¹⁵ Durante o mandato (1949-1953) do Governador Raimundo António Rodrigues Serrão e em vésperas de, em Junho, terminar a sua comissão.

¹¹⁶ Onde se encontravam estabelecimentos comerciais como, por exemplo, o de Augusto Pinto, a Olímpia Rocha, Barbearia (do Constantino), Casa Esteves, Salgado & Tomé Luís A. de Oliveira e, mais tarde, parte o do Taufic Saad.

¹¹⁷ De 02 a 14 de Maio de 1955

¹¹⁸ Ocorrida em 22 de Abril de 1960 e onde, hoje, se encontra instalada, desde a independência, a sede do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde).



DEPOIMENTOS

Na opinião de Elisée Jean Pierre Turpin¹¹⁹ e, da irmã, Anne Marie, “*Nha Bijagó*” foi e por muito tempo visita diária na casa dos pais deles¹²⁰, situada na chamada zona de Bissau Velho. A sua presença era sempre saudada com o, então, habitual pedido de bênção e complementada com a delicada inclinação da cabeça por parte dos filhos do casal.



Como nos recordou Elisée Turpin:

— *Ela era prima do meu pai e morava na estrada que seguia para Santa Luzia, ao pé da casa do Sr. Caetano de Sá.*

E prosseguiu lembrando-a como:

— *Católica praticante a quem, pela sua conduta, poder económico e seriedade, muita gente lhe confiava a educação dos seus.*

Anne Marie atalhou para lembrar que, caso os irmãos não aparecessem a pedir-lhe a benção, a “*Nha Bijagó*” insurgia-se facilmente pondo-se, aos gritos e a chamar pela mãe deles:

— *Pala*¹²¹! ... *Pala!*...

¹¹⁹ Empregado da antiga firma comercial SCOA, foi fundador do PAIGC, ao que me garantem o único nascido na Guiné.

¹²⁰ Paula dos Santos Teixeira e Pierre Nicolas Turpin.

¹²¹ Forma de dizer: Paula!... Paula!...



E confirmou que "Nha Bijagó":

— *Era pessoa com certa formação, muito respeitada, havendo quem lhe confiasse as filhas para que ela as educasse, como aliás sucedeu com a nossa própria mãe, por quem tinha particular amizade.*

Quase em unísono, reconheceram:

— *Tinha uma personalidade muito forte, desafiava tudo, mesmo instituições públicas, sendo muito ríspida o que, para muita gente, a tornava arisca.*

A modos de conclusão, reconheceram os irmão Turpin que era uma pessoa muito abastada e, como força de expressão, concluíram:

— *Não havia rua na praça-antiga¹²² em que não tivesse uma casa.!...*



Para o afável Agostinho dos Reis Pires — que desde muito cedo ela tratou como se fosse familiar directo, a quem de forma carinhosa tratava por “*nô neto*”¹²³ — “*Nha Bijagó*” era filha duma mulher dos Bijagós¹²⁴ e de um comerciante¹²⁵ branco, oriundo de Portugal, que se dedicava à compra e exportação de couros, de gado bovino e de crocodilo.

¹²² Expressão também usada e correspondente a Bissau Velho.

¹²³ Nosso neto.

¹²⁴ No dizer deste velho amigo, era filha de Gertrudes da Cruz e gaba-se da sua ascendência ao afirmar:

— “*Amim qui bidjagó!*” (sic) ou seja, eu é que sou bijagó.

¹²⁵ João Ferreira Crato.



DEPOIMENTOS

De forma ponderada, sublinhou:

— “*Nha Bijagó*” era muito respeitada e, com frequência, ouvida por diversas autoridades da Guiné, incluindo alguns dos Governadores, que a tinham em muita consideração e, em situações mais delicadas, não dispensavam o seu avisado conselho.

Ela era dotada duma grande capacidade organizadora, cedo se tornou respeitada pela força mobilizadora que, em pouco tempo, conseguia congregar. Tudo em que se metesse¹²⁶ saía sempre bem. Por isso, gozava de grande e crescente prestígio local.



Chegada a Bissalanca de uma alta entidade.



**Visita do Subsecretário de Estado
Raul Ventura.**



**Dançarinos Bijagós, em
Bolama – Maio 1954 .**

¹²⁶ Chegada de entidades públicas à Guiné, com ou sem recepção, inaugurações, casamentos, baptizados, aniversários, etc.



A sua frontalidade era uma constante, como, aliás, evidenciava a situação que me contou e que, com a maior fidelidade, passo a reproduzir:

— *Quando a capital era em Bolama, o governador Vaz Monteiro¹²⁷ deslocava-se com frequência a Bissau e ficava alojado numa casa situada no que viria a ser a Praça do Império¹²⁸, a qual não distava muito da moradia onde ela residia¹²⁹.*

Ora, como em casa dela, todos os dias, a vida começava muito cedo, o governante fez saber quanto se sentia incomodado pelo matraquear dos pilões a descascarem o arroz, antes do romper do dia. A resposta não se fez demorar e “Nha Bijagó”, mandou dizer:

— *Em sua casa, cada um faz o barulho que quiser!”*

E, numa inequívoca demonstração de grande relacionamento e apreço para com a anciã, Agostinho Pires rematou dizendo:

— *Era madrinha de meio-mundo e, por todos, muito respeitada. Recordo-a como muito activa, autoritária e expansiva, incapaz de guardar ressentimentos, pois o que tinha a dizer, dizia-o logo.” (sic).*

¹²⁷ De seu nome Ricardo, era Capitão de Artilharia e exerceu funções de Governador de 1941 a 1945. Foi no seu tempo que a capital foi transferida de Bolama para Bissau.

¹²⁸ Desde 21.01.1975 que esta praça passou a ser designada por Praça dos Heróis Nacionais.

¹²⁹ Na antiga Av. Mouzinho de Albuquerque, ao lado de Godofredo Vermão de Sousa, vulgo “*Nho Tatá*”. Praticamente as traseiras pegavam.



DEPOIMENTOS

Filomeno de Sá¹³⁰, neto materno de “Nha Bijagó”, realçou que a avó não só falava bem o crioulo da Guiné, como, com segurança, se expressava no dialecto da etnia papel, corrente na região de Bissau, onde viveu quase toda a sua vida.

Recordou a neta Maria Isabel Gertrudes de Sá Barbosa, que a casa dos pais ficava na antiga Praça do Império, no local onde foi construída a sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola, cujo edifício passou a albergar, após a independência, a sede do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.), sendo que a residência da avó, ficava a muito curta distância, na rua de baixo. De forma muito sintética descreveu-me assim a avó:



— *Segundo eu lhe ouvi dizer, ela casou muito nova, com apenas 13 anos! Ainda brincava com bonecas... Era pessoa de estatura baixa (cerca de 1,55 m. de altura), forte, bastante activa, comunicativa, demasiada mandona e uma pessoa muito respeitada.*

Como referiu, tinha a casa cheia de criaditas que se encarregavam dos trabalhos domésticos e, algumas, viviam lá até se casarem.

Reconheceu que a avó era o que se costuma designar por

¹³⁰ Filomeno Francisco Xavier da Piedade de Sá, que, de 1939 a 1948, estudou em Lisboa nos Pupilos do Exército e pertenceu ao Quadro Administrativo da Guiné.



uma “boa boca”, não sendo esquisita no comer. Apreciava era as refeições à hora certa e, para ela, o almoço devia ser ao meio-dia, razão pela qual, perto dessa hora, era maior a azáfama na cozinha, afadigando-se as criaditas para que tudo estivesse pronto. Atarefadas, as empregadas incentivavam-se mutuamente dizendo:

— *Média e na chiga gosse!...*¹³¹

A neta Adelina de Sá Almeida começou por me dizer que, ainda hoje, a recorda com frequência destacando, como traços particulares da sua personalidade, o autoritarismo, com quem, segundo confessou, teve choques de opinião chegando-lhe a partir as mantampas¹³², com que a velha senhora — num acto, outrora, perfeitamente normal — costumava bater nas várias mocitas que tinha em casa.

Recordou que, por norma, a avó saía pouco e que, quando o fazia, era, quase sempre, para ir cobrar as rendas das casas, que possuía na conhecida zona de Bissau Velho, cujo rendimento lhe permitia viver com desafogo.

O falecido Marcelino João Ferreira Santos¹³³ retratou-a como:
— *Pessoa de poucas falas, muito reservada, que só gostava de dizer as coisas uma vez e que tinha o salutar hábito de se deitar cedo e cedo erguer.*

¹³¹ Em tradução livre, corresponde a: Em breve será meio-dia!..

¹³² Pequeno chicote, delgado e flexível, geralmente feito de um rebento de goiabeira (*Psidium guajava* L.).

¹³³ Natural da Ilha de S. Nicolau, em Cabo Verde, chegou à Guiné em 1936, onde foi um grande futebolista. Dado o entusiasmo e velocidade que imprimia às jogadas, ficou conhecido pelos alcunhas de “Gazela” e de “Penicilina”.



DEPOIMENTOS

Destacou a situação da sua futura esposa ser familiar da “*Nha*” Carlota¹³⁴ de Nhacra e que até vivia lá em casa dela. Ora, dado o perfil do potencial nubente, esta respeitada senhora teria manifestado certa reserva às verdadeiras intenções dele pois era novo, desportista, trabalhava para o Estado o que lhe assegurava certa independência financeira, sendo, pois, “*um bom partido*” e, portanto, cobiçadíssimo por muita rapariga casadoira. Face a tal reserva, o par enamorado sentiu dificuldade em levar por diante as suas intenções e, como tal, foi procurar protecção junto de “*Nha Bijagó*” que, à data, por sinal, até vivia com o tio do noivo¹³⁵. Bem, segundo o próprio Marcelino Santos, depois de os ouvir, a respeitável anciã ponderou e acedeu ajudá-los, impondo, porém, como condição que a noiva fosse lá para casa e que só de lá saísse para ir casar na igreja. E, assim foi ...

As duas irmãs Lucinda¹³⁶ e Clotilde¹³⁷ (*Iti*) Pereira de Borja, com quem tive a soberana oportunidade e o grato prazer de, na tarde de 02.02.2006, ter estado em Bissau, lembraram-na como:

— *Uma pessoa que gostava de ter tudo em ordem, de forma correcta e que caso encontrasse algo errado chamava à atenção, onde quer que fosse.*”

Não obstante a avançada idade destas duas senhoras, a

¹³⁴ De seu nome Carlota Lima Leite Pires (1889 - 1970).

¹³⁵ António Ferreira Santos.

¹³⁶ Filha de António Pereira de Borja é natural de Cacine, no sul da Guiné, onde nasceu em 01.11.1912.

¹³⁷ Idem, nascida a 14.05.1920 e em Bolama.



primeira recordou com particular entusiasmo os grandes bailes que se faziam, em casa de “*Nha Bijagó*”. E em que:

— *Havia um grande salão. As meninas ficavam dentro de*



casa. Da sala elas podiam ir à casa de banho, mas não para a rua. Só rapazes é que podiam sair para a rua.”

Como fizeram questão de esclarecer, nessas sessões não havia grafonolas, nem gira-discos e as músicas, também, não eram cantadas, sendo, apenas tocadas, por um conjunto de “... *afamados tocadores*” que, de preferência, interpretavam música de Cabo Verde. E, num encantador desfilar de velhas recordações, não perderam tempo de, com tímidos sorrisos, enumerarem os nomes dalguns desses exímios músicos, bem como os respectivos instrumentos que tocavam. E, desses artistas evocaram:

— “*Nho*” *Rodolfo Teixeira* tocava violino, “*Nho*” *Morgado*



DEPOIMENTOS

com “Nho” Mourato violão. “Nho” Emílio Martins tocava bem violino ...”.

E, sem demora nem hesitações, prosseguiram dizendo que os bailes:

— “...eram famosos, chegando a vir rapazes de Bolama, bem como doutros lugares ...”.

Saudosas recordaram:

— “... iam das nove ou dez da noite até às sete da manhã e que a anfitriã, no final do baile, escolhia pessoas da sua confiança para levarem as meninas para casa delas. No dia seguinte, havia S. Brás¹³⁸.”.

A irmã mais nova, com que falei nessa tarde de Fevereiro, lembrou-se que certo dia, já em 1959, “Nha Bijagó” lhe pedira para confeccionar uma refeição pois pretendia juntar filhas e netos. Para tal, dada a muita consideração e estima em que a tinha, esmerou-se e preparou uma refeição típica, composta por:

— *Brindge*¹³⁹, arroz com carne e peixe cozido.

E complementou informando que o local do repasto:

— *Foi na residência de “Nha Bijagó”, a caminho de Santa Luzia, e estavam lá as filhas Clementina e Adriana. Dos netos, estava a Aldonça, e outros ...”.* E mais não disse pois, a vora-gem do tempo e a idade, já não lhe permitiam precisar todos quantos participaram no dito repasto.

¹³⁸ Como explicou, correspondia à chamada “*matinée*”, em que se dançava das 19 às 24 horas!

¹³⁹ É um prato típico da Guiné, por muitos considerado como o principal, feito à base de carne de pato, galinha ou porco, temperado, cozido e frito, servindo-se com mandioca ou batata cozida e o omnipresente arroz.





Em 2006, na doçura dos seus 86 anos, tive o ensejo de colher o depoimento da simpática Maria Teresa Pereira¹⁴⁰, mais conhecida por “*Quinta de Nha Bijagó*”, a qual nasceu a 04.11.1920 em Gam Chiquinho¹⁴¹ e que com 11 anos de idade foi para casa de “*Nha Bijagó*”, onde se manteve até aos 22 anos. Com ela foram lá criadas mais quatro ou cinco jovens guineenses, que, no dia-a-dia, iam aprendendo as lides da casa.

Do longo período de permanência em casa, de “*Nha Bijagó*” referiu não se recordar que ela fosse pessoa que tivesse santos ou imagens religiosas em casa, nem que fosse grande praticante.

Como referiu:

— *Era, sim, uma pessoa muito exigente e não gostava que cometessem erros.*

Depois, com um angélico sorriso a iluminar-lhe o rosto, a anciã evocou a *Nonô*¹⁴², uma das filhas de “*Nha Bijagó*”, que havia sido sua madrinha de baptismo e comunhão, sublinhando:

— *Essa cozinhava bem!...*

Não se esqueceu, também, dos bailes, destacando, entre os músicos, “*Nho Djon Columbina*” e, com um evidente repasse

¹⁴⁰ Por casamento Pereira e mãe do meu saudoso amigo e colega, no liceu de Bissau, Manuel Pereira da Rocha.

¹⁴¹ Há na Guiné mais do que um lugar com este nome. Neste caso concreto pertence à Circunscrição de Bafatá.

¹⁴² Tratava-se de Leonor Ledo Pontes.



DEPOIMENTOS

de tristeza na voz, deu-me a conhecer que, mais tarde, a “*Nha Bijagó*” arrendou parte do prédio ao “*Nho Tatá*” pelo que, precisamente, na sala onde, outrora, se faziam os bailes é que este passou a dar explicações...

Reconheceu que “*Nha Bijagó*” saía com frequência, quer para a zona de Bissau Velho, indo a casa de “*Nhanha parteira*”, perto da Amura, assim como até ao Bairro de “*Chão de Papel*”, a fim de visitar “*Nha Bedja*”.

Com ponderação foi, de forma pausada, desfiando lembranças várias e, numa inequívoca prova de reconhecimento da capacidade financeira evidenciada pela “*Nha Bijagó*”, cantarolou uma cantilena, intitulada “Três amigas”, a qual, segundo ela, era hábito os garotos cantarem e cuja letra assim rezava:

— “*Nhanha na toca baile, Nha Bejda na canta, Nha Bijagó na conta dinheiro.*”.

E recordou, ainda, que era “*Nha Bijagó*” quem:

— *De mês a mês, ia às compras, lá na zona de Bissau Velho, na loja de Luís António de Oliveira, que, depois, mandava entregar as coisas lá a casa.*”.

Outro caso idêntico que era vulgar, então, designar-se ou denominar-se pela expressão de “*menina de criação*” é o de Isabel Correia Landim¹⁴³ que, com apenas, cinco anos, foi levada para casa de “*Nha Bijagó*” e por lá ficou, poder-se-ia dizer para sempre...

¹⁴³ Natural de Bula, onde nasceu em 06.12.1929.



Nesse longínquo ano de 1934, já "*Nha Bijagó*" residia na casa situada na avenida que vinha da Amura e seguia para o Bairro de Santa Luzia. De entre outras companheiras com que conviveu, referiu a "*Quinta*", a Raquel, a Rosa, a Domingas ... Claudina, etc.



Das filhas de "*Nha Bijagó*", apenas, se lembrava, que lá vivia a Leonor (*Nonô*), assim como a sobrinha da dona da casa, de seu nome Cecília¹⁴⁴.

Além da moradia propriamente dita, havia, em sentido perpendicular ao eixo da estrada que passava em frente à casa de "*Nha Bijagó*", uma correnteza de quartos com telhado duma só pendente, o que, na gíria, se designa por "meia-água".

Ora, numa dessas dependências é que, segundo me disse e depois foi confirmado, vivia um elemento da família Ledo Pontes, o qual atingiu notoriedade na sociedade guineense.

¹⁴⁴ Filha de Leão Ledo Pontes, irmão de Luís Ledo Pontes, que fora segundo marido de "*Nha Bijagó*". Leão L. Pontes, residia em Bafatá onde tinha uma propriedade ou "*ponta*".



DEPOIMENTOS

Refiro-me a Raimundo Ledo Pontes¹⁴⁵ que exercia funções de solicitador e era casado com uma senhora natural de Cabo Verde, de seu nome Maria da Penha Santos¹⁴⁶.

Em 1947, Isabel Correia Landim acompanhou o casal, Mário Joaquim Silva e a esposa, na vinda para Portugal, tendo ido residir para a, então, Rua Alves Torgo¹⁴⁷, junto à actual Praça Sá Carneiro, no Areeiro. Em 1953, entenderam que a Isabel devia ser baptizada, tendo sido o casal quem apadrinhou o acto. Avivando as recordações que ainda retinha, confessou:

— *A “Nha Bijagó” era uma pessoa religiosa, que lá em casa tinha mesmo um oratório e, de quando em vez, ia assistir à missa à capelinha que havia dentro do Quartel da Amura.*

E prosseguiu dando-me a conhecer a particularidade:

— *“Nha Bijagó”, ela costumava sair com frequência mas, quando estava em casa, mostrava uma forte inclinação para a costura.*

¹⁴⁵ Era, como já referimos, procurador judicial e proprietário, tendo, de 1918 a 1921, exercido funções de vereador efectivo da Câmara Municipal de Bissau. Nessa função autárquica e, também, como vereador efectivo, acompanharam-no o general reformado e proprietário Joaquim António Pereira, o agente comercial e proprietrio César Carlos Medina, o procurador judicial Álvaro Coelho de Mendonça e o comerciante Carlos Cabral Avelino. Em 04.06.1911, foi membro efectivo do Conselho Fiscal da Liga Guineense e, em 30.08.1920, Delegado da Guiné, junto da Liga Africana, com sede em Lisboa.

¹⁴⁶ Era modista e mãe de Luís Lisboa Ledo Pontes. O B. Of. n.º 35, da Guiné, indica que, em 18.03.1935 embarcou em Bissau, num navio com destino à Praia, em Cabo Verde.

¹⁴⁷ Após o “25 de Abril”, passou a R. Agostinho Lourenço.



Dotada de boa memória, foi com facilidade que confirmou a identidade de quase todos quantos figuravam numa foto, com mais de 80 anos, que já apresentámos e na qual estava a “*Nha Bijagó*” no quintal de sua casa.

Para além dessa preciosa ajuda, confirmou que, efectivamente, a sua antiga patroa fora sepultada na mesma campa da filha Adelaide, que, 28 anos antes, falecera num desastre de viação, ocorrido perto de Bór.

E sobre este trágico acidente, lembrava-se de, sempre ter ouvido dizer, que, por acaso, pouco antes dele ocorrer, as irmãs Adelaide e Leonor tinham, entre si, trocado de lugar na viatura de caixa aberta e que fora essa mudança que, por força do destino, salvara a irmã mais nova.

Em determinada altura, Idalina Rosário de Barros Miranda¹⁴⁸, residiu, em frente à casa de “*Nha Bijagó*”, na Rua Mouzinho de Albuquerque, o que levou a que entre ambas se estabelecesse uma forte relação, pois como me referiu:

— *À tarde, costumava ir até casa de “Nha Bijagó”, que era muito conversadeira. Não aceitava era faltas de respeito e como a paciência já não chegava ela ralhava com os explicando de “Nho Tatá”.*

Como que sintetizando, continuou:

— *“Nha Bijagó” costumava sair com frequência e uma das suas filhas..., a Clementina, foi minha madrinha de casamento e... ai, a “Nonô”, foi de baptismo do meu filho Sérgio ...*

E rematou dizendo:

— *Ela tinha muitas casas, lá no Bissau Velho.*

¹⁴⁸ Nascida, em 29.08.1921, na Ilha do Fogo.



DEPOIMENTOS

A Prof.^a Irene Vaz Fernandes Fortes, que em determinada fase da sua vida residiu na mesma rua que “*Nha Bijagó*”, embora estivesse mais chegada ao centro comercial urbano, recordou:

— Quando eu era criança, via-a passar à porta da casa onde morava¹⁴⁹, a caminhar da zona de Bissau Velho.

E, como especificou:

— *Ia ela, sozinha, ouvir missa na capela que ficava dentro da Fortaleza da Amura. Por hábito usava um capacete de cortiça, de cor branca e calçava sapatilhas¹⁵⁰, também brancas.*

Todos que com ela se cruzavam a cumprimentavam com muito respeito.



Embora fosse jovem, Carlos Alberto Duarte da Costa Annes¹⁵¹ recorda-se de no ano lectivo de 1952/3 ter tido Adriana Pinheiro de Figueiredo como professora na 1^a classe e na Escola de Santa Luzia.

Já na 3^a e 4^a classe teve explicações com o Sr. “*Tatá*”, que não só era vizinho, como vivia num prédio pertencente à “*Nha Bijagó*”.

¹⁴⁹ Em prédio de “*Nhonho*” Isaac, na esquina das Ruas Mouzinho de Albuquerque e Adm. Gomes Pimentel, onde, na década de 60, Duarte Vieira, das Obras Públicas, teve uma Procuradoria, mesmo vis a vis com a igreja evangélica, no prédio onde morava o Dr. António Joaquim de Campos.

¹⁵⁰ Que na Guiné eram vulgarmente designadas por *canvas*.

¹⁵¹ Meu antigo colega do Liceu e mais conhecido por “*Tatá*”.



De memória viva, deu-me a conhecer:

— *No intervalo das sessões diárias de estudo, iam comprar filhóses e “repuxada”¹⁵², na casa ao lado, tendo sempre ouvido dizer que esses doces eram feitos pela “Nha Bijagó”.*

Lembrava-se, pois, de não só ver a anciã, já muito idosa, sentadinha à porta de sua casa, numa cadeira com braços, como do facto de ela aceitar vender a fiado, não se esquecendo de quem lhe devia e que até chegava a exercer as cobranças no período de explicações!

Já mais crescido, era, juntamente com Carlos Vitorino Gomes de Almeida¹⁵³, acólito nas manhãs de Sábado, na missa das 07H00 e cujo officio religioso tinha lugar na capela existente no Bairro de Santa Luzia, conservando viva a lembrança de, ao passarem à porta dela, lhe comprarem doçaria.



Ana Balbina Espert Oliveira Teixeira recordou que da 4ª classe ao 2º ano do liceu foi, também, explicanda do Prof. “Tatá”, o que lhe permitiu que conhecesse certas atitudes da “Nha Bijagó” avançando, a título de exemplo:

— *Nos dias de chuva, deixávamos o calçado, nomeadamente as sandálias plásticas, espalhadas no passeio à porta*

¹⁵² Rebuçados compridos, de várias cores e fabrico caseiro.

¹⁵³ Também conhecido por Carlitos “Apadacace”.

DEPOIMENTOS

da casa do conceituado explicador. Bom, a “Nha Bijagó” impacientava-se e, como tal, não estava com meias-medidas. Daí, ela atirar para o meio da rua as peças que ficassem para cá do alinhamento da parede contígua à sua casa e, em particular, em frente à sua porta.

E prosseguiu reconhecendo que ela:

— *Ralhava muito, implicando, por exemplo, com o facto dos explicandos do vizinho jogarem “à macaca” ou de andarem a correr.*

Neste caso, concretamente, em tom recriminatório, costumava dizer:

— *“Mudjer-fêneas i, tâ corri na rua ... suma caballo!”*¹⁵⁴.

E, com veemência, prosseguia:

— *“Na bô casa i tâ dado educação, mâ a bôs ... câ ta tomal!”*¹⁵⁵.

Recordou que, por vezes “Nha Bijagó” costumava interessar-se por saber quais os familiares dos explicandos, pelo que, às vezes, os inquiria:

| Terceiros oficiais | |
|---|-------|
| Antônio Miguel Germano | |
| Bernardo Heitor da Silveira e Lorenna | |
| Abel Malvar Guedes | |
| Antônio Ernesto de Miranda | |
| Joaquim Ferraro Vaz | |
| Tesoureiros | |
| Ludgero Cândido Teixeira | |
| Armando Vitor Silva | |
| Primeiros aspirantes | |
| João Martins Gambôa | |
| Pedro Viriato dos Reis | |
| João Lopes Ribeiro | |
| Antônio Alfredo da Silva Pinto | |
| Mmanuel Antônio Sampaio Fernandes | |
| Raimundo Nunes Vieira | |
| Segundos aspirantes | |
| José Antônio Marques Geraldes | |
| Manuel João José Mendes Correia | |
| Henrique Lopes Ribeiro | |
| Cleto José da Costa | |
| Vago | |

¹⁵⁴ Mulheres a correrem na rua ... como cavalos!

¹⁵⁵ Em vossa casa, é-vos dada educação, mas vós não a reteis.

— “*A bó propi, i fidjo di quem?...*”¹⁵⁶.

Posto que, uma vez esclarecida, era norma rematar, de forma simpática a sua curiosidade satisfeita, dizendo:

— “*A bó i fidjo di bom genti!...*”¹⁵⁷.

Também a saudosa Esperança Robalo¹⁵⁸, que foi vizinha de “Nha Bijagó”, recordou-a como pessoa muito temida pela garotada, dada a pouca paciência que tinha para aturar o barulho que, normalmente, decorria das brincadeiras próprias dos mais novos.

Como sublinhou, certo dia, mais incomodada pela correria e a algazarra que os explicandos do “*Nhô Tatá*” faziam, “*Nha Bijagó*”, não se conteve e, por causa da Regina Benoliel, disse:

— “*Nho Tatá*”, *chutam dé qu’ il di cabedjo burmedjo*¹⁵⁹.

Porém, em contrapartida, ela também, era capaz de assegurar a protecção dalguma criança, como, certo dia, sucedeu com a já falecida Olga, filha de “*Nho Tatá*”, que, para fugir a um castigo paterno, se refugiou nos braços de “*Nha Bijagó*” que, por acaso, se encontrava na rua e se é certo que na altura intercedeu, concedendo protecção a quem lha solicitava. Porém, já dentro de casa fez-lhe ver que, afinal, o pai tinha razão e aplicou-lhe um pequeno castigo.

¹⁵⁶ Tu és filho de quem?

¹⁵⁷ Tu és filho de boas famílias.

¹⁵⁸ A Prof.^a Primária Esperança Gomes de Sousa Robalo Furtado, nasceu em Bolama a 18.11.1941 e, vítima de ataque cardíaco, faleceu a 13.05.2007 em Bissau. A mãe era irmã de Godofredo Vermão de Sousa, “*Nho Tatá*”, sendo ambos filhos de “*Nha Tizinha*” que, por sua vez, era afilhada da “*Nha Bijagó*”.

¹⁵⁹ Sr. “*Tatá*”, *castigue aquela de cabelo ruivo*.



DEPOIMENTOS

O meu amigo, colega de curso, mas da Escola Agrícola de Santa-rém, antigo vizinho no Chão de Papel e, entre outras particularidades, excelente conversador que foi o saudoso *Tano*¹⁶⁰, definiu-a como:

— *Pessoa extrovertida que, como se costuma dizer, tinha o coração ao pé da boca.*



Dado o acerto, tal reconhecimento foi, de imediato, corroborado por Luiza Boscardini¹⁶¹, em casa de quem nos encontrávamos.



E, com a fidelidade que era seu apanágio, o *Tano* desfiou um rol de situações que me permito resumir:

— *“Nha Bijagó” não só era muito amiga do meu pai¹⁶², a quem tratava por “Nho Tchico”, como primava por estar bem informada, pelo que não descurava as notícias. Ela, durante o período em que decorreu a II Grande Guerra, era*

¹⁶⁰ De descendência materna italiana, era de seu nome Gaetano Aurigema de Sousa Graça, nasceu em Bissau a 14.08.1938 e faleceu em Corroios a 23.03.2008.

¹⁶¹ Nascida a 09.04.1919, em Farim.

¹⁶² Francisco José Silvano de Sousa Graça, que tive o grato prazer de conhecer, n. em Cacheu a 30.04.1895 e f. em Bissau, a 13.01.1971. Estudou em Portugal no Colégio S. Fiel, na zona da Gardunha.



habitual ir, à tarde¹⁶³, a casa¹⁶⁴ onde vivíamos, ouvir a emissão da B.B.C., que noticiava em português. As emissões eram a partir de Londres sendo locutor o Fernando Pessa.

Contou-me também que, em 1958, quando a Associação Académica de Coimbra, vulgo "Briosa", se deslocou à Guiné com as equipas de futebol e de basquetebol, ela, ao ouvir na rádio o relato de futebol, transmitido pela Emissora local, dizia:

— "*Nho Tchico*", rádio e na fâla sô: *bucandémica, bucan-démica!*¹⁶⁵

Nessa famosa equipa treinada pelo "mestre" Cândido de Oliveira, actuavam grandes valores do desporto nacional como, por exemplo, Maló, Marta, Mário Torres, Mário Wilson, Gil, "*Malícia*", Abreu, André, Jorge Humberto, Anselmo Évora, Bentes, etc. Como se fosse hoje, recordo-me que no, então, Estádio "Sarmento Rodrigues", se realizaram três jogos tendo no primeiro ganho à selecção da Guiné por 5 a 2 e que, no seguinte, a selecção da Gâmbia foi, pura e simplesmente, esmagada por 13 a 0!

Ora como no antigo estádio havia um marcador em torre

¹⁶³ Aparecia por volta das 16H00 e permanecia até às 19 ou 20H00, altura em que, acompanhada pelo sobrinho Raul Correia Pinto, vulgo *Lulu* Pinto, que, de 1969 a 1973, foi cirurgião na Guiné, ou pelo Marzam (bate-chapas do Almojarifado de Fazenda e, mais tarde, das Obras Públicas), regressava a sua casa, na Av. Mouzinho de Albuquerque.

¹⁶⁴ Pertença do antigo Director dos Serviços de Finanças e genro de "*Nha Bijagó*", situada na antiga Rua Sá Carneiro e hoje denominada Eduardo Mondlane.

¹⁶⁵ Sr. Chico, a rádio só fala em Académica, Académica!



DEPOIMENTOS



Atrás e da esq. para a direita: *Malícia*, *Marta*, *Manecas*, *Mário Wilson*, *Mário Torres* e *Maló*.

À frente: *Jorge Humberto*, *Anselmo Évora*, *Gil*, *Miranda*, *André* e *Bentes*.

metálica, encimado por uma pequena plataforma onde um “operador” manejava dois tipos de chapas que introduzia em ranhuras: umas continham os nomes das equipas em jogo; outras, para indicar o resultado e os números de 0 a 8. Não havia o n.º 9, pelo que, em caso de necessidade, o recurso estava em usar o 6 ao contrário. Assim, nessa gloriosa tarde, para indicar os quatro últimos golos foi necessário ir comprar um garrafão de cinco litros de vinho, partir o capacete em gesso que protegia a zona do gargalo e, então, utilizar o material para, nas costas das chapas referentes aos números escrever os golos de 10º ao 13º!

O último encontro foi contra uma selecção composta por, apenas, jogadores naturais da Guiné, a qual foi igualmente derrotada, mas por muito menor margem.





Cidadã dotada duma invejável memória, impressionou-me de sobremaneira Maria Olímpia Pimentel¹⁶⁶ que, com clareza e segurança, me informou que a sogra¹⁶⁷ viera de Cabo Verde para a Guiné em 1912, tendo chegado à cidade de Bolama, precisamente, na mesma altura que o Capitão João Teixeira Pinto.

Na Guiné a sogra teve seis filhos e viveu, em Bissau, num dos prédios pertencentes a "*Nha Bijagó*", que, segundo me referiu, se situava no cruzamento das antigas Ruas Miguel Bombarda e Governador Polaco sendo conhecido por "Couraçado Paris".

Realçou que tendo a sogra sofrido grandes desgostos com o falecimento de alguns filhos, fora, certo dia, contactada pela "*Nha Bijagó*" que — no intuito de sustar a série de desaires que lhe vinham sucedendo — lhe propôs a realização duma cerimónia gentilica, com recurso a um Irã¹⁶⁸ ao que ela acedeu, pois, em seu entender, nada tinha a perder.

Assim, a pedido de "*Nha Bijagó*", a sogra adquiriu determinada quantidade de aguardente sacarina, tabaco em folha e arroz, produtos destinados a usar no procedimento a ter com a "*divindade*" local.

¹⁶⁶ De seu nome Maria Olímpia do Livramento Martins Fernandes Pimentel, nasceu em Bolama a 31.08.1922. Filha do Secretário Administrativo Veríssimo Pereira Fernandes, viveu alguns anos em Cabo Verde e em 1942 voltou à Guiné, onde casou com o Administrador Jorge Alberto Pimentel.

¹⁶⁷ Luzia Gambôa, nasceu em S. Vicente (1876) e faleceu em Bissorã (1972), na Guiné.

¹⁶⁸ Ídolo nativo, entendido e respeitado como espírito protector.



DEPOIMENTOS

A cerimónia realizou-se em Prabis, no *Irã* da etnia *papel* e, como que por magia, o certo é que acabaram as mortes!

Num verdadeiro rosário a desfiar velhas contas recordou Maria Olímpia que “*Nha Bijagô*”:

— *Era muito amiga do meu pai. Ela era uma pessoa muito influente. Poder-se-á dizer que era a verdadeira “Comandante” de Bissau, sendo muito procurada pelas mais variadas razões e face a toda e qualquer dificuldade ou problema.*

E, com segurança e calma prosseguiu reconhecendo:

— *Ela era a “Rainha de Bissau”. Toda a gente lá ia a casa visitá-la, para saber o que devia ou não fazer. É certo. Todos tomavam opinião com ela (sic).*

E, quase sem se deter, concluiu:

— *Era uma pessoa muito religiosa, que ia ouvir missa na capelinha que, então, havia na Fortaleza da Amura. E, como era hábito, naquele tempo, levava um capacete branco, para se defender do sol.*

Nascida em Cacheu¹⁶⁹, aos 81 anos, Hermínia Ribeiro, conservava uma excelente e fresca memória, informando que se recordava bastante bem da “*Nha Bijagô*” pois a mesma ia, com frequência, a casa do Sr. *Chico* Graça que, por sinal, então morava num prédio de que era proprietário o Sr. Caetano de Sá¹⁷⁰. Esse prédio ficava perto da antiga sede da Câmara

¹⁶⁹ Em 27.01.1927, tendo sido criada por Cleto José da Costa, que foi Terceiro Oficial da Alfândega e que esteve colocado nos Bijagós, onde ela também viveu.

¹⁷⁰ Genro da “*Nha Bijagô*”.



Municipal de Bissau, na rua que ia para o Cemitério. E, prosseguindo, afirmou:

— *“Nha Bijagó” era pessoa de altura média, forte, muito activa e que saía geralmente, só. Não admitia a mínima falta de respeito e era muito rigorosa.*

A concluir, reconheceu que a *“Nha Bijagó”* revelava uma grande confiança no Sr. *Chico* Graça e, quando chegava a casa dele, era vulgar dizer:

— *Nho Tchico, n’ bim pâ bô bim djudam*¹⁷¹ ...

Natural de Bolama¹⁷², Alexina Lopes Pereira Pimentel, retratou-me *“Nha Bijagó”* como uma pessoa que, por hábito, costumava tecer comentários jocosos, evidenciando gozar de boa disposição.

Era forte a sua ligação à família de *“Nha Bijagó”*, lembrando que uma das filhas — a Leonor, vulgo *“Nonô”* — trabalhava de modista para algumas senhoras de Bissau, sendo uma dessas clientes a tia¹⁷³ dela. E, nesse sentido, recordou:

— *Eu é que ia lá a casa levar os tecidos e depois buscar as obras.*

Para além disso, a neta de *“Nha Bijagó”*, de seu nome Isabel Sá:

— *Deu-me explicações, quando eu tinha nove anos.*

Recordou, ainda, a particularidade de *“Nha Bijagó”* usar meias altas¹⁷⁴ e de cor esbranquiçada, as quais, em pequena,

¹⁷¹ Sr. *Chico*, eu vim para (você) me ajudar...

¹⁷² Em 09.02.1935 e criou-se em Preço-Leve, na Ilha de Bolama.

¹⁷³ De seu nome Júlia e que foi esposa de Pedro Pires.

¹⁷⁴ Neste caso acima da canela, mas abaixo do joelho.



DEPOIMENTOS

a ela chamavam muito à atenção. E, em conclusão, informou:
— A “*Nha Bijagó*” saía diariamente, na companhia da filha *Clementina*, indo às lojas lá de *Bissau Velho*.

Ainda que tivesse tido, como reconheceu, uma fortuita relação com “*Nha Bijagó*”, José Manuel Rodrigues Pires referiu:

— *Ela ficava sentada à porta de casa e eu, depois do trabalho*¹⁷⁵, cumprimentava-a quando, ia para as explicações¹⁷⁶, em casa do Sr. “*Tatá*”, que era, justamente, seu vizinho.

E, muito embora, conserve dela uma ideia bastante vaga, recordo-a como sendo:

— *Uma pessoa que era, por todos, muito respeitada, que a cumprimentavam com muita deferência.*



Outra pessoa que tive oportunidade de conhecer durante a recolha de testemunhos para este trabalho foi *Adrião Soares da Gama*¹⁷⁷, também conhecido pelo nome de “*Pinto Gama*”

¹⁷⁵ No Despachante Oficial Adolfo Taveira, na R. Miguel Bombarda, actual R. 12 de Setembro, na zona de *Bissau Velho*.

¹⁷⁶ Do antigo 1º Ciclo do Liceu, que hoje corresponde ao 5º e 6º ano de escolaridade.

¹⁷⁷ Nasceu em *Bissau* a 05.10.1923 e foi funcionário dos Correios Telégrafos e Telefones.



o qual, depois muito instado, referiu:



— A “*Nha Bijagó*” era pessoa muito amiga da minha avó¹⁷⁸, e que, juntas com “*Nha Bedja Lobo*” se encontravam, com uma frequência, digamos que semanal, para, como se diz na Guiné “*cumê-cumê*”, ou seja, conviver e comer.

Cada uma delas levava a sua comidinha que era partilhada com as demais.

Após uma breve pausa, como que a querer ordenar ideias, fitou-me por cima das suas lentes e, dando azo a velhas recordações, prosseguiu com a meia voz :

— *Juntavam-se lá na frente da casa de “Nha Bedja Lobo”, almoçando debaixo de um grande mangueiro¹⁷⁹, que, naqueles tempos, havia na antiga Rua das Canalhas¹⁸⁰ (sic).*

E, muito compenetrado, rematou:

— “*Nha Bijagó*” era pessoa religiosa, tinha bastantes afilhados, era muito respeitada e uma orientadora do povo.

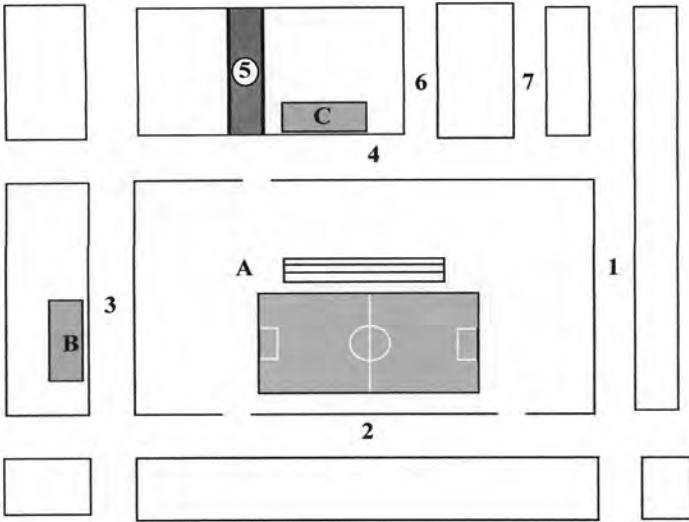
¹⁷⁸ Maria do Livramento Estácia Silva, natural de Cabo Verde e conhecida por “*Chon-Chon*”.

¹⁷⁹ Na Guiné, assim se designa a frondosa frutífera cuja classificação botânica é a de *Mangifera indica* Linneu. Também quanto ao fruto a designação que lhe é dada é a de **mango**, pois que manga em crioulo quer dizer muito.

¹⁸⁰ Admito tratar-se duma designação popular. De acordo com informação credível, prestada por *Toni Delgado*, essa artéria responde à actual Rua de Angola que se situa por trás do antigo Estádio Sarmiento Rodrigues, hoje Lino Correia.



DEPOIMENTOS



1 - Av. da Independência

2 - Av. Osvaldo Vieira

3 - Rua 12

4 - Rua Rui Djassi

5 - Rua de Angola

6 - Rua de Cabo Verde

7 - Rua de S. Tomé

A - Estádio Lino Correia

B - Edif. dos Solteiros

C - Sede do Sporting C. B





Domingos Lourenço Fernandes¹⁸¹ referiu que “*Nha Bijagó*” era prima, em primeiro grau, de Carolina da Silva, mais conhecida por “*Tia Calina*”, sendo:

— *Pessoa sempre muito procurada, dialogante, que sabia tudo em relação à vida passada, nomeadamente, em Bissau. Devido à sua memória fabulosa, era como que uma enciclopédia.... Falava sem rodeios, sendo sempre, pois, pessoa muito frontal.*

E, das suas vivas lembranças, sublinhou:

— *Era, também, dotada de muita capacidade organizativa, gozando de particular ascendente sobre as mulheres de Bissau e não só, que muito a respeitavam.*

Encerrando o depoimento, com a delicadeza tão peculiar que cultivava, alertando-me para o facto sintomático de:

— *Quando ela mandava chamar alguém, fosse lá quem fosse, essa pessoa ia logo ter com a “Nha Bijagó”. Não podia faltar e nenhum marido se atrevia a impedir que a mulher fosse ter com ela.*

¹⁸¹ Vulgo “*Dundo*”, nascido em Geba em 13.11.1937, foi Enfermeiro e, mais tarde (1975-9) licenciou-se, em Portugal, em Gestão de Recursos Humanos e Administrativos, no Instituto “Ricardo Jorge” com estágio, também em Portugal, em Planificação e Gestão, na Direcção Geral de Saúde.



DEPOIMENTOS

Genoveva¹⁸² Graça, ainda conserva de “*Nha Bijágó*” uma memória bem viva, tendo-me referido:

— *Ela ia, diariamente, a nossa casa falar com o meu pai, quando vivíamos junto do antigo edifício da Câmara Municipal, ali bem perto do Hospital Central de Bissau.*

E, prosseguindo, realçou:

— *Aí pelas 09H30, passava, com a filha Clementina, a caminho de Bissau Velho. Iam as duas, de capacete de cortiça, de cor branca, a caminho da loja do Luís de Oliveira¹⁸³, a seguir à loja do Salgando & Tomé. Depois, iam a casa da Paula Teixeira, mãe do Elisée e da Anne Marie Turpin, na descida que vinha do Grande Hotel para a antiga Av. da República, um pouco abaixo do prédio onde estavam o sapateiro Esbelto e o alfaiate Manuel Costa, onde foi construído um 1º andar, em que morou o Sr. Tomás Alves, director das Finanças. Precisamente aquela zona fora, outrora, conhecida por Gã Teixeira¹⁸⁴.*

Ao fim da tarde, então, ia a nossa casa pois, como gostava



¹⁸² De seu nome completo Maria Genoveva Aurigema de Sousa Graça Carvalho, vulgo “*Béba*”, nasceu em Bissau em 1936.

¹⁸³ Que, como me recordou, dada a sua dificuldade auditiva era conhecido pelo alcunha de “*Luís Surdo*”.

¹⁸⁴ Numa evocação a António dos Santos Teixeira, rico comerciante guineense, que foi vítima de perseguições encetadas pelo, então, Cap. João Teixeira Pinto e que com o apoio do advogado Luiz Loff de Vasconcellos, foram denunciadas em publicação composta e impressa em Lisboa, em 1917.



de estar bem informada, queria saber novidades da II Grande Guerra e, como o meu pai ouvia a BBC, pacientemente, colocava-a ao par da situação.

Conclui, frisando um gesto de há muito perdido e realçando a credibilidade social que ela granjeara:

— *Nós, garotinhas, quando a víamos, pedíamos-lhe a bênção, o que ela, de pronto, a dava.*

A “Nha Bijagó” gozava de grande prestígio e como tal tinha uma enorme ascendência sobre muitas famílias que com frequência a procuravam no sentido de ser ela a mediar conflitos e desavenças.



Figura sobejamente conhecida da Guiné, João Vaz¹⁸⁵ constitui — pela sua ponderação e objectividade evidenciadas — uma boa fonte informativa para quem deseje conhecer, como ele diz e bem, a verdadeira História da nossa terra.

Nasceu em Bissau no local conhecido por Gã Pinto, situado na faixa de terreno entre a fortaleza da Amura e a linha de água que delimitava a margem direita do rio Geba. Recordou, assim, “*Nha Bijagó*”:

— *Era uma senhora das antigas e, como outrora era hábito, sempre foi muito respeitada. Muito católica, lembro-me*

¹⁸⁵ Filho de António Domingos Vaz e de Francisca Gomes Vaz, nasceu a 24.11.1923 e tinha António no seu nome. Porém, razões de constante incómodo causado por um cidadão homónimo, levaram-no a suprimir o nome António e passou a ser, apenas, João Vaz.



DEPOIMENTOS

bem de, aos domingos, a ver passar quando ia ouvir missa a uma capela que havia dentro da fortaleza da Amura. Naqueles tempos não havia catedral, que só começou a ser construída no tempo do governador Sarmento Rodrigues.

Outra particularidade que mencionou, foi:

— *A “Nha Bijagó” tinha grande número de afilhados e havia quem lhe confiasse a criação das filhas, muito jovens, que ela recebia em sua casa.*

Era proprietária de vários prédios na zona de Bissau Velho, que a gente chamava de “Praça”. Vivendo desafogada... Lembro-me bem de a ver passar de manhã cedo, com um banquito para ir receber as rendas dos seus prédios aos inquilinos.

E avançou com um facto que, até então, me era desconhecido, especificando:

— *Sabe uma coisa? ... Se, por acaso, um inquilino não passasse, ela, no fim do segundo mês, ia lá acompanhada por um carpinteiro e mandava retirar a porta da casa! Ela não brincava e todos lhe tinham muito respeito.*

Tinha prestígio junto das autoridades governamentais e, mesmo, das nativas. Por isso, aquando de alguma cerimónia em que houvesse que juntar pessoas para dar as boas vindas — como sucedia quando era das chegadas ou partidas dos governadores, entidades portuguesas ou estrangeiras que nos visitavam lá na Guiné — ela era contactada e lá conseguia fazer que os nativos vestissem trajes típicos, trouxessem bandeiras, tocassem tambores, cantassem, batessem palmas, dançassem, estendessem panos no chão para as pessoas passarem, etc.

Tudo corria sempre a contento. Depois de falecer, era a filha Adriana que, até certo ponto, assegurava esses contactos.



“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE



**Antigo
edifício
da
Alfandega,
em Bissau.**

**Ponte cais
do Pigiguiti,
para navios de
cabotage.**



**Ponte cais de
Bissau, para
transatlânticos,
inaugurada em
18.05.1953.**

**Telhados
de Bissau, vistos
de uma das tor-
res da Catedral.
Ao fundo, o Ilhéu
do Rei.**





VALOR PATRIMONIAL

A consulta da “Relação dos negociantes”¹⁸⁶ permitiu constatar que José Ledo Pontes, para além de ser pessoa de bem na praça de Bissau, foi — em 12.09.1883 e pela Portaria n.º 249 — louvado pelo Governador Pedro Ignacio de Gouvêa¹⁸⁷, na sequência do “... *prestimoso auxílio na manutenção alimentícia das praças auxiliares que em junho último*¹⁸⁸ *bateram os balantas de Nhacre*¹⁸⁹.” (sic).

Na ocasião, a par de José Ledo Pontes foram louvados os seguintes cidadãos e entidades:

| | |
|-------------------------|---------------------------|
| João Monteiro de Macedo | José Lobo de Pina |
| Ricardo Barboza Vicente | Lourenço Pereira da Rocha |
| João Cabral Avelino | Roberto Ribeiro da Cunha |
| Álvaro Ledo Pontes | Francisco José Rodrigues |
| João António Teixeira | Sebastião José Teixeira |
| Blanchard & Companhia | Caetano Carlos Medina |
| René Potim | Manoel Justino da Silva |
| Alfredo Lobo de Pina | Joaquim Ladislau Thiago |
| Francisco do Reis Pires | Luiz António da Silva. |

¹⁸⁶ Publicada na folha de rosto do B. Oficial n.º 37 do Governo da Província da Guiné Portuguesa e de 15.09.1883.

¹⁸⁷ Graduado em Capitão-tenente e depois, feito Conselheiro, exerceu funções de Governador, em dois períodos distintos, 16.12.1881 a 26.12.1884 e de 24.01.1896 a 25.08.1897.

¹⁸⁸ De 1883.

¹⁸⁹ Trata-se de Nhacre, posto administrativo que, como os de Bissorã, Binar e Porto Gole, pertenciam à circunscrição de Mansôa, estabelecida pela Port.ª n.º 34, de 26.03.1934.



José Ledo Pontes, também, figura na lista de convidados que, em 14.07.1889, participaram na cerimónia — que hoje se designaria por “lançamento da primeira pedra” — de início da construção das fundações, em Bissau, da ponte cais “Correia e Lança”¹⁹⁰. Referente a Julho de 1889, o B. Oficial n.º 33, de 17 de Agosto, insere, na pág. 128, as características da ponte que, com a grafia da época, se apresentam:

“É esta ponte-cáes formada de dois corpos sendo um cáes d’ alvenaria em forma de trapésio tendo a base superior 12 metros (frente ao mar) e a inferior 16 metros, os lados tem 11m,65 cada um e a altura do trapésio é e 11m,5 a altura da muralha frente ao mar é de 1m,70, outro da ponte de madeira com 12m,3 de comprido.”

Compulsando antigos Boletins Of. da Guiné, é vulgar encontrar o nome de José Ledo Pontes.

O B. Oficial n.º 30, de 28.07.1923, insere um Aviso da Direcção dos Serviços de Agrimensura em que, por despacho do Encarregado do Governo, de então, se fica a saber que, a “*Nha Bijagó*”, fora indeferida a concessão de um terreno com 300 hectares situado na área da Circunscrição Civil de Bafatá, entre Mato de Cão e Gam ou Gã-Colhido.

¹⁹⁰ Joaquim da Graça Correia e Lança, foi, de acordo com a folha de rosto do B. O. n.º 48, de 26.11.1887, da Província da Guiné, nomeado, por decreto de 07.07.1887, para secretário geral da província da Guiné Portuguesa.

VALOR PATRIMONIAL

Como é referido da pág. 282 à 290, da edição de 1946 do Anuário da Guiné Portuguesa, quer a D. Leopoldina Ferreira Pontes, quer as filhas Adriana e Leonor, possuíam, em plena zona urbana de Bissau Velho, significativo valor patrimonial, como se comprova pela tabela que transcrevemos:

| N.º | Nomes dos proprietários ou usufrutuários de prédios inscritos na matriz predial. | Localidades | Valor venal |
|-----|--|------------------------------|-------------|
| 30 | Adriana Pinheiro de Figueiredo | R. Dr. Oliveira Salazar | 76.800\$00 |
| 70 | Leopoldina Ferreira Pontes | R. General Bastos | 288.000\$00 |
| 80 | Leopoldina e Leonor Ledo Pontes | R. Governador Polaco | 70.400\$00 |
| 81 | Leopoldina Ferreira Pontes | R. Governador Polaco | 144.000\$00 |
| 82 | Leopoldina Ferreira Pontes | R. João Monteiro (de Macedo) | 96.000\$00 |
| 139 | Leopoldina Ferreira Pontes | Av. 5 de Junho (1915) | 153.600\$00 |

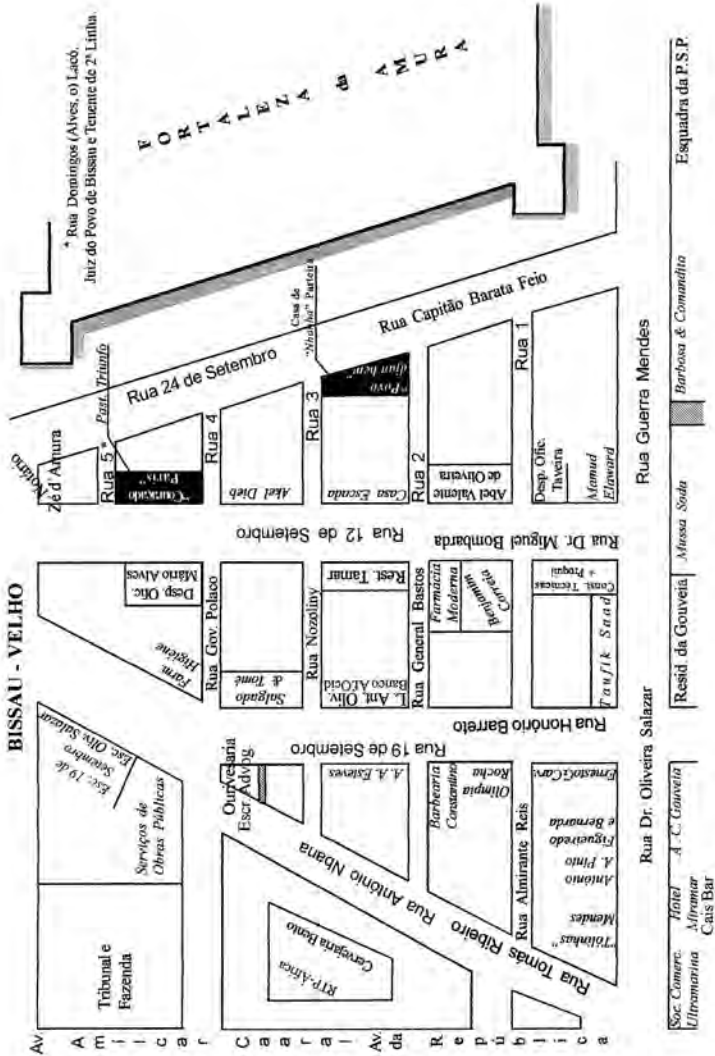
Fonte - Anuário da Guiné Portuguesa, de 1946

E na tabela referente à concessão de terrenos, encontramos menção a dois terrenos pertencentes a “*Nha Bijagó*”:

| Relação dos concessionários de terrenos urbanos e suburbanos, da área da cidade de Bissau | Área m2 | Foro anual | Obs. |
|---|---------|------------|------|
| Leopoldina Ferreira Pontes | 650 | 97\$50 | |
| Leopoldina Ferreira Pontes | 650 | 97\$50 | |

Fonte - Anuário da Guiné Portuguesa, de 1946

“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUNEENSE





OS FAMOSOS ...

Para além de muito interessante, a conversa havida, em 02.02.2006, com as irmãs Lucília e Clotilde (*Iti*) Pereira Borja, foi de grande utilidade, porquanto teve a dupla virtude de me permitir, não só colher novas informações, como confirmar e rectificar outras de que já dispunha.

Em determinado momento perguntei-lhes pelos prédios que “*Nha Bijagó*” tinha na zona de Bissau Velho, ao que ambas, de pronto, confirmaram tratar-se de dois. Um conhecido pela designação de “*Couraçado Paris*”; o outro por “*Povo, djam bem*”¹⁹¹. Quanto a este, como referiram, era:

— ... *perto da casa de “Nhanha Parteira”*¹⁹², *que ficava na esquina e que era quem lhe emprestava um cadeira para se sentar; quando, no fim do mês, ia cobrar as rendas.*”

Tendo eu manifestado sempre interesse em conhecer, com exactidão, os locais, não só deste prédio, como, também, do outro que tinha entrada pela antiga R. Governador Polaco e conhecido pela designação de “*Couraçado Paris*”, de imediato a Clotilde Borja (*Iti*) se disponibilizou a acompanhar-me na manhã seguinte.

¹⁹¹ Com entrada pela antiga Rua General Bastos, actual Rua 2, e dando para a antiga Rua Capitão Barata Feio, outrora conhecida por Rua do Fosso e actual Rua 24 de Setembro, junto à Fortaleza da Amura.

¹⁹² Era avó da Carmem, Guilhermina e Usvalda, que, de 1957 a 1964, foram minhas vizinhas na antiga, R. Administrador Gomes Pimental, no Bairro do Chão de Papel, em Bissau.



Assim foi e, a meu pedido, começámos pelo “*Couraçado Paris*”, onde existiu uma “*república*” ou “*casa-de-solteiros*”, na qual, numa inequívoca prova de solidariedade, muitos jo-



Situado na antiga Rua Miguel Bombarda, o “*Couraçado Paris*” ficava, sensivelmente, no mesmo local, tendo à direita o prédio da Firma Dieb e em frente o escritório do Despachante Oficial Mário Alves. Neste edifício funcionou a “*Pastelaria Triunfo*”, de Adelino Leitão.

A Rua Miguel Bombarda, é, desde 20.01.1975, Rua “12 de Setembro”.

vens funcionários, provenientes de Cabo Verde, tiveram sempre a porta aberta, o que lhes permitia beneficiar, nos primeiros tempos de estadia na Guiné, dum precioso e estreito apoio dos seus conterrâneos.

As mudanças operadas datam de há dezenas de anos mas creio que a localização é perceptível.



OS FAMOSOS

De acordo com a informação fornecida pela *Iti*, a entrada para o “*Couraçado Paris*” fazia-se pela antiga Rua Governador Polaco, a que corresponde hoje a Rua n.º 4, e, segundo ela teve o cuidado de “*in loco*” me informar:

— *Era, justamente, ali no local iluminado pela luz do sol. Está a ver?(sic).*

De entre os muitos residentes que passaram pelo famoso “*Couraçado*” tivemos ensejo de contactar, o pai dum ex-colega ¹⁹³ do Liceu e amigo, Vítor Hugo dos Reis Borges ¹⁹⁴ que,



¹⁹³ Hugo Eugénio dos Reis Borges, oficial general das Forças Armadas portuguesas.

¹⁹⁴ Vindo do porto de S. Filipe, na I. do Fogo, chegou à Guiné em Julho de 1942, após uma demorada viagem de 14 dias, a bordo do “Corona”, que era um palhabote, de casco de ferro e três mastros. Dada a falta de vento e a chuva torrencial, levou três dias a fazer o percurso de Caió (onde entravam os pilotos que manobravam no porto) até Bissau!





com pormenor, recordou algumas situações e sobretudo os nomes de conterrâneos que haviam sido antigos companheiros.

A título exemplificativo, evocou: Lopes da Silva, Humberto Rosa Galvão, Edgar Quejas dos Reis Borges (seu primo), etc.

Segundo Marcelino João Ferreira Santos que também lá residiu, no seu tempo, entre outros, viviam os seguintes:

- António Soares Lopes ("Tcheka"), que trabalhou nos Serviços da Alfândega;
- Antero Benjamim Silva ("Bubu"), idem;
- Jorge Monteiro dos Santos ("Sinais"), que foi funcionário dos Serviços dos Correios;
- Leonardo Bastos da Fonseca, vulgo "Nandinho", antigo empregado da Ultramarina Ld.^a e
- Raimundo Melo Lima ("Mundinho").

Todos os mencionados neste lote foram figuras destacadas do desporto local e integraram as equipas dos três clubes¹⁹⁵ que, inicialmente, havia na capital guineense e que ainda teve oportunidade de ver evoluir, com mestria, em Bissau, no antigo Estádio "Sarmento Rodrigues"¹⁹⁶.

A mesma fonte informou-me que a comida era confeccionada em casa de D. Lídia Jordão e trazida, em marmitas, por um ladino criado, o Augusto.

Descendo a rua e voltando para o lado da antiga fortaleza da Amura deparámos com o local do antigo prédio conhecido por "*Povo, djam bem*".

¹⁹⁵ A União Desportiva Internacional de Bissau (UDIB), o Sporting Club de Bissau (SCB) e o Sport Bissau e Benfica (SBB).

¹⁹⁶ Que desde 20.01.1975, passou a ser Estádio "Lino Correia".





OS FAMOSOS

Como se pode ver, nas duas fotos que se seguem, dele, já nada resta que o local...



Em reforço da preciosa informação colhida, em Bissau e junto das simpáticas irmãs Borja, houve dois antigos residentes do "Couraçado de Paris", que me referiram:

— *Não obstante a sua avançada idade, a "Nha Bijagó" tinha um modo muito particular de, no final de cada mês, cobrar as rendas.*

Assim, chegava lá e anunciava:

— *Nha povo, djam bem! ...*

Depois, a idosa senhora, arqueada pela idade e dureza da vida, sentava-se num banquinho e, serenamente, aguardava que viessem ter com ela e lhe entregassem o montante correspondente à renda.

Era receita única e infalível...



Por informação colhida junto de Carolina Pereira Borja, a porta junto à esquina era da dependência onde morou "Nhanha Parteira"; a seguinte, da casa onde viveu Henrique Barbosa, pai de D. Lídia Barbosa e avô de *Toni Tcheka* e, por fim, a terceira, da D. Carolina, mãe de Joana Granger.



TESTAMENTOS

Mão amiga e, por sinal, seu familiar ¹⁹⁷, facultou-me preciosas fotocópias dos dois testamentos que se conhecem de “*Nha Bijagô*”, gesto que muito agradeço. Ambos distanciam-se cerca de 30 anos e como são de inquestionável interesse e de profundo significado, não hesitei em apresentá-los.

O primeiro, data de 10.06.1929 foi lavrado na cidade de Bolama que, à data, era a capital da Colónia, em casa de Caetano Filomeno de Sá que seria um dos seus genros.



Ponte cais de Bolama, vendo-se, à direita, o edifício onde estavam alojadas várias repartições públicas.

Embora no final desta publicação sejam apresentadas fotocópias e transcrições dos dois testamentos, afigurou-se-me de interesse proporcionar, desde já a possibilidade de, mediante a

¹⁹⁷ O bisneto, Eng.º Técnico de Máquinas, Vítor Manuel Sousa Martins Ribeiro, que vive e lecciona em Viseu.





definição de certos parâmetros, se estabelecer um cotejo.



Vista da Av. Lobo d'Ávila e Bolama, principal artéria da antiga capital da Guiné.



Ed. de 1º andar dos Bombeiros e parte do campo de futebol.

Para além dos aspectos supra referidos, foram tidos em conta: nomes dos notários, identificação das testemunhas, prédios, respectivos destinatários, e se houve ou não a figura do testamenteiro.

Eis, de forma resumida, o que ambos contêm:



TESTAMENTOS

| Data | 10 de Junho de 1929 ¹⁹⁸ |
|--------------------------------|--|
| Local | Em Bolama. |
| Notário | Francisco da Silva Marques. |
| Local | Residência de Caetano Filomeno de Sá, na Rua Dr. Andrade Sequeira. |
| Testemunhas | António Carlos Rebelo Cabral ¹⁹⁹ , Augusto Jesus Santos Lima, Bernardo Heitor da Silveira (e) Lorena ²⁰⁰ , Daniel da Rocha Cabral de Quadros e Ernesto Lima Wahnnon ²⁰¹ . |
| Prédios e Destinatários | 3/5 de um prédio de 1º andar, sito em Bissau, na R. General Polaco, para a filha Adelaide Ledo Pontes. |
| | A totalidade dum outro prédio de 1º andar, em Bissau, na R. General Bastos, para a filha Clementina. |
| | Uma casa de rés-do-chão, em Bissau, na Trav. João Monteiro, para a filha Adriana P. de Figueiredo. |
| | Em partes iguais, outro prédio, de rés-do-chão, em Bissau, na Av. Cinco de Junho ²⁰² , para as filhas Leonor e Leopoldina. |
| | 1/3 do prédio de rés-do-chão, tb na mesma Av., anexo ao que deixa às filhas Leonor e Leopoldina, para os netos Mário, Albano e Vito (filhos de José Júlio de Sousa). |
| | Um terreno, no Bairro Indígena, para Claudina Ledo Pontes, que vive com a filha Clementina, onde deseja edificar uma casa de rés-do-chão, em pedra e cal. |
| | Que António Ferreira Santos, com quem vive, fique, enquanto vivo, com direito a habitar a casa deixada às filhas Leonor e Leopoldina. |
| Testamenteiro | Caetano Filomeno de Sá. |

¹⁹⁸ À data e como vem referido, as filhas Leopoldina e Adriana, contavam 18 e 14 anos.

¹⁹⁹ Médico civil.

²⁰⁰ Segundo Oficial da Direcção da Alfândega da Guiné e residente em Bolama. No B. Of. n.º 25 da Col. da Guiné e de 22.06.1936, noticia-se o seu falecimento, pois a esposa, M.^a Ana dos Santos da Silveira e Lorena publicou um agradecimento.

²⁰¹ Residente em S. Domingos e de passagem por Bolama.

²⁰² Mais tarde, veio a ser a Av. Mouzinho de Albuquerque.

O segundo testamento é menos extenso, data de 29.01.1959, foi feito em Bissau, tem a particularidade de ter sido celebrado a menos de quatro meses do seu falecimento e não foi por ela assinado... o que não só evidencia bem a debilidade, como a



nível da sua validade se me colocam sérias dúvidas.

Eis alguns pontos do referido documento:

| Data | 29 de Janeiro de 1959 |
|--------------------------------|--|
| Local | Em Bissau. |
| Notário | Arthur M.A.P.A.G. Sousa e Távora ²⁰³ . |
| Local | Residência da "Nha Bijagó", na Av. Mouzinho de Albuquerque. |
| Testemunhas | Mário Lima Wahnon ²⁰⁴ , Francisco de Sousa Graça e Augusto António Pereira. |
| Prédios e Destinatários | Um prédio, em Bissau, na R. João Monteiro de Macedo, construído de alvenaria, coberto a telha e com quatro divisões, para a filha Adriana Pinheiro de Figueiredo. |
| | Prédio em alvenaria, coberto a telha e com meia água, na Av. Mouzinho de Albuquerque, em Bissau, para as filhas Leonor e Leopoldina, salvo a referida meia água que doa aos herdeiros das falecidas filhas Adelina e Adelaide, com os respectivos direitos de representação. |

²⁰³ De seu nome completo Arthur Mendes de Almeida Pacheco de Andrade de Gouvêa de Sousa e Távora.

²⁰⁴ Por nota "Em tempo" apenas ao processo, sabemos que, Godofredo Vermão de Sousa, mais conhecido por "Nho Tatá", solteiro, maior, professor particular e residente em Bissau, substituiu esta testemunha.



TESTAMENTOS

No primeiro encontram-se aspectos que se me afiguram dignos de realce, como a particularidade de se referir: “*E por ela Dona Leopoldina Ferreira Pontes, em presença das mesmas testemunhas, foi dito que: é católica, apostólica e romana, nesta fé tem vivido e nela espera morrer.*” (sic).

Há outros dois pormenores deste testamento que são: por um lado, a referência à existência de mais um filho, que as três que lhe sabíamos; por outro, a alusão a duas mortes, quando afirma ser viuva de José Ledo Pontes “...*de cujo matrimónio houve **quatro** filhos, sendo **dois** já falecidos e os restantes residem em Bolama, a sua filha Clementina Ledo Pontes e outra, de nome Adelaide Ledo Pontes, em Bissau, ambas ainda solteiras e de maior idade.*”

De realçar a indicação da identidade do companheiro²⁰⁵ com quem, então, vivia e em favor de quem acautela o direito a residir na casa que coabitavam, na, então, Av. Mouzinho de Albuquerque e que deixa às filhas Leonor e Leopoldina — salvaguardada a situação da “*meia água*”, onde havia quartos independentes os quais ficavam para, apenas, 3 dos 4 netos, filhos de José Júlio de Sousa.

²⁰⁵ António Ferreira Santos, natural de Cabo Verde, funcionário dos Serv. de Obras P. e tio de Marcelino João Ferreira Santos.

Em 23.12.1922, o n.º 51 do B. Of. da Província da Guiné, publicou na pág. 592, dois editais referentes a outros tantos pedidos de concessão de terreno, no Concelho de Bissau, sendo um de 1 hectare (ha.) em Intim e outro, de 2 ha. em Antula, a favor de António Ferreira Santos.



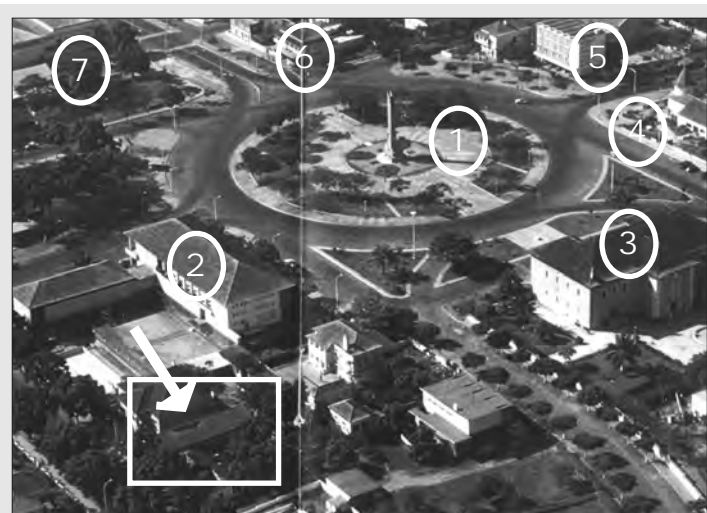


Foto do livro “Guiné-Bissau”, de Michel Renandeu – Editions Ebrouse, que, com a devida vénia, reproduzimos.

Vista aérea e parcelar da cidade de Bissau, identificada de acordo com a numeração: (1) antiga Praça do Império; (2) edif. da antiga Associação Comercial e Industrial e Agrícola da Guiné que, após a independência da Guiné-Bissau, acolhe a sede do P.A.I.G.C.; (3) antigo Palácio e residência do Governador da Guiné; (4) edif. da antiga Biblioteca e Museu que, em 1991 acolhia o Ministério dos Negócios Estrangeiros da G-B e onde, em 2006, estava o Primeiro-ministro, donde ser conhecido por “Primatura”; (5) edif. da TAP; (6) antiga Pastelaria Império; e (7) complexo da União Desportiva e Internacional de Bissau. No quadrado, a casa da “*Nha Bijagó*”, na antiga Av. Cinco de Junho, depois “Mouzinho de Albuquerque”, mais tarde “Américo Tomás”, aquando da visita do Presidente da República Américo Tomás²⁰⁶ e, desde 20.01.1975, Av. Pansau Na Isna.

Nota: A seta indica a referida “meia-água”, já parcialmente destruída.

²⁰⁶ Desembarcado do “Funchal”, pelas 14H30 de 03.02.1968.



NOMINHO²⁰⁷

Ao contrário da alcunha, que, às vezes, envolve uma carga pejorativa, o *nominho* ou *nomeada* é uma designação que, sem ser pseudónimo, nem ter uma carga injuriosa, substituiu o nome próprio.

Na verdade, Leopoldina Ferreira Pontes não ficou, conhecida pelo seu nome próprio — creio até que bem poucos lho terão conhecido — mas, sim, pelo *nominho* de “*Nha Bijagó*”.

Foi uma senhora de forte personalidade, muito bem casada, dispondo de boas posses, que desfrutou de grande popularidade e muito respeitada na sociedade guineense.

Ora, há muito que me intrigava o *nominho* de “*Nha Bijagó*” e lamento que — não obstante as diversas tentativas que encetei para apurar a razão ou origem de tal — não tivesse conseguido alcançar um consenso. Ao que constatei, grande parte dos inquiridos, desconhecia o motivo e, com surpreendente resignação, limitavam-se a dizer:

— *Era “Nha Bijagó”, pois foi sempre assim que eu lhe ouvi chamar...*

E, por mais que insistisse, dali não saíam!

Não faltou quem avançasse com uma ou outra justificação que, embora respeite e reproduza, considero bem pouco convincentes. Em dada altura, fui informado que a designação de

²⁰⁷ Termo usado em Cabo Verde e corrente na Guiné, equivalente a um alcunha ou nomeada.





“*Nha Bijagó*” se ficara a devera ao facto de:

— “...*justamente, na altura do parto dela, ter chegado a Bissau uma canoa proveniente do Arquipélago dos Bijagós. Portanto, diremos, que, nesse momento, tinha havido um encontro com pessoas vindas do Arquipélago dos Bijagós.*” (sic).

Ora, com todo o respeito, este cândido argumento é pouco convincente, não colhe e peca pela sua inocente fragilidade pois, outras pessoas continuaram a nascer no momento, preciso, em que chegavam canoas dos Bijagós ou de outros portos e, por tal facto, não ganharam nomeadas dessas...

Não faltou quem aludisse ao facto de:

— “...*na casa da mãe dela, ser habitual, hospedarem-se naturais do Arquipélago dos Bijagós que se deslocavam a Bissau para fazerem comércio.*”

E, ao inquirir da razão desses viajantes escolherem “... *a casa da mãe de “Nha Bijagó”...*”, não mais colhi que um profundo silêncio...

Como tal, concluí que — como se costuma dizer — por aqui, talvez não cheguemos lá.

O respeito que me merecem todas as opiniões e, sobretudo a pureza com que senti que certos argumentos foram aduzidos, levou-me a concluir que estava perante, o que se designa, uma história mal contada.

Ora, diz o povo que, quem porfia sempre alcança. E, sem a absoluta garantia de estar certo, lá fui porfiando...

Para quem a conheceu bastante bem, tal se ficou a dever ao facto de:





NOMINHO

— “*Nha Bijagó*” ter nascido no “*chão de Bijagós*”, onde o pai tinha uma loja e donde, muito pequenina, ela veio para Bissau e, só então, ter sido registada.

Aconteceu que esse registo foi tardio e, naturalmente, para fugir a alguma penalização decorrente do atraso, ter sido declarado ou dado conhecimento que a criancita nascera, não só em data posterior à verdadeira, como em Bissau (sic).”

Ainda que tal hipótese seja discutível, não a descarto, pois, é fácil admitir que, naqueles tempos, em que não abundavam as estruturas administrativas, o registo de recém-nascidos, ainda que se não deixassem de fazer, era, seguramente, feito sem respeito pela rigidez do prazo.

Mas, será que em 1871 e, então, na Guiné havia prazo legal para se registar um neófito? Tenho dúvidas e inclino-me mais pela negativa.

Informou-me o meu bom amigo Agostinho dos Reis Pires que, por sinal, era a própria “*Nha Bijagó*” quem orgulhosa afirmava:

— “... *Amim prope, qui bidjagó!*”²⁰⁸ (sic).

Certo dia, ao atentar no conteúdo da fotocópia da Certidão n.º 2892, de 11.12.1963, do Registo Civil da Guiné, da filha, de “*Nha Bijagó*”, de seu nome **Leopoldina**, assim como da fotocópia da Certidão n.º 82/964, emitida em 08.08.1964 pela Repartição de Fazenda do Concelho de Bissau, a favor da, também filha de “*Nha Bijagó*”, de seu nome **Adriana** — ambas reproduzidas nos Anexos deste trabalho — constatei que cada uma delas era, justamente: “... *neta materna de Isabel Corrêa*”.

²⁰⁸ Eu (mesma) é que sou bijagó!



Ora assim sendo, eu senti-me perante uma contradição e embora em ambos os casos se tratasse de documentos oficiais²⁰⁹, que, como tal, devem merecer credibilidade, confesso que me inclino mais para que a mãe de "*Nha Bijagó*" não tenha sido Gertrudes da Cruz — como consta na sua certidão de óbito — mas sim Isabel ou Esabel Corrêa (sic).

Não subscrevo a sibilina hipótese avançada que — face à desafogada situação económica alcançada pelas filhas — aponta para se tratar de pura tentativa de branqueamento da origem!

Por as datas de emissão dos documentos das filhas serem **posteriores** à Certidão de Óbito de "*Nha Bijagó*" levam-me a "senti-los mais puros" e não sujeitos à ocorrência de qualquer adulteração, ainda que, e porque não admiti-lo, movida pela involuntária ocorrência de um erro.

Uma vez aqui chegado e com o objectivo de encontrar laços que me levassem a **Isabel Corrêa ou Correia**, privilegiei fontes referentes ao espaço entre os finais do séc. XVIII e a 1ª metade do séc. XIX.

Ora, creio não estar errado ao admitir a ligação entre Isabel Corrêa e a bem conhecida Aurélia Corrêa²¹⁰, a que o João Barreto²¹¹

²⁰⁹ A Certidão de Óbito de "*Nha Bijagó*" é de 27.05.1959 e as Certidões supra mencionadas das filhas Leopoldina e Adriana são, respectivamente, de 11.12.1963 e de 08.08.1964.

²¹⁰ Viveu em Bolama (na Ponta Oeste ou Bolama de Baixo) e Bissau, onde faleceu em 1882, como se comprova pelo anúncio publicado no B. Oficial n.º 28 e 29 da Província da Guiné, respectivamente, de 05 e 12 de Agosto desse ano.

²¹¹ De seu nome completo João Vicente de Sant' Anna Barreto, foi, durante 12 anos, médico na Guiné.



NOMINHO

alude a pág. 205 e 206, em “História da Guiné” (1418-1918)²¹², ao dizer:

“... *Descendente de uma família europeia, fixada em Cabo Verde, Caetano Nozolini*²¹³ nasceu na ilha do Fogo em 1801. Começou a sua carreira na vida militar ... mas dedicou-se sobretudo ao comércio, não obstante ser proibido por lei aos militares terem casas comerciais ...”. E, adiante, reconhece que “*não pode dizer-se que tivesse mantido*²¹⁴ sempre uma linha de conduta irrepreensível...”, reconhecendo o autor que Caetano José Nosolini, “... no entanto prestou alguns serviços à colónia, graças sobretudo às suas relações com a rainha dos Bijágós, chamada Aurélia, com a qual acabou por casar. A colónia²¹⁵ formada em Bolama era dirigida por Aurélia, que desta forma centralizava ali o comércio com os Bijágós. Ao mesmo tempo em Bissau vivia uma sua irmã, de nome Júlia.²¹⁶” ... “Estas relações não só contribuíram para a prosperidade da casa Nozolini, mas também ajudaram a conservar o sossêgo local, afastando as veleidades de revolta da parte dos Bijagós e ainda das outras tribus.”.

²¹² Editado, em Lisboa, em 1933.

²¹³ De seu nome completo Caetano José Nozolini.

²¹⁴ Caetano José Nosolini.

²¹⁵ Sita na Ilha de Bolama, na zona da Ponta Oeste, foi fundada por Caetano Nozolini, com a ajuda de Aurélia Corrêa a qual era, no dizer de João Barreto, “... chamada vulgarmente rainha de Orango”.

²¹⁶ Em “África Occidental. Notícias e Considerações”, editado em 1864, há uma planta topográfica de Bissau, desenhada por Francisco Travassos Valdez, a qual foi reproduzida por Sant’ Anna Barreto na obra supra referida e onde se vê, no enfiamento da porta da fortaleza da Amura e virada ao rio, o Largo da “Mãe Júlia”. Vide nossa pág. 45.



No antigo Cemitério de Bissau, há²¹⁷, este pilar funerário, com a seguinte inscrição.



À MEMÓRIA DE
CAETANO JOSÉ NOZOLINI
TENENTE CORONEL DE ARTELHARIA,
CAVALLEIRO DAS ORDENS DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA
VIÇOSA E DE S. BENTO DE AVIZ
EX SUB-PERFEITO GOVERNADOR
DA GUINÉ POTUGUEZA
QUE NASCEU AOS 20 DE JULHO DE 1800
E FALLECEU AOS 11 DE JULHO DE 1850
MANDARAM ERIGIR ESTE MONUMENTO
SUAS SAUDOZAS FILHAS

SAUDADE GRATIDÃO LEMBRANÇA ETERNA
DE QUEM MUITO ELE AMOU E FOI AMADO!...

O ex-administrador e investigador António Barbosa Carreira se lhe referiu²¹⁸, dizendo que “... o coronel Caetano José Nosolini²¹⁹ se instalou, em 1835 (ou em 1838), na Ponta Oeste, ou Bolama de Baixo, na Ilha de Bolama, ...”.

O mesmo autor apresentou Aurélia Corrêa, como uma “... senhora da aristocracia bijagó, descendente de membros da «Grandeza», ...” que viveu matrimonialmente com Caetano José Nosolini com quem, depois, casou e, num claro reconhe-

²¹⁷ Pelo menos, em princípios de Fevereiro de 2006.

²¹⁸ Em “O Tráfico de Escravos nos Rios de Guiné e Ilhas de Verde (1810 - 1850)” Separata n.º 14, editada 1981, em Lisboa, pelo Centro de Est. de Antrop. Cult. da Junta de Investigações Científicas do Ultramar (J.I.C.U.).

²¹⁹ Idem. Era descendente de família italiana e natural da Ilha Fogo onde nasceu em 1801 e faleceu em 11.07.1850 na cidade da Praia, na Ilha de Santiago.



NOMINHO

cimento da ascendência dela, afirma:

“Aproveitando-se da preponderância que Nhanha Aurélia exercia em todo o arquipélago, Nosolini dominou a rede de negócios...”

Ainda segundo João Barreto, Caetano José Nosolini foi, em 1834, eleito sub-perfeito do governo, com sede em Bissau e em 1847 foi-lhe aforado o Ilhéu do Rei, situado no estuário do rio Geba e em posição fronteira a Bissau.

No seu interessante livro, intitulado, “Memórias e Reflexões” o conhecido professor Juvenal Cabral²²⁰ dá a conhecer parte da história da Guiné e dele transcrevo um trecho, das páginas 147 e 148:

“... O meu destino era Bolama!...”

Do porto, antes do meu desembarque, noto — como guardas avançadas ou antigas sentinelas — dois imbondeiros²²¹ (sic)

²²⁰ Juvenal António Lopes da Costa Cabral nasceu em Cabo Verde, em 02.01.1898, e, aí, faleceu em 20.03.1951. Por Portaria de 17.03.1923 e publicada na pág. 180, do Boletim Oficial da Guiné, de 23.04.1923, foi nomeado para exercer, interinamente, funções de professor oficial em Geba. Foi pai do Eng.º Agrónomo Amílcar Cabral, o qual exerceu funções técnicas na Guiné e fundou o P.A.I.G.C..

²²¹ Há um erro, pois, embondeiro é o nome vulgar que, em Angola, se dá, ao que na Guiné se designa, por cabaceira ou calabaceira e a que cientificamente é a *Adansonia digitata* Linn. Na Guiné, o que se designa por Poilão é, em Angola, mafumeira ou seja a *Ceiba pentandra* (Linn.) Gaertn. O que havia em Bolama e neste caso concreto, eram dois poilões, árvore sagrada na Guiné, e não embondeiros.



gigantes. Salto em terra e, curioso, pergunto ao meu companheiro:

— *Estes colossos da Flora nasceram, acaso, aqui?*

— *Estes dois poilões têm História — informa o meu cicero-
ne que, ao mesmo tempo esclarece:*



— *Foi a grande Aurélia
Correia, rainha de Canhabaque,
quem os mandou plantar
aqui: um é Caetano Nozoline e
o outro Honório Barreto.*

«*Sim, Senhor!*» — *aplaudi.*

*Com efeito, Caetano José
Nozoline ... Honório Pereira
Barreto ... — dois Colossos da
Guiné!*

*E fiquei pensando como Au-
rélia Correia, uma iletrada tal-
vez, teve tão bela noção!”.*

²²¹ Há um erro, pois, embondeiro é o nome vulgar que, em Angola, se dá, ao que na Guiné se designa, por cabaceira ou calabaceira e a que cientificamente é a *Adansonia digitata* Linn. Na Guiné, o que se designa por Poilão é, em Angola, a mafumeira ou seja a *Ceiba pentandra* (Linn.) Gaertn. O que havia em Bolama e neste caso concreto, eram dois poilões, árvore sagrada na Guiné, e não embondeiros.



NOMINHO



Foto apresentada em Londres, em 1914, por ocasião do “III Congresso de Agricultura Tropical”, no qual o ex-Gov. da Guiné (1910-1913) Carlos de Almeida Pereira apresentou uma comunicação.



Bolama, cerca de 1914, vendo-se os dois grandes poilões que havia à saída da ponte-cais, os quais foram mandados derrubar, em 1941, pela vereação e ao tempo (1941-1945) do Gov. Vaz Monteiro, Cap. de Artilharia, pouco antes da transferência da capital para Bissau. Daí, o declínio da cidade ter ficado sempre associado ao seu corte. A decisão da edilidade não foi por unanimidade mas sim por maioria.



Em artigo publicado nos n.^{os} 51 e 52, de Out. e Nov. de 1960, do jornal "Bolamense"²²², Mário Santos, sob o pseudónimo de Luís de York²²³, alude ao "... espírito pacífico e apaziguador de "Mamé Correia", a quem identifica como sendo "... Aurélia Correia a célebre mestiça filha de um cabo-verdiano e de uma rainha de Canhabaque ..." e menciona, justamente: "Faltam os dois célebres poílões que a vereação de 1941 decidiu derrubar e cujos ramos unindo-se, na sua imponência de gigantes da floresta tropical, davam uma nota peculiar à cidade, uma nota graciosa de bilhete-postal."

Por se afigurar oportuno, veja-se como Mário Matos e Lemos²²⁴ se refere à estreita ligação entre Caetano José Nozoline e Aurélia Correia, afirmando:

"... Caboverdeano, natural da ilha do Fogo, Nozolini casou com uma nhara de prestígio, Mãe Aurélia Correia, por vezes chamada "Rainha de Orango" e que tem sido geralmente considerada de etnia bijagó, mas que George Brooks pensa ser mais provavelmente de ascendência luso-africana ou então de etnia papel, mas criada por bijagós que a teriam capturado em alguma incursão. Mãe Aurélia e Nozolini foram negreiros de considerável importância nos fins dos anos 20, com uma zona de actividade considerável que ia do Geba ao Nunes. ...

²²² Identificado como Órgão de Propaganda regional de Cultura de Turismo, pertencente à Comissão Municipal de Bolama.

²²³ Seguindo de bem perto a página 299 do Anuário da Guiné Portuguesa de 1946.

²²⁴ Em "Os Portugueses na Guiné, apontamentos para uma síntese", editado pelo Crédito Predial Português.



NOMINHO

... *Em 1835, Caetano Nozolini e Mãe Aurélia instalaram-se em Bolama, ...*".

Baseando-se em documentação existente no arquivo do Governo da Guiné, o general Henrique Augusto Dias de Carvalho²²⁵ ao mencionar a Ilha das Galinhas — no Arquipélago dos Bijagós, a qual, segundo ele, fora doada, em 1828, pelo rei Damião de Canhabaque, ao negociante Joaquim António de Matos — refere:

“Acredita-se que muito influenciou para esta doação a companhia de Matos²²⁶, que era descendente de Bijagós e de quem tinha filhos, pessoa muito considerada, Júlia da Silva Cardoso.

Matos que nesse tempo era coronel de milícias, estava viúvo por segunda vez, duma senhora de Cabo Verde de quem não teve filhos, e, da primeira, duma senhora de Coimbra, sua patricia, de quem teve um filho, António Joaquim de Matos.”.

E, o autor, prossegue²²⁷: “Júlia da Silva Cardoso educava em Bissau, uma criança sua patricia Aurélia Correia, que também deixou o seu nome vincado ao domínio português na Guiné, como grande proprietária e pelos seus prestimosos serviços ao país.”

O mesmo autor adianta: *“O governador Correia e Lança, descrevendo a ilha das Galinhas assevera que esta nunca foi povoada pelo coronel Matos, mas sim por Correia: que*

²²⁵ Em “Guiné — Apontamentos inéditos.”.

²²⁶ Joaquim António de Mattos, que foi coronel de milícias.

²²⁷ O sublinhado é meu.



o coronel foi pela primeira vez á ilha em 1837, tratar de negócios de família da mulher com quem vivia, uma tia de D. Aurélia Correia, de nome Júlia da Silva, prima do régulo de Canhambac-Nhacthé. Aurélia já estava estabelecida na ilha desde 1833, e aí se manteve até 1868. Para ali fora de Bissau, ilhéu do Rei, onde tinha uma casa das mais importantes, com o seu marido o major Caetano José Nozolini e todos os seus escravos, registados, em número de quatrocentos.”. E revela ainda que, Aurélia chegou a exportar para o Brasil, concretamente, “para o Maranhão, grande quantidade de algodão das importantes plantações que aí fez cultivar.

Em 1865 começou a cultivar «mancarra²²⁶» e a colheita deu para carregar os brigues “Gladiateur” e “Saint-Germain”, respectivamente, com capacidade de transporte para 18.000 e 15.000 bushels²²⁷. Mais tarde mudou Aurélia, novamente, a sua residência para o rio Grande de Bolola, onde tinha uma ponta denominada «Gam²²⁸ Major». ” ...

E conclui informando: “As propriedades na parte oeste da ilha e Bolama e a Gam Major, no rio Grande, pertencem, hoje, aos filhos do Sr. Leão, que casara com uma filha de D. Aurélia e do major Nosolini. ” ... “em 1835 pouco mais ou menos fixou a sua residência na ponta oeste da Ilha de Bolama, para onde levou muito dos seus escravos da ilha das Galinhas, ...”.

²²⁶ Amendoim, que cientificamente é *Arachys hypogaea* Linn.

²²⁷ Medida de capacidade para secos, empregue no sistema inglês e equivalente a 9,0872 litros. Portanto, nestes casos, a 163.570 e a 136.308 litros, respectivamente

²²⁸ Na Guiné, Gam ou Gã quer dizer família, quarteirão, bairro onde mora uma família, lugar ou sítio e neste caso numa alusão ao Major das Milícias Caetano José Nosolini.



NOMINHO

De recordar que, em meados do séc. XIX, na zona do Pigiguiti, houve, não só, o Fortim Nozolini, assim como o Cais Nozolini, este, mais para Este ficava, sensivelmente, onde hoje se encontra a última ponte que, há poucos anos, foi construída em Bissau.

Quanto a Aurélia Corrêa, deparamos²³¹ com a referência ao “*Concerto na Lancha Aurelia Corrêa e concerto da ancora e do bote*” no valor de duzentos e três mil reis e quatrocentos e cinquenta e oito tostões (203\$458).

No ano seguinte, encontramos²³², igualmente, na relação dos “Vapores e lanchas de vela”, referência à dita lancha.

| Tipo | Nome |
|----------------------------|------------------------|
| Canhoneira a vapor | Honório Barreto |
| " | <i>Zagaia</i> |
| " | <i>Flecha</i> |
| <i>Embarcações de vela</i> | <i>Aurélia Correia</i> |
| " | <i>Cacine</i> |
| " | <i>Nunes Tristão</i> |
| " | <i>D. Carlos</i> |

Na realidade, Júlia da Silva Cardoso, Aurélia Correia e Catano José Nosolini deixaram os seus nomes ligados à Guiné

²³¹ Na pág. 299 do B. Oficial n.º 22 da Guiné, de 28.05.1910.

²³² No Boletim Oficial n.º 2 da Guiné, de 14.01.1911.



pois, em relação à primeira vamos encontrar na toponímia do séc. XIX a designação de “Largo da Mãe Júlia”²³³; Aurélia Correia deu nome a uma embarcação de vela que em 1898 integrava a frota da Guiné, e, por fim; Nosolini a um cais, a um fortim e a uma rua na zona de Bissau Velho, designação essa que se manteve até 20.01.1975.

Para Elisée Turpin, a designação de “*Nha Bijagó*” resultou do facto de, como me referiu:

— *A mãe a ter tido, depois de ter vindo duma das ilhas do arquipélago dos Bijagós.*

Não me sabendo, porém, precisar de que ilha fora.



Independentemente do grau de parentesco existente entre Isabel e Aurélia Corrêa, pertenciam ambas a elevado estrato da sociedade bijagó.

Daí, fácil se torna a razão, de entender o *nominho* de “*Nha Bijagó*” o qual nunca, por nunca, inferiorizou Leopoldina Ferreira Pontes que, quanto nos é dado concluir, bem pelo contrário, muito dele se orgulhava.

²³³ De acordo com a planta de Bissau, segundo um desenho de Travassos Valdez no livro — *Africa Occidental* — 1864, reproduzido, por João Barreto em “*História da Guiné*”.



LOCAL DA RESIDÊNCIA

Em 26.05.1959 — portanto à data do seu falecimento — “*Nha Bijagó*” morava num prédio que, ainda não existia aquando da realização do seu primeiro testamento.



Vista aérea e parcial da cidade de Bissau.

Na verdade, só anos mais tarde se haveria de mudar para este prédio a que se alude no testamento de 10.06.1929, quando se afirma e transcreve-se:

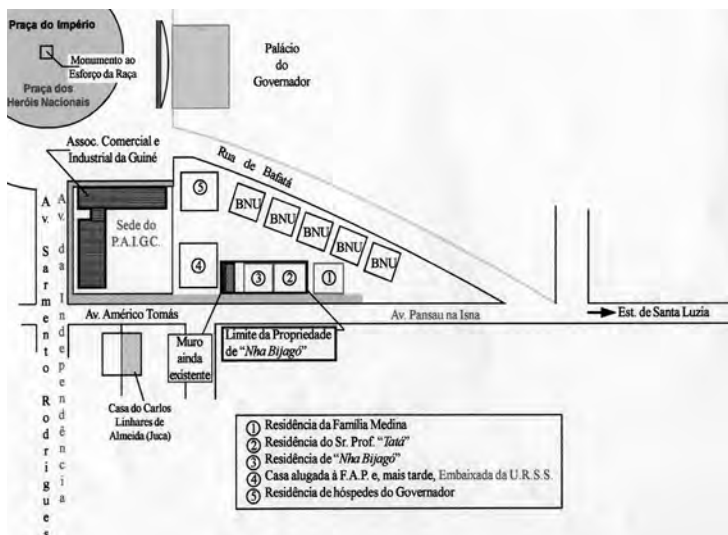
“... é seu desejo mandar edificar uma casa de rés-de-chão, com pedra e cal, ...”.

Ainda a conheci. Situava-se na mais extensa avenida que houve em Bissau e em cuja toponímia se evocava Mouzinho



de Albuquerque²³⁴. Era esta, como tantas outras em Bissau, sombreada por velhos exemplares de mangueiros²³⁵ de belo porte.

Para facilitar a localização da casa de “*Nha Bijagó*” aqui apresento o croqui que se segue.



Como se menciona no segundo testamento, trata-se dum prédio “... *construído de alvenaria e coberto a telha, com meia*

²³⁴ Ia do Largo em frente à Fortaleza da Amura até ao início da Estrada de Santa Luzia. Neste sentido e ao longo dela, situavam-se os edifícios do Grande Hotel, do Hospital e da Administração do Concelho. Do lado contrário, as traseiras da Assoc. Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, o Hotel Internacional, a Missão de Combate à Doença do Sono, os Serv. Geográficos e Cadastrais, bem como a Câmara Municipal de Bissau.

²³⁵ Ainda hoje se encontram nas ruas da cidade de Bissau belos exemplares de *Mangifera indica* L., reconhecendo, porém, que não é recomendada como árvore de arruamento.



LOCAL DA RESIDÊNCIA

água”, que, por força testamentária, deixou, com exceção da citada meia água, às suas filhas Leonor e Leopoldina.

Esta foto, que tirei em finais de Jan. de 2006, é elucidativa, pois, da meia-água nada mais resta que o velho muro sinalizado na foto...



Em 09.05.1990, foi dirigida, pela única herdeira viva²³⁶, uma exposição ao, então, Presidente da Câmara Municipal de Bissau, Victor Saúde Maria. Nesse documento, lamentava-se que, “... *até ao momento presente a signatária. ...*” não tivesse sido “... *oficialmente notificada de qualquer decisão sobre o terreno e o seu interesse pelo mesmo mantém-se.*”.

Ao que consegui apurar, junto de fonte credível, o terreno

²³⁶ Leopoldina Ledo Pontes.




“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

tinha sido cedido à Cruz Vermelha da Guiné-Bissau uma vez que “ ... os proprietários ou possuidores, embora tendo sido, para o efeito notificados, nada fizeram como prova de seu interesse na utilização do terreno.”.

Como se vê pela fotocópia do documento supra, a 11.05.1990 e em Bissau, a falecida Leopoldina Ledo Pontes estabeleceu, uma procuração a favor do advogado Carlos Pinto Pereira, vulgo “Caia”.

Porém, essa diligência não se revelou, minimamente, conseqüente.



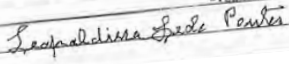
Nos termos da Lei não é permitido autenticar o número de folhas deste papel de escrever nas suas margens.

Assistência - 5000
 Reg. Nac. - 5000

= P R O C U R A Ç Ã O =

= = = = Eu baixo assinado LEOPOLDINA LEDO PONTES, divorciada, natural de Bissau, portadora do B.I. Nº. 274854 de 12/4/90 do Arquivo de Identificação de Bissau e residente na Estrada de Benfica nº. 285, à esquerda, conjúgio bastante procurador o Senhor Doutor CARLOS PINTO PEREIRA, Advogado e Membro da Associação Popular, a quem confiro os poderes necessários para tratar de todos os assuntos relativos a um sítio na Avenida Páguas na Inha que me foi deixado por herança por minha falecida mãe LEOPOLDINA PEREIRA PONTES. Aquelles poderes incluem o de susinar petições em meu nome dirigidas a qualquer autoridade pública ou Administrativa, de pagar todos e demais despesas relativas ao terreno e procedimentos de legalização necessários a tudo o que possa garantir para mim o terreno, a titularidade do referido terreno.

Feito desta por firme e válida como se presente fosse.
 Bissau, 11 de Maio de 1990.





EM CAMPA RASA!...

Naquela tarde de 02.02.2006, ao manifestar, às irmãs Lucinda e Clotilde (*Iti*) Pereira de Borja, o meu desapontamento por, apesar dos empenhos desenvolvidos, não ter conseguido localizar a campa de “*Nha Bijagó*”, a *Iti* foi peremptória e afirmou:

— *Mas está ao lado da campa do meu irmão e da minha irmã. Eu posso ir mostrá-la.*

Confesso-vos que nem queria acreditar e logo ali lhe expressei o meu agradecimento tendo-me apresentado, no dia seguinte e mais cedo que a hora acordada, na casa onde moravam, a fim de, irmos à zona de Bissau Velho ver o local dos dois famosos prédios de “*Nha Bijagó*” posto que, de seguida, rumaríamos ao antigo cemitério, situado na zona da *Tchada de Burro*. Efectivamente a minha ansiedade era tanta que, embora tivesse acordado ir buscá-la às 10H00, o certo é que por volta das 09H30 cheguei a casa dela e, de imediato, me fiz anunciar por intermédio dum familiar. Foi com surpresa que acolheu a informação e ainda a ouvi exclamar:

— *Bé! Má i bim djá nã?!...²³⁷*

Solicita, rapidamente se despachou e na sua agradável companhia desloquei-me à zona de Bissau Velho que percorremos e, ao passar por lugares que estavam bem diferentes do que conheci na minha infância, dela ouvi pormenorizadas explicações.

²³⁷ Oh! Mas, já veio?!...



“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE



À MEMÓRIA
DO
TENENTE CORONEL
HONÓRIO PEREIRA BARRETO.
O
GOVERNO PORTUGUEZ,
RECONHECIDO AOS SEUS SERVIÇOS
COMO GOVERNADOR DA GUINÉ
PORTUGUEZA.
HONÓRIO PEREIRA BARRETO
NASCEU A 24 DE ABRIL DE 1815
FALECEU EM BISSAU A 26 DE ABRIL
DE 1859



EM CAMPA RASA!...

Depois, seguimos para o velho cemitério de Bissau. A ansiedade era grande, mas ia confiante.

E, uma vez chegados ao campo santo, dirigimo-nos²³⁸ logo



Bissau (02.02.2006) – Alameda central e ala esquerda do antigo Cemitério. Ao fundo, a velha capela, de que restavam as paredes. O jazigo mais à nossa esquerda é o de “*Nha Carlota*” de Nhacra e do meio é do conhecido comerciante guineense Benjamim Correia.

para o que fora o talhão n.º 5 e, sob o atento olhar do guarda²³⁹ fui levado, pela *Iti*, até ao local onde está a campa em que repousam os restos mortais de seus irmãos Belmira²⁴⁰ e Luiz²⁴¹ Pereira de Borja.

²³⁸ Quem entra no Cemitério, ao fundo e do lado direito, relativamente à antiga capela, que (em Janeiro / Fevereiro de 2006) se encontravam em estado deplorável...

²³⁹ De seu nome José N' Bongue.

²⁴⁰ Nasceu a 03.01.1926 e faleceu em 15.08.1945. Era doméstica e não chegou a casar. De acordo com informação prestada por *Iti* era presença assídua em casa de “*Nha Bijagó*”.

²⁴¹ Nasceu em 21.06.1911 e f. em 16.09.1970 foi casado e empregado nas antigas firmas comerciais Société Commerciale de l'Ouest Africaine, vulgo (SCOA) e da Ed. Guedes Ltd.^a. que foi integrada na Soc. Comercial Ultramarina Lda.



Mesmo ao lado e em campa rasa, sem qualquer identificação²⁴² e bem abafada pela abundante vegetação espontânea foi-me, por fim, indicada a campa onde, há largos anos, repousam os restos mortais de “*Nha Bijagó*” e da filha Adelaide.

Com a experiência adquirida — durante esta minha curta estadia em Bissau



— a limpar as tauletas de campas, de imediato procedi ao corte e remoção das herbáceas que, em parte, ocultavam a campa.

Rapidamente se esvaiu a desagradável sensação de mágoa que senti, durante a semana em que, em vão,

procurei pela campa n.º 189 no talhão n.º 5. Por fim, ela estava mesmo ali bem à minha frente.

A poucas horas de deixar a minha terra, consegui alcançar o principal objectivo que ali me levava.

²⁴² Por dados colhidos na Câmara Municipal de Bissau, “*Nha Bijagó*” foi enterrada na campa n.º 189, sita no talhão n.º 5, mas, por falta de indicação no terreno, a ajuda da *Iti* foi preciosa, pois nem o Guarda do Cemitério sabia onde ficava!... Apelo aos familiares, nomeadamente ao bisnetos, que, não obstante a falta de segurança no antigo cemitério de Bissau, mandem fazer e lá colocar uma placa de identificação.



CONCLUSÃO

Bem-haja quem, mais esclarecido e melhor documentado, avance e consiga dissipar as dúvidas que envolvem as minhas buscas, nomeadamente no tocante à razão do *nominho* desta ilustre cidadã, dotada de forte personalidade, que, embora se tivesse chamado Leopoldina Ferreira Pontes, ficou, é certo, conhecida, pura e simplesmente, por “*Nha Bijagô*”.

- ◆ - Dotada de grande determinação, nada temia;
- ◆ - Dada a sua invejável capacidade de organização, saía-se bem em tudo no que se metesse;
- ◆ - Por saber ouvir, foi, a vida inteira, amparo de carentes e injustiçados;
- ◆ - Ponderada e de poucas falas, a sua proverbial frontalidade, nunca a traiu pelo que sempre expressou abertamente a sua opinião;

Foi uma figura de referência do seu tempo, talvez a maior de entre outras senhoras guineenses que, mercedamente, deveriam ser recordadas. Ainda hoje, passados mais de cinquenta anos do seu falecimento, a memória de “*Nha Bijagô*” é evocada na Guiné.

Paz à sua alma.





“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE





AGRADECIMENTO

Na preparação deste trabalho não posso deixar de realçar quantos me proporcionaram uma orientação conducente a pessoas conhecedoras da matéria a investigar, à consulta de bibliografia, etc.

Grato estou aos que se dignaram dispensar os seus valiosos esclarecimentos e, sobretudo, aos que acederam prestar os seus depoimentos.

Pelo caminho ficaram quantos, ao verem-me anotar informações que acabavam de prestar, se retraíam e, de pronto, me avisarem:

— *Djudi dé ... Su pui qu'el qui n'contau, na negal tudo!*...²⁴³

Mas, se me permitem e ainda que corra o risco de, por involuntária omissão, não nomear quem o mereça, o certo é que, do TODO, é de elementar justiça destacar:

- Logo à cabeça, o Hélder Pedro Delgado que, apesar das limitação de saúde que sentia, me acompanhou e me pôs em contacto com dezenas de pessoas, do seu vasto círculo de relações, actuando como verdadeira “gazua” capaz de abrir todas as portas;

- O Malam Sambu que, sempre me incentivou e que patrocinou a minha ida à Guiné, em Jan.-Fev. 2006, onde recolhi provas directas para este trabalho;

²⁴³ Olha... se puseres (escreveres) o que te disse, negarei tudo!...



- O Carlos Augusto Schwarz da Silva, vulgo *Pepito*, antigo colega do Liceu "Honório Barreto", em Bissau, que sempre se mostrou disponível a facultar informações, fotos, etc. e que, com fraterna hospitalidade, me acolheu em sua casa, no Bairro Quelelé;

- A Thelma Parente e o marido, o Fernando Almeida, que me disponibilizaram transporte e acompanhamento diário deambulando por onde foi preciso;

- As simpáticas irmãs Lucinda, Clotilde (*Iti*) e Carolina Pereira de Borga que tão prestáveis foram, graças às preciosas informações que me facultaram;

- A Helena Grego e ao José Duque, técnicos da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, que com simpatia, objectividade e eficiência me disponibilizaram obras e orientaram em consultas;

- A neta da "*Nha Bijagó*", Isabel Sá Barbosa que, de forma atenciosa, me esclareceu e cedeu fotos;

- O Paulo Marques que assumiu à apresentação gráfica, impressão e vinda a público deste trabalho;

- A Isabel Santos Lopes Martins colega no Liceu de Bissau que, mais uma vez, se prestou a rever e, aqui e além, a corrigir pontualmente o texto;

- O Eduardo Fernandes amigo e contemporâneo do Liceu "Honório Barreto", que de há muito se afirmou como profundo conhecedor da realidade guineense o qual, de pronto, se disponibilizou e me honrou em aceder apresentar este meu trabalho;

- O Dr. João Loureiro que, por autorização expressada, permitiu a reprodução de onze antigos postais ilustrados, apresentados no seu livro "Antigos Postais da Guiné" editado em 2000, por João Loureiro e Associados Lda., o qual se integra na colecção "Memória Portuguesa de África e do Oriente"



AGRADECIMENTOS

Por uma questão de objectividade e público reconhecimento passo a identificar os postais em causa, mencionando os respectivos números, denominação e as páginas onde figuram nesta publicação:

| Pág | Designação do Postal | Nº |
|------------|--|-----------|
| 28 | Rua Honório Barreto - Bissau | 047 |
| 46 | Uma rua - Bissau | 019 |
| 49 | Mercado - Bissau | 002 |
| 49 | Avenida e Rua Advento da República | 034 |
| 53 | Demolição da muralha que envolvia a vila - Bissau | 021 |
| 55 | Um trecho da Avenida principal - Bissau | 049 |
| 57 | Escola Oficial - Bissau | 045 |
| 58 | Monumento ao Esforço da Raça na Pr. do Império | 084 |
| 60 | Associação Comercial, Industrial e Agrícola - Bissau | 088 |
| 92 | Edifício da Alfandega - Bissau | 040 |
| 123 | Vista aérea - Bissau | 077 |

A Júlio Augusto Lopes, antigo graduado da P.S.P. na Guiné, velho amigo de família, que me conhece desde os meus tempos de garoto quando exercia funções em Bissau, na Ilha das Galinhas, pertencente ao Arquipélago dos Bijagós e em Bolama, pela gentileza em disponibilizar algumas fotos.

E, por fim, à Ilda, a minha mulher, de quem sempre tive incentivo, compreensão e apoio, libertando-me, por longas horas, de variadas preocupações e tarefas.

A TODOS e por tudo, o meu muito obrigado.



“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE



ANEXOS

ANEXOS

Apresento fotocópias de documentos que permitirão justificar opiniões e esclarecer dúvidas.

EL REI NOSSO SENHOR por Sua Regia Resolução de quatorze de Janeiro do corrente anno, tomada em Consulta do Conselho Ultramarino de vinte e quatro de Novembro do antecedente: Houve por bem accetar, e Mandar incorporar nos Domínios da Sua Real Corôa, em as partes d'África Occidental, a ilha denominada de Galinhas, humas das do Archiepiscopo de Bejaes, sujeitae á Praça de Bissau, Determinado que na mesma Ilha se arrotee a Bandeira Portuguesa; e licito Sua Magestade outrossim por bem conferir o Senhorio Real daquelle Ilha, para a gozar vitaliciamente, ao Coronel de Milicias do Cabo Verde, actual Governador da Praça de Bissau, Joaquim Antonio de Mattos, que offerece, e assigna a dita Ilha á Real Corôa, sendo-a adquirida por doação, que lhe fizeo o Rei D. Amilão de Canhaboa; bem como Foi O Mesmo Augusto Senhor Servido Dar toda a mencionada Ilha de Galinhas ao dito Joaquim Antonio de Mattos d'obramento em inteiro, que será feito perante a Junta da Fazenda das Ilhas de Cabo Verde em todas as clausulas, e condições, que são do estilo em taes aboramentos, e de mais com as seguintes.

1.^o Que elle Joaquim Antonio de Mattos em reconhecimento do dominio directo da mesma Ilha, a qual he incorporada na Real Corôa, pagará annualmente de fora o valor de hum anno de praza, isto he, cinco mil e seiscentos reis da moeda corrente nas Ilhas de Cabo Verde, o qual foro será pago no Colhe da Junta da Real Fazenda daquellas Ilhas da mesma maneira, que allí elle pagas todas as outras Rendas Reaes.

2.^o Que será perante aquella Junta que todos os successores d'aquelle Prazo deverão ir fazer na forma do estilo o seu reconhecimento dentro do prefizo termo de seis meses contados do dia, que nelle succedirem, com a costumada pena de commisso.

3.^o Que no caso de venda, ou de outra qualquer alienação do dito Prazo, assim como tambem no caso de hypotheca, deverá proceder a competente licença da mencionada Junta da Fazenda, pagando-se no caso da venda Laudemio de quarentena; com declaração porém que nem a Junta da Fazenda poderá no caso de venda negar a licença, huma vez que não haja dolo, nem malicia, nem a Escripção se poderá lavrar, sem que nella vá inserta a licença da Junta, e o emblecimento do pagamento do Laudemio, com a mesma costumada pena de commisso.

4.^o Que elle Joaquim Antonio de Mattos, primeiro Emphyteuta, sea autorizado em sua vida a fazer naquelle Prazo as subemphyteuticas, que julgar lhe convem, devendo em tudo proceder licença da Junta da Real Fazenda das Ilhas de Cabo Verde, a qual he a dita poderá ser negada, mas que deverá ir inserta na Escripção da subemphyteuticão, pena de commisso, ficando em todo o caso estas subemphyteuticas sujeitas em caso de venda ao pagamento do mesmo Laudemio de quarentena á Real Fazenda das Ilhas de Cabo Verde, devendo tambem para estas vendas proceder a competente licença da referida Junta da Fazenda, tudo como heo dito a respeito das vendas, alienações, ou hypothecas da emphyteusa principal.

5.^o Que todas as culturas daquelle Ilha serão sujeitas a pagar Dízimos até o fim do anno de mil oitocentos quarenta e hum, da mesma maneira que por Cartas Regias de treze de Maio de mil setecentos e cinco, de cinco de Setembro de mil oitocentos e duas, e de onze de Agosto de mil oitocentos e treze se estabeleceu para os que fossem cultivar as margens do Rio Dões na Capitania de Minas Geraes, e dos Rios Tocantins, Maranhão, e Grajaú na Capitania de Goiás, ficando as ditas culturas sujeitas aos outros ditos dízimos (incluzir os de exportação) que se pagarem em Bissau.

6.^o Finalmente que acontecendo haver naquella Ilha alguma produção, que seja objecto de Contracto Real, se procederá a seu respeito da mesma maneira, por que se procede nas outras Terras sujeitas a Bissau.

O que o Conselho Ultramarino manda publicar por Ordem do mesmo Augusto Senhor. Lisboa vinte e seis de Fevereiro de mil oitocentos trinta e hum.

Antonio Nivaldo de Moura Stocker.

"NHA BIJAGÓ" - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

3047

REPÚBLICA DA



GUINÉ-BISSAU

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL

CERTIDÃO DE BATISMO

Jamário Sanó, Segundo Ajudante da Conservatória do Registo Civil da República da Guiné-Bissau

Certifico que a folhas setenta e três verso, do livro de registos de batismo arquivado nesta Conservatória referente aos anos de mil novecentos e dez e mil novecentos e doze, se encontra um registo do teor seguinte: A NAGEM: AVERBAMENTOS: Registo número cento e sete. LEOPOLDINA. Averbamento número um: A requerimento da registada, feito nos termos do número quatro do artigo cento e trinta e um do Código do Registo Civil, foi-lhe autorizado, por despacho desta/ista, do Conservador dos Registos, o adição dos apelidos "Ledo Pontes", de família ao nome próprio constante do assento, nos termos da alínea c) do número dois do citado artigo cento e trinta e um do Código do Registo Civil. Bissau, doze de Abril de mil novecentos e setenta e sete. O Conservador, rubricado ilegível. NO TERMO DO REGISTO DE BATISMO: Aos vinte e nove dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e onze, nesta Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Candélfria de Bissau, província da Guiné Portuguesa e diocese de Cabo Verde, baptizei solenemente um indivíduo do sexo feminino a quem dei o nome de LEOPOLDINA, que nasceu nesta freguesia às cinco horas da manhã do dia dezasseis de Junho do ano de mil novecentos e dez, filha ilegítima primeira de nome e sexta na ordem da filiação de Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, proprietária, natural desta freguesia e na mesma residente. neto materna de Isabel Corrêa. Foram padrinhos Leão Ledo Pontes, Proprie-

e sexta na ordem da filiação de Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, proprietária, natural desta freguesia e na mesma residente. neto materna de Isabel Corrêa. Foram padrinhos Leão Ledo Pontes, Proprie-

Assento n.º 392.0

Assento de nascimento n.º 392.0

Adriana

Nome Adriana; apelidos _____

Cópula n.º 04597 - Sello C

Sexo feminino

Assento n.º 2167/33 Moço n.º _____

Hora do nascimento: Clusa

VERBAMENTOS

minutos, dias três, mês _____

1. Acquisição a filha de Joaquim Romelino de Figueiredo Avelar e do casamento transcrita em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete.

Frequência, ano de mil noventa e quinte

Lugar: Freguesia de São Roque

conselho de Bissau - Guilherme Bissau

Filiação legítima

Ela: _____

estado _____ naturalidade: _____

região de _____

paróquia de _____

residência habitual _____

2. A mãe materno de respeito do natural de São de São Roque, no 2167/33. em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete.

Mãe: Beafuldina Ferreira Fontes

estado saltina naturalidade: _____

freguesia de Bissau, onde tem _____

conselho de _____

residência habitual _____

Beafuldina de Figueiredo uma filha de Almeida e do casamento em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete. em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete. em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete.

Avós paternos _____

Avós maternos João Ferreira Costa e Estabél

Declarante _____

Mensões especiais: assento com base em Carta de 2 de agosto de 1900 em delegação do Registo Civil de Beira, a favor de seu pai e da filha de mil noventa e sete e setenta e sete e do casamento em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete. em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete. em 2 de agosto de 1900 de 1000 mil noventa e sete e setenta e sete.

Assento: subscrito pelo Conselheiro do Registo Civil de Beira

Conservatória do Registo Civil de Beira

horas e _____ de _____

de _____ de mil noventa e sete

em _____ de _____

Murformen

Avós maternos João Ferreira Costa e Estabél
 Declarante _____

"NHA BIJAGÓ" - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

N.º 62.—Vista a proposta do juiz de direito da comarca da Guiné portuguesa; hei por conveniente, com o voto do conselho do governo, nomear os seguintes indivíduos para, no biennio de 1879 e 1880, exercerem o cargo de juiz eleito e seus substitutos nas freguesias dos julgados da mesma comarca abaixo indicados:

JULGADO DE BISSAU

Freguesia de N. Sr.ª da Candelaria: juiz eleito, Alvaro Ledo de Pontes; substitutos, Gregório Vaz Fernandes e José Camillo da Silva.

Freguesia de N. Sr.ª da Natividade: juiz eleito, Antonio Pereira dos Santos; substitutos, Luiz Francisco de Assis Evora e Ernesto José Afonso.

As autoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e exceção da presente competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Governo geral da provincia, na cidade da Praia, 6 de março d.º 1879.—Antonio da Nascimento Pereira Sampaio, Governador Geral.

ANNUNCIO

2.º ANNUNCIO

Pelo juizo de direito da comarca da Guiné portuguesa e pelo cartorio do escrivão do primeiro officio, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação do segundo annuncio no *Boletim official* da provincia, citando todos os credores ou legatarios, desconhecidos ou domiciliados fóra d'esta comarca, e bem assim quaesquer pessoas incertas que se julguem com direito aos bens do casal inventariado, para os deduzirem e assistirem a todos os termos da continuação do inventario orphanologico, e que se procede por obito de D. Aurelia Correia, moradora que foi em Bissau, e no qual é inventariante D. Francisca Ferreira d'Azevedo.

Bolama, 20 de julho de 1882.—O escrivão, José Joaquim da Silva Barata.

Verifiquei a exactidão.—O juiz substituto do de direito, Xavier Delgado. (1)

COMMANDO MILITAR DE BISSAU

Relação dos individuos que falleceram no mez de maio de 1888 *

| Dia | Nomes | Filiação | Naturalidade | Idade | Estado | Profissão |
|-----|------------------------------|--------------------------------|---------------|----------|----------|-----------|
| 10 | Augusto Carlos Contente..... | Fernando Antonio Contente..... | Portugal..... | 32 annos | Solteiro | Militar |
| 26 | Adelaide Ledo Pontes..... | José Ledo Pontes..... | Bissau..... | 30 " | " | " |
| | | | Idem..... | 19 " | " | " |

Commando militar de Bissau, 1 de junho de 1888.—O commandante militar, Joaquim Antonio Pereira, capitão!

Guiné — Bissau

Para a voreação camarária durante o triênio de 1918 a 1921

Vereadores effectivos

Joaquim António Pereira, general reformado e proprietário.
César Carlos Medina, agente comercial e proprietário.
Alvaro Coelho Mendonça, procurador judicial.
Raimundo Ledo Pontes, procurador judicial e proprietário.
Carlos Cabral Avelino, proprietário.

Vereadores suplentes

Pedro Isaac da Costa, empregado do comércio e proprietário.
Antonio dos Santos Teixeira, negociante e proprietário.
José Sylla, negociante e proprietário.
Miguel de Carvalho Ferreira dos Santos, empregado do comércio.
Fausto Mata Mouros Resende Costa, negociante.

ANEXOS

Liga Africana

Liga Guineense

Effectivos da direcção:

Francisco José d'Araújo — Presidente.
Antonio dos Santos Teixeira — Tesoureiro.
Pedro Isaac da Costa — Secretario.

Substitutos:

Manoel Gomes Barboza — Vice presidente.
José Syllá — Tesoureiro-substituto.
Agar Mario Fernandes — Secretario-substituto.

Effectivos do conselho fiscal:

José Gomes d'Aguiar
Raymundo Lede Pontes.

Substitutos:

José Ferreira Crato.
Pedro dos Reis Pires.

Conselho Director Central

Presidente — *José Antonio de Magalhães* — Medico e professor
Vice-pr. — *Lourenço Alves Pires Amado* — Medico e Agr. tor
Tesoureiro — *Luis Alberto de Pinho* — Comerciante e Industr.
Secret. — *Antonio Carlos Rebelo Cabral* — Medico
 — *Lino de Sousa Bayão* — Estudante
Vagas — *Augusto de Sousa Magalhães* — Prof. de ed. fisica
 — *Joaquim Monteiro de Macedo* — Engenheiro

Conselho Fiscal

Manuel Hermínio Paquete — Engenheiro
Salustino da Graça do Espirito Santo — Estud.
Alfredo dos Santos Pinto — Proprietario
Joaquim da Graça do Espirito Santo — Propriet.

Meza da Assembleia Geral

Presidente — *Bartholomeu Gonçalves Pinto* — Medico
Vice-pr. — *Eduardo Crisanto Xavier de Valez* — Med. e prof.
Sec. efec. — *Marcelo Francisco Veiga da Mata* — Proprietario
 — *Pascoal Pires dos Santos* — Estudante
Sec. subst. — *Justino Antonio dos Santos* — Estudante
 — *Gentil José dos Santos* — Estudante

Delegados

S. Temé — *Ayres de Menezes* — Medico
L. Marques — *João Albasini* — Jornalista
Gulot — *Raymundo Leite Pontes* — Proprietario

Administrativo — colocado como encarregado do Posto Administrativo de Uno. s: ir
 — Carlos de Jesus Leopoldo, aspirante do Quadro Administrativo — colocado como encarregado do Posto Administrativo de Cacine.
 — Luis Lede Pontes, amanuense, interino, da Repartição Central dos Serviços de Administração Civil I
 — colocado como encarregado do Posto Administrativo de Caravela.
 — Alberto Onofre Ramos, professor auxiliar — colocado na Inspeção de Instrução Pública. C d p
 — Aguinaldo Monteiro Andrade, professor auxiliar — colocado na Escola Mixta de Farim.
 — António Barboza Carreira, secretário do Quadro



Bolama, Rua Governador Caldeira.

Receita de Brindge, cedida por Carolina P. Borja e que já nos últimos meses de vida, “*Nha Bijagó*”, pediu a Clotilde Pereira de Borja, (*Iti*), para a confeccionar e foi servida em casa da velha senhora.

Tempera-se a carne fresca — de pato, galinha ou porco — com alho, louro, cebola, sal e vinagre, deixando-a a marinar uma, duas ou, até, mais horas, para que o tempero se entranhe bem.

Depois põe-se a carne a cozer e, quando a cozedura começar a levantar, junta-se polpa ou massa de tomate.

Antes da terminar a cozedura, junta-se-lhe, para cozer, mandioca ou batata.

De seguida, frita-se a carne.

Por fim, recorre-se à água que ficou da cozedura inicial, a qual se aproveita para fazer o arroz, ao qual, em quantidade suficiente, se deita óleo de cozinha.

ANEXOS

Testamento público de Dona Leopoldina Ferreira Pontes, celebrado a 10.06.1929, em Bolama.



Dada a dificuldade de leitura, apresenta-se, de seguida, a transcrição dactilografada do referido testamento.

Aos dez dias do mês de Junho de mil novecentos e vinte e nove, nesta cidade de Bolama da Comarca da Guiné Portuguesa e casa de residência do Excelentíssimo Senhor Caetano Filomeno de Sá, solteiro, maior, funcionário público, sita na rua, Doutor Andrade Sequeira, onde eu notário rogado vim, aqui, perante mim Francisco da

Silva Marques, notário nesta Comarca e as testemunhas Doutor António Carlos Rebelo Cabral, casado, médico, Augusto Jesus Santos Lima, solteiro, maior, funcionário público, Bernardo Heitor da Silveira Lorena, solteiro, maior, funcionário público, Daniel da Rocha Cabral de Quadros, casado, funcionário público e Ernesto Lima Whanon, casado, funcionário público, este residente em S. Domingos, desta Província e de passagem nesta cidade, os restantes residentes em Bolama, compareceu a Excelentíssima Senhora Dona Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, maior, proprietária residente em Bissau, e de passagem nesta cidade, posto que eu notário e as referidas testemunhas que são minhas conhecidas; reconhecemos pela própria, e todos nós a certificamos bem como certificamos que ela se encontra em seu perfeito juízo e livre de toda e qualquer coação. E por ela Dona Leopoldina Ferreira Pontes, em presença das mesmas testemunhas, foi dito que: é católica, apostólica e romana, nesta fé tem vivido e nela espera morrer. Que é viúva de José Ledo Pontes, falecido há anos, de cujo matrimónio houve quatro filhos, sendo dois já falecidos e os restantes residem em Bolama, a sua filha Clementina Ledo Pontes, a outra de nome Adelaide Ledo Pontes, em Bissau, ambas ainda solteiras e de maior idade. Que possui bens, e deseja fazer o seu testamento e exposição de última vontade, pela maneira seguinte: — que é possuidora de trinta, digo, de três quintas partes dum prédio de primeiro andar rua General Polaco, o qual deixa à sua filha Adelaide, acima referida; que um outro prédio também de primeiro andar na rua General Bastos, deixa-o na sua totalidade à sua filha Clementina; que além dos filhos que acima indicou tem mais os seguintes: Leonor Ledo Pontes, solteira, maior e Leopoldina Ledo Pontes, solteira, de dezoito anos, havidos de Luís Ledo Pontes; e ainda Adriana Pinheiro de Figueiredo, de catorze anos, havida de Joaquim Pinheiro de Figueiredo, residentes em Lisboa e todos já reconhecidos. Que deixa à sua filha Adriana Pinheiro de



ANEXOS

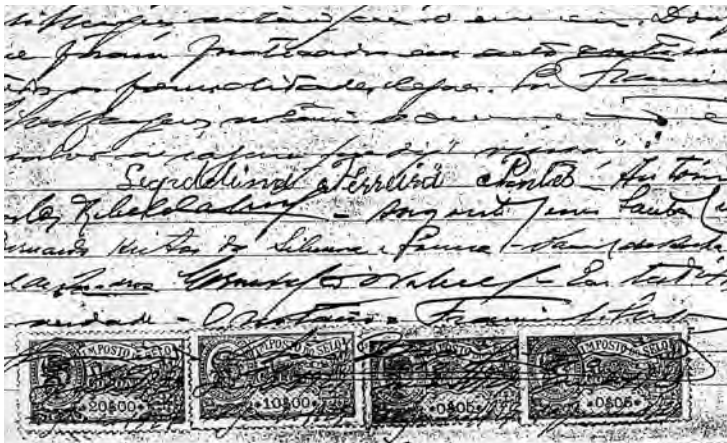
Figueiredo, uma casa de rés-do-chão, que possui em Bissau, assim como, digo, Bissau na Travessa João Monteiro, em Bissau, aonde também é a situação dos outros prédios já referidos; um outro prédio que também possui em Bissau, de rés-do-chão na rua Avenida Cinco de Junho, deixa-o às suas filhas Leonor e Leopoldina, para ser dividido em partes iguais. Que possui anexo à casa que deixa à sua filha Leonor, na rua Avenida Cinco de Junho, um terreno, o qual deseja que fique pertencendo, uma terça parte a cada um dos seus três netos Mário, Albano e Vítor, filhos de José Júlio de Sousa. Que possui ainda um outro terreno, para construção, no Bairro Indígena em Bissau, o qual deixa a Claudina

Ledo Pontes, solteira, maior, doméstica, que vive com sua filha Clementina; neste terreno, é seu desejo mandar edificar uma casa de rés-do-chão, com pedra e cal, mas se falecer, antes desse seu desejo se realizar, deseja que os contemplados neste testamento contribuam em comum para a sua edificação, ficando o terreno e a construção pertença da referida sua filha, digo, referida Claudina. Que ela testadora deseja, no caso de seu falecimento, que António Ferreira Santos²⁴⁴, com quem hoje vive, fique com o direito a habitar durante a sua vida a casa que deixou às suas filhas Leonor e Leopoldina, pois o dito Ferreira Santos, disso necessita. Que de todos os bens que ficam mencionados, o seu usufruto, pertence a ela testadora. Assim o disse, do que dou fé, indicando para seu testamenteiro o Exmo. Senhor Caetano Filomeno de Sá, solteiro, maior, funcionário público, residente nesta cidade. E na presença das testemunhas, lavei ininterruptamente este testamento que a testadora e as teste-

²⁴⁴ Como se disse, era funcionário público, natural de Cabo Verde, tinha uma “ponta”, do lado direito de quem vai para Antula, depois de passar a casa do Dr. Armando Pereira. Essa propriedade foi herdada pelo sobrinho Marcelino João Ferreira Santos.



munhas comigo notário assinam, depois de lido em voz alta, perante todos presentes ...?.....?.....?.....?.....?.....?..... Dou fé que foram praticadas, em acto contínuo todas as formalidade legais. Eu Francisco da Silva Marques ...?.....?.....?.....?.....?.....?.....?.....?.....?.....



Como se pôde ver, grande foi a dificuldade de percepção do texto manuscrito do referido testamento e cuja parte final reproduzimos e apresentamos como comprovativo pela fotocópia supra.

REPARTIÇÃO CENTRAL DOS SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO CIVIL

Despachos

De 21 de Fevereiro findo:

Filomeno Francisco Xavier da Piedade e Sá, aspirante, provisório, do Quadro Administrativo — colocado na Administração do Concelho de Bissau.



ANEXOS



Desfile da P.S.P., na antiga Praça do Império, em 1958, e duna força da Marinha, vinda da antiga Praça Honório Barreto, em Bissau.



"NHA BIJAGÓ" - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE



R. Honório Barreto, na Baixa de Bissau e em épocas diferentes.



ANEXOS

De seguida, apresento a folha de rosto do segundo testamento público de Dona Leopoldina Ferreira Pontes, celebrado em Bissau a 29.01.1959.



Dada a generalizada dificuldade de leitura do documento, entendi, também, fazer do mesmo e no quanto é perceptível, uma transcrição dactilografada.

Testamento de Leopoldina Ferreira Pontes.

No dia vinte e nove do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, numa casa de residência da outorgante, sita na Avenida Mouzinho de Albuquerque, da cidade de Bissau, onde vim expressamente rogado para este acto, perante mim Doutor Arthur Mendes de Almeida Pacheco de Andrade de Gouvêa de Sousa e Távora, notário da sede da comarca da Guiné, com cartório notarial na Rua Capitão Barata Feio, da cidade de Bissau, e três testemunhas cuja idoneidade verifiquei, minhas conhecidas e da outorgante, Mário Lima, viúvo, comerciante, Francisco de Sousa Graça, casado, funcionário público aposentado e Augusto António Pereira, casado, empregado comercial, todos moradores nesta cidade de Bissau, compareceu como outorgante, cuja identidade as mesmas testemunhas e eu notário reconhecemos, Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, proprietária, moradora nesta casa, pes-soas que eu notário e as ditas testemunhas reconhecemos estar em perfeito juízo e livre de toda a coação.

E, pela outorgante, foi dito:

Que é viúva de José Ledo Pontes e possui um terreno para construção, sito nesta cidade e descrito na competente conservatória, sob o número quatrocentos noventa e oito, a folhas quatrocentos oitenta e três do livro A – nono, com frentes para as ruas Nosolini e General Bastos, o qual deixa a sua filha Clementina Ledo Pontes de Sá, viúva, doméstica e moradora nesta cidade.

Que mais possui um prédio urbano, sito nesta cidade na rua João Monteiro de Macedo, descrito na competente conservatória, sob o número seiscentos e noventa, a folhas cento e cinco verso, do livro B – sétimo, construído de alvenaria, coberto a telha, com quatro divisões, o qual deixa a sua filha Adriana Pinheiro de Figueiredo, solteira, maior, doméstica, moradora nesta cidade e casa;

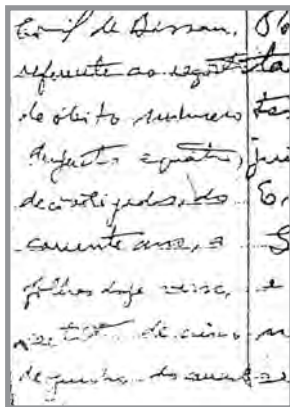
ANEXOS

Que possui ainda um prédio urbano, sito na Avenida Mouzinho de Albuquerque, desta cidade, construído de alvenaria e coberto a telha, com uma meia água; Que deixa a suas filhas Leonor e Leopoldina, o dito prédio, excepto a referida meia água, que doa aos herdeiros de suas falecidas filhas Adelina e Adelaide, com os respectivos direitos de representação. Que assim tem feito o seu testamento, que será cumprido por todos, nos precisos termos em que se encontra redigido. Assim o disse e outorgou, do que dou fé, lavrei ininterruptamente este testamento, o qual depois foi lido e explicado o seu conteúdo, tudo em voz alta, por mim notário, na presença simultânea da outorgante e das testemunhas, as quais o assinam comigo, não assinando a outorgante que declarou não o poder fazer, dando eu fé de que foram cumpridas todas as formalidades legais, em acto contínuo.

Imposto de selo, por estampilhas. Vinte e cinco escudos.

Em tempo – Em vez da testemunha Mário Lima, intervém uma testemunha conhecida de mim e da testadora, Godofredo Vermão de Sousa, solteiro, maior, professor particular, morador nesta.

Averbamento número um. A testadora faleceu, às doze horas do dia vinte e seis do mês de Maio do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, na cidade de Bissau, como consta duma certidão número quinhentos vinte e quatro, da Repartição do Registo Civil de Bissau, referente ao registo de óbito número duzentos e quatro, de?..., do corrente ano, a folhas doze verso, certidão de cinco de Junho do corrente ano, apresentada hoje seis de Junho de mil novecentos cinquenta e nove.



PARTE NÃO OFICIAL

Anúncios judiciais e particulares

JUDICIAIS

Juízo de Direito da Comarca de Bissau

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

No Juízo de Direito da comarca de Bissau, e cartório do 2.º ofício, a cargo do escrivão do 1.º ofício, Martins Henriques, correm éditos de 30 dias, a contar da data da 2.ª publicação deste anúncio no *Boletim Oficial* da província, citando quaisquer herdeiros ou interessados incertos, para impugnarem por embargos uns autos de investigação de paternidade ilegítima, requerida por Leopoldina Ferreira Pontes, viúva, maior, proprietária e moradora em Bissau, na qualidade de mãe e representante de sua filha menor «Adriana» de 7 anos de idade, a qual pretende nos termos do decreto n.º 2, de 25 de Dezembro de 1910, habilitar-se como herdeira de seu pai Joaquim Pinheiro de Figueiredo (conhecido por «Dedé»), solteiro, negociante e proprietário que foi desta colónia, natural da ilha do Fogo, de Cabo Verde, fale-

publicação deste no *Boletim Oficial* da província, sob pena de revelação. As audiências deste juízo fazem-se no respectivo tribunal, sito nesta cidade, no Largo Oliveira Duque, em todas as 2.ª e 5.ª feiras de cada semana, pelas 10 horas, não sendo feriados, e sendo-os fazem-se nos dias imediatos.

Bissau, 12 de Março de 1922.

O Escrivão do 1.º ofício,
António Martins Henriques

Verifiquei a exactidão — O Juiz de Direito, 2.º substituto, *Albano de Campos*. (Preço: 18892).

PARTICULARES

Repartição do Fomento — Direcção de Agrimensura

Aviso

(1.ª publicação)

Por este se faz constar que, em

24.º e 16.º de Julho de 1923. — O Presidente, *Calheiros Abreu*. (Preço: 35\$44).

(1.ª publicação)

José Maria Calheiros Abreu, presidente da Comissão Municipal de Bissau.

Faço saber que no dia 5 de Agosto proximo, pelas 10 horas, á porta do edificio da Comissão Municipal, terá lugar o aforamento em hasta pública dos talhões números 3 e 6 do quarteirão compreendido entre as avenidas 5 de Junho e de Antula e as transversais 12 e 13, requeridos por Leopoldina Ferreira Pontes.

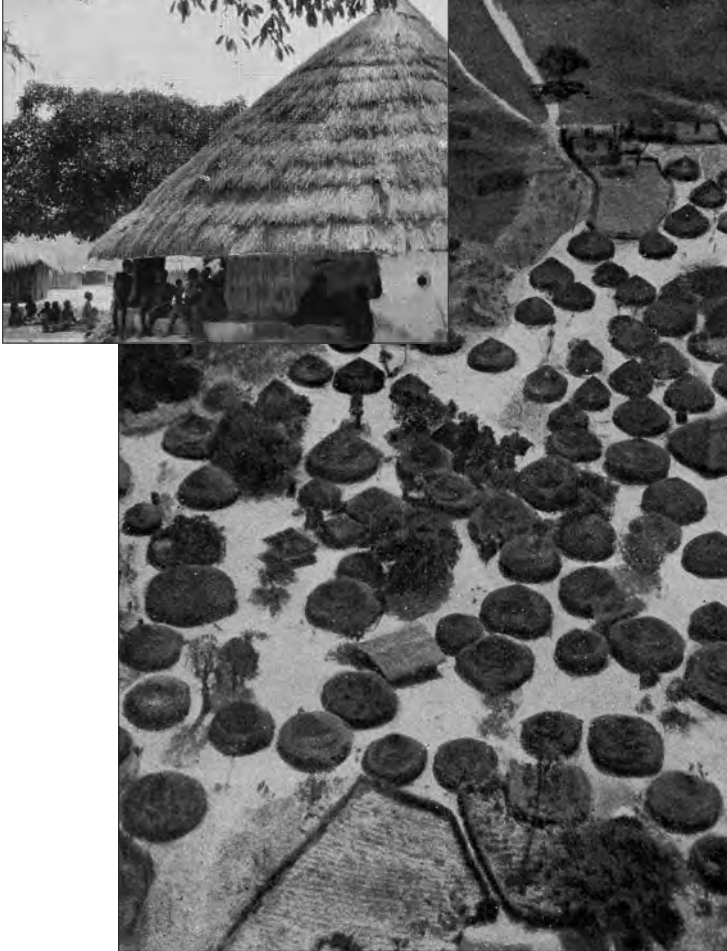
O terreno requerido destina-se á construção de casas de habitação e pertencas, e o preço, base do fóro, é de \$13 por metro quadrado.

Os pretendentes não requerentes

D
men
de 1
de
da 1
F
rent
edif
luga
blic
teiri
nida
II e
área
requ
Alm
O
cons



ANEXOS



Do livro “En el Reino de los Bidyogo”, de Hugo Adolf Bernatzik que no início dos anos 30 do séc. XX estudou os Bijagós. Povoação de Etikoka situada a oeste da Ilha de Orango Grande, em que as palhotas circulares eram pertença de famílias reais, enquanto as quadrangulares de comerciantes estrangeiros.



“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE



Residência do Governador, em Bolama.



Antiga residência para funcionários, no “Bairro Portugal”.

ANEXOS

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CARTÃO
DE
BENEFICIÁRIO



105 220 789
B. N.º LEOPOLDINA LEDO PONTES

FILIAÇÃO } Leopoldina Ferreira Pontes

NASC. 16/6/910

ADMISSÃO

1/1/974 EM

21 JUN 1974

Mod. CNP 111-067

[Signature] O Presidente

REPÚBLICA PORTUGUESA

Ministério dos Serviços de Identificação

ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO

BILHETE DE IDENTIDADE

de

CIDADÃO NACIONAL

N.º 223062-B

Leopoldina Ledo Pontes

[Signature]

Este bilhete tem a validade de um ano a contar da data de emissão.

Natural de

Data do nascimento: 16/6/910

Estado civil: casada

Residência: Lisboa

Impressão do indivíduo



Este bilhete é válido

em

1972

até ao 4-3-1964

O DIRECTOR

[Signature]

Leopoldina Ledo Pontes

“NHA BIJAGÓ” - RESPEITADA PERSONALIDADE DA SOCIEDADE GUINEENSE

AQUI JAZ
ROSA LAM DOS SANTOS
NASCEU A 16-3-1921
FALECEU A 29-2-1964
ETERNA SAUDADE DE SEU
MARIDO E DOS SEUS
QUERIDOS FILHOS



A MEMORIA DE
GODFREDO VERIMÃO DE SOUSA
N. A 26-10-1914 T. A 29-3-1960
ETERNA SAUDADE DE SUA MAE
FILHOS E RESTANTE FAMILIA
ULTIMA RECORDACAO DOS SEUS
TRES ENTES QUERIDOS



ANEXOS

40

BOLTIM OFICIAL DA REPUBLICA DA GUINÉ-BISSAU N.º 4

Subcomissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura:

Despacho e avião.

Direcção-Geral do Ensino Primário:

Listas definitivas dos candidatos admitidos e excluídos do concurso para lugares de professores de 1.º e 2.º grau, por contrato, eventual e de professores primários eventuais.

União Nacional dos Trabalhadores da Guiné:

Instituto do Trabalho, Previdência e Acção Social:

Despachos.

Santa Casa da Misericórdia da Guiné-Bissau:

Lar Santa Isabel:

Despacho.

PARTE III

AVISOS E ANÚNCIOS OFICIAIS

Câmara Municipal de Presidência das Empresas do Comércio e da Indústria da Guiné — Edição.

República da Finança do Conselho de Bissau — Edição.

PARTE I

PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE (PAIGC)**Aviso**

Torna-se público que, sob proposta do Conselho dos Comissários de Estado e da Câmara Municipal de Bissau, os militantes do PAIGC e a população de Bissau, reunidos num grande comício popular que teve lugar no dia 20 de Janeiro — Dia dos Heróis Nacionais —, decidiram modificar a toponímia da cidade de Bissau e dar novas designações a diversos estabelecimentos públicos.

Assim, passam a ter as seguintes designações:

Praça dos Heróis Nacionais — anteriormente Praça do Império
Avenida Amílcar Cabral — anteriormente Avenida da República
Praça dos Méritos do Colonialismo — anteriormente Praça Nuno Tristão
Praça Ernesto Che Guevara — anteriormente Praça Honório Barreto
Praça dos Combatentes da Liberdade — anteriormente Praça Teixeira Pinto
Praça do Combatente Desconhecido — anteriormente Largo do Colégio Militar
Praça Titina Sili — anteriormente Largo dos Lusitãos
Largo das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (F. A. R. P.) — anteriormente Largo Diogo Cão
Avenida Passau Na Isna — anteriormente Avenida Américo Tomás
Avenida Domingos Ramos — anteriormente Avenida Carvalho Viegas
Avenida do 3 de Agosto — anteriormente Avenida Agostinho Coelho

Avenida Osvaldo Vieira — anteriormente Avenida Vaz Monteiro

Avenida da Unidade Africana — anteriormente Avenida Arnaldo Schultz

Avenida da Independência — abrange toda a extensão das antigas avenidas Teixeira Pinto e Sarmento Rodrigues

Avenida da Unidade da Guiné e Cabo Verde — anteriormente Avenida Gago Coutinho

Rua Rui Djassi — anteriormente Rua Padre Pinheiro

Rua Guerra Mendes — anteriormente Rua Dr Salazar

Rua Corca Só — anteriormente Rua João Bacar Djaló

Rua Eduardo Mondlane — anteriormente Rua Sá Carneiro

Rua António N'Bana — anteriormente Rua Tomás Ribeiro

Rua Joaquim N'Coen — anteriormente Rua Caetano de Sá

Rua 24 de Setembro — anteriormente Rua Capitão Barata Feio

Rua 12 de Setembro — anteriormente Rua Miguel Bombarda

Rua 10 de Setembro — anteriormente Rua Honório Barreto

Rua Vitorino Costa — anteriormente Rua Lamine Indjei

Rua Aroelino Cruz — anteriormente Rua de Macau

Rua 1 — anteriormente Rua Almirante Reis

Rua 2 — anteriormente Rua General Bastos

Rua 3 — anteriormente Rua Nozolini

Rua 4 — anteriormente Rua Governador Polaco

Rua 5 — anteriormente Rua Domingos Lago

Rua 6 — anteriormente Rua Capitão Lage

Rua 7 — anteriormente Rua Sargento Moens

Rua Justino Lopez — anteriormente Rua Administrador Gomes Pimentel

Rua 10 — anteriormente Rua Dr. Vieira Machado

Rua 12 — anteriormente Rua Guerra Junqueiro

Rua 13 — anteriormente Rua Tenente Marques Geraldes

Rua 14 — anteriormente Rua Governador Sousa Guerra

Rua 15 — anteriormente Rua Mouzinho de Albuquerque

Rua 16 — anteriormente Rua de Timor, com continuação pela Rua Queimado de Sousa

Rua do Boé — anteriormente Rua Estado da Índia

Rua 17 — anteriormente Rua Alferes Linhares de Almeida

Rua 18 — anteriormente Rua Estreita

Rua 19 — anteriormente Rua Joaquim Leal

Estádio Lino Correia — anteriormente Estádio Sarmento Rodrigues

Liceu Kwame N'Krumah — anteriormente Liceu Honório Barreto

Hospital Simão Mendes — anteriormente Hospital Central de Bissau

Aeroporto Internacional de Bissau — anteriormente Aeroporto Craveiro Lopes

Secretaria do Geral do PAIGC, em Bissau, 21 de Janeiro de 1975. — O Secretário-Geral, *Artur Mendes Pereira*.

BIBLIOGRAFIA

PRINCIPAIS OBRAS CONSULTADAS:

| TÍTULO | AUTOR |
|---|--|
| A Guiné-Bissau hoje. | Patrick Erouat. |
| A Guiné do séc. XVII ao séc. XIX. | Fernando Amaro Monteiro e Teresa Valdez Rocha. |
| Africa Occidental – Notícias e considerações. | F. Travassos Valdez. |
| Anuário da Província da Guiné (1925). | Armando A. Gonçalves de Moraes e Castro. |
| Anuário da Província da Guiné (1946 e 148). | Vários autores. |
| Anuário de Macau (1927). | Diversos autores. |
| As perseguições feitas a António dos Santos Teixeira, pelo capitão João Teixeira Pinto. | Luiz Loff de Vasconcellos. |
| Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde. | Diversos anos. |
| Boletim Oficial da Guiné. | Diversos anos. |
| Em “Chão de Papel” na terra da Guiné. | Armando de Aguiar. |
| En el reino de los Bidyogo. | H. A. Bernatzik. |
| Estatutos da Liga Guineense. | |
| Estatutos da Liga Africana. | |
| Exposição Histórica da Ocupação no Séc. XIX. Principais factos da ocup. ultramarina. | João J. de Melo Migueis. |
| Guiné — Sep. ^{ta} n.º 44, do Bol. A.G. Colónias. | A. Leite de Magalhães. |

²⁴⁵ Coordenado por Fausto Castilho Duarte.

²⁴⁶ Com sede em Bissau, a Liga Guineense foi constituída em 25.12.1910, tendo o Estatuto sido aprovado pela Portaria n.º 192, de 24.06.1911.

²⁴⁷ Com sede em Lisboa, a Liga Africana foi constituída em 30.08.1920 e o seu Estatuto foi aprovado pelo Governo Civil de Lisboa, nos termos do Art.º 1º, da Lei, de 14.02.1907, das Associações.

BIBLIOGRAFIA

| TÍTULO | AUTOR |
|---|--|
| Guiné — Apontamentos Inéditos. | Henrique A. D. Carvalho. |
| Guiné-Bissau. | Michel Renandeu. |
| Guiné minha terra. | Armando de Aguiar. |
| História das Colónias Potuguesas. | Rocha Martins. |
| História da Guiné (1418-1918). | João Barreto. |
| História da Guiné vol. I e vol. II (1841-1936). | René Pélissier. |
| História das Missões Católicas da Guiné. | Henrique Pinto Rema. |
| Memórias e Reflexões. | Juvenal António Lopes da Costa Cabral. |
| Nomes vernáculos de algumas plantas da Guiné Portuguesa. | Joaquim V. G. do Espírito Santo. |
| O crioulo da Guiné-Bissau. Filosofia e Sabedoria. | Benjamim Pinto Bull. |
| O Tráfico de Escravos nos Rios da Guiné e Ilhas de Cabo Verde. (Separata n.º 14 do Centro de Est. de Antrop. Cult. – J.I.C.U.). | António Carreira. |
| Os Portugueses na Guiné. Apontamentos para uma síntese. | Mário Matos e Lemos. |
| Postais antigos da Guiné. | João Loureiro. |
| Relatório da Província da Guiné Portuguesa (1888 -1889) | Joaquim da Graça Correia e Lança. |

ÍNDICE

| CAPÍTULO | PÁG. |
|---------------------------------|------|
| Prefácio. | 005 |
| Intróito. | 009 |
| Quem era? | 013 |
| Descendência directa. | 019 |
| Família Ledo Pontes. | 035 |
| Enquadramento cronológico. | 041 |
| Depoimentos. | 061 |
| Valor Patrimonial. | 093 |
| Os famosos... .. | 097 |
| Testamentos. | 103 |
| Nominho... .. | 109 |
| Local da residência. | 123 |
| Em campa rasa! | 127 |
| Conclusão. | 131 |
| Agradecimento. | 133 |
| Anexos. | 137 |
| Bibliografia. | 158 |

FICHA TÉCNICA

Título original: “*Nha Bijagó*”.

Respeitada Personalidade da
Sociedade Guineense (1871-1959).

Autor: António Júlio Emerenciano Estácio

Revisão do texto: Maria Isabel dos Santos Lopes Martins.

Capa: António Andrade.

Arranjo gráfico: Paulo Marques.

Editor: António Júlio Emerenciano Estácio.

Impressão e acabamento: Fábrica das Letras

Primeira edição: Junho de 2011.

Tiragem: 500 exemplares.

© **Copyright:** António Júlio Emerenciano Estácio.

Depósito legal: